This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

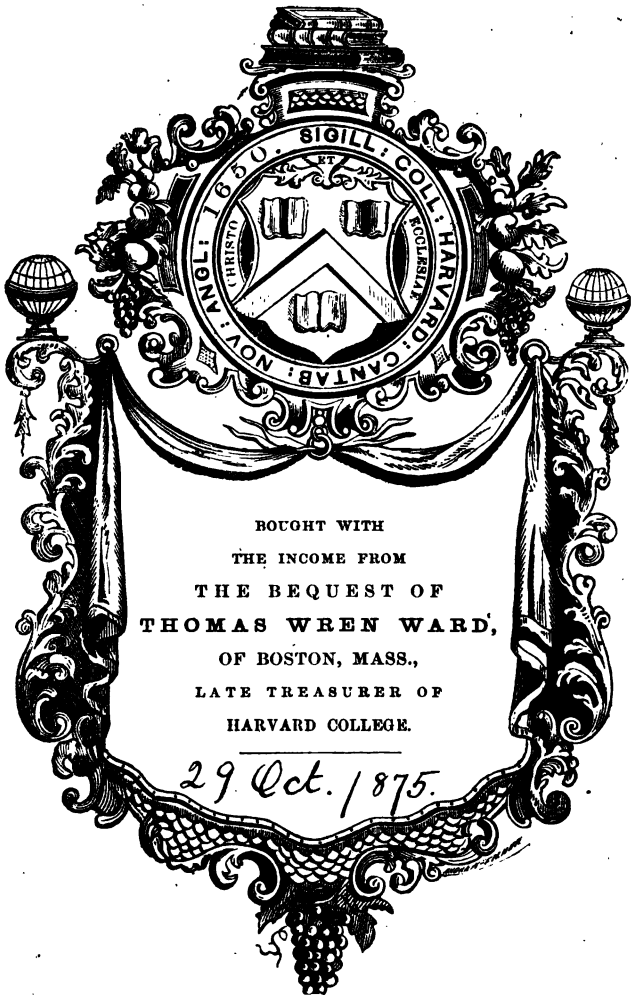
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

5272
519



BOUGHT WITH
THE INCOME FROM
THE BEQUEST OF
THOMAS WREN WARD,
OF BOSTON, MASS.,
LATE TREASURER OF
HARVARD COLLEGE.

29 Oct. 1875.

CAMÕES

E OS

LUSIADAS

CAMÕES

E OS

LUSIADAS

ENSAIO

HISTORICO-CRITICO-LITTERARIO

POR

FRANCISCO EVARISTO LEONI

COMMENDADOR DA ORDEM MILITAR DE SAN' BENTO DE AVÍS
CAVALLEIRO DA MESMA ORDEM
E DA ANTIGA E MUITO NOBRE DA TORRE E ESPADA DO VALOR, LEALDADE E MERITO
SOCIO DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE LISBOA
E DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL
GENERAL DE BRIGADA REFORMADO &C.

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA—EDITOR
50—RUA AUGUSTA—52
1872

Port. 52 ~~38.7~~ 72.519

1875, Oct. 29.
Ward Fund.

Imprensa de Sousa Neves, Rua da Atalaia, 65

INTRODUCÇÃO

I

Do muito que á cêrca de Luiz de Camões e dos Lusiadas se-ha escripto, não só em Portugal, senão em paizes extrangeiros, deveramos inferir que se-acha esgottado o assumpto, e que nada que de novo nos-esclareça sobre este homem extraordinario, e nos-faça melhor sentir e appreciar o merito do seo poema, póde hoje accrescentar-se ao já investigado e sabido.—É, todavia, o que nos não parece; e mais nos-confirma 'nesta idéa o que ultimamente temos visto publicar.

Convencidos da verdade do que deixâmos dicto, vamos expôr as reflexões que a critica nos-ha suggerido. —Ás conjecturas, que se-ham aventurado sobre alguns ponctos controversos da vida do poeta, anteporemos as nossas conjecturas, e faremos ponderosas appreciações

sobre os Lusiadas, pregão sublime das glorias da nossa patria, e monumento perduravel e inconcusso que em vão a inveja tem pretendido abalar.

Para appreciar devidamente Luiz de Camões é indespensavel conhecermos o seculo em que nasceu: o estado em que se-achavam as lettras, e as idéas que então predominavam; porque, sendo estas idéas un como ambiente que todos respiram e do qual, mais, ou menos, não podem deixar de participar, é necessariamente por ellas que havemos de afferir as altas concepções do cantor dos Lusiadas e avaliar o quanto sobresaíu aos grandes homẽes do seo tempo e poude mesmo competir com os da antiguidade.

Nos principios do seculo XVI achava-se a Europa finalmente resgatada das trévas em que jazera involta durante a edade media; o que foi devido aos successivos exforços que, para restaurar as lettras antigas, haviam impregado os homẽes mais eminentes. — Com o começo do seculo XIV aponctara em Italia a aurora da renascença; sendo Petrarca, Dante, e Boccacio os primeiros que deram impulso ao grande movimento litterario que depois se-desinvolveu e progrediu com un enthusiasmo de que não temos, talvez, exemplo em épochas mais recentes. — O primeiro d'estes tres poetas e eruditos formou uma eschola, que, comquanto não produzisse discipulos que o-egualassem, exerceu, todavia, uma pasmosa influencia no estilo e na fórma da poesia, não só dentro da Italia, senão ainda em França, Hespanha e Portugal. — Tendo-se cuidadosamente applicado a aperfeiçoar a lingua italiana, conseguiu dar-lhe

a pureza e a elegancia que não tinha; mas o maior serviço que prestou e que não lhe-póde ser disputado, foi, seguramente, o de fazer reviver o gosto da antiguidade classica.—Dedicando-se com intranhavel zelo a descobrir e a fazer copiar os manuscriptos dos auctores antigos, restituiu ás lettras as Instituições Oratorias de Quintiliano, uma parte das Epistolas familiares e das Orações de Cicero, e, por ultimo, as Tragedias de Sophocles.—Dante, o segundo dos que contribuiram para a renascença, foi quem verdadeiramente creou a poesia italiana na *Divina Comedia*, poema de uma força e concisão admiraveis, no qual cada palavra exprime un complexo de idéas, e cada terceto un principio de moral.—Possuindo profundo conhecimento da antiguidade, e propondo-se Virgilio por modelo, quanto a estilo e eloquencia, fez com que a lingua se-prestasse a todas as exigencias, ao passo que a subjeitou a uma versificação nobre, rica e harmoniosa.—Como, porém, o objecto d'aquelle poema seja em parte politico e só de un interesse local, não podia exercer na litteratura geral da Europa a mesma influencia que produziu em Italia.

Coevo d'estes grandes homẽes, e não menos sabio e indefesso investigador da antiguidade, foi Boccacio o terceiro que contribuiu para a restauração das lettras, descobrindo e fazendo copiar uma infinidade de manuscriptos gregos e latinos que jaziam sumidos e dispersos por desvairadas partes, e impregando assiduas locubrações em restituir os que se-incontravam incorrectos, mutilados, e a que muitas vezes faltavam principio e fin.—A seos grandes exforços e fadigas deveu a Italia o

haver recuperado Homero que então só era conhecido pelo nome.—Entre muitas obras importantes escreveu em latin un tractado da *Genealogia dos Deoses*, cheio da maior erudição e em que revelou os vastos conhecimentos que possuia da mythologia, sciencia então desconhecida, que elle resuscitou e da qual se-serviu para dar uma infinidade de noticias sobre a antiguidade classica.—Esta obra foi como uma grande luz derramada de repente na Europa, e que fez conhecer á maior parte dos sabios d'aquelle tempo que lhes-era inteiramente extranha tal materia, ao passo que promoveu o gosto e facilitou o estudo e as investigações sobre a historia antiga. —Compôs tambem a *Theseida*, poema em 12 cantos no qual se-nos-depara o primeiro exemplo de versos em oitava rhythma.—O que, porém, lhe grangeou a maior celebridade foi o *Decamerone*, compilação de cem novellas, em que fielmente retrata os costumes licenciosos d'aquella épocha, e nos-offerece un modelo do romance moderno. 'Nesta composição que veiu a ser para a prosa italiana o que os sonetos de Petrarca e a Divina Comedia de Dante haviam sido para a poesia, fez adquirir á lingua toda a flexibilidade, numero e graça de que era susceptivel, imitando os longos e harmoniosos periodos de Cicero, e dando-nos ao mesmo tempo un exemplar de descripções, coisa que até alli se não conhecia e que foi outra sorte de progresso na moderna litteratura.

II

A estes tres luminares da reñascença succederam em Italia quasi sem interrupção homẽes de insigne talento, prestantissimos, e como que destinados pela Providencia para dilatarem os inda acanhados horisontes do saber humano. 'No seculo de que tratâmos floresceu Coluccio Salutato, celebre antiquario e erudito profundo, o qual póde com justo motivo reputar-se o primeiro critico moderno. — Havendo-se exclusivamente intregado ao estudo dos auctores antigos, conseguiu por seo grande discernimento, auxiliado da analyse e de uma applicação continua, conhecer que a maior parte dos mencionados auctores estavam corrompidos e viciados. — Zeloso de reparar este mal, escreveu uma obra cheia de erudição e de critica em que mostrou o lastimoso estado em que geralmente se-achavam os livros antigos: o que era devido á impericia e negligencia dos copistas, á temeridade de alguns homẽes que ouzavam corrigir o que não intendiam, e á malicia de outros que adrede alteravam aquelles escriptos para 'nelles inserir suas proprias opiniões. — 'Na mesma obra propunha e recom-

mendava os meios que era forçoso adoptar para que taes erros e abusos se não repetissem.

Em seguida Poggio Bracciolini, philologo e amador apaixonadissimo da antiguidade, persuadido de que nas bibliothecas dos mais affamados mosteiros de Allemanha, França e Italia se-achariam manuscriptos tam preciosos como ignorados de seos proprios possuidores, imprehendeu para tal fin differentes viagẽes, e teve a felicidade de descobrir e desinterrar debaixo do pó, em que jaziam desde muitos seculos, as obras dos mais celebres auctores que se-julgavam totalmente perdidas; taes foram oito orações de Cicero, as obras completas de Quintiliano, as de Columela, as de Vegecio, as de Frontino, a architectura de Vitruvio, uma parte de Lucrecio, tres livros dos Argonautas de Valerio Flacco, o poema astronomico de Manilio, o de Silio Italico, Ammiano Marcellino, Tertuliano, Julio Firmico, diversos grammaticos e outros auctores de menos nomeada. Ao mesmo tempo Gerardo Landriani descobria em Lodi entre acervos de ruinas a obra de Cicero *de Inventione* e os tres livros do *Orador*.—Em Allemanha foram tambem achadas as doze Comedias de Plauto, a obra de Salviano sobre a Providencia divina, e as poesias de Calpurnio e de Nemesiano [1].

Cada uma d'estas descobertas era recebida e festejada com un alvoroço e applauso indizivel: communicavam-na logo os sabios uns a os outros por chartas com que se-correspondiam; e a admiração que excita-

[1] Tiraboschi, Storia della Litter. Ital.

va a litteratura, a philosophia, o primor das artes, a civilisação e tudo que era antigo, recrescia com os novos conhecimentos que successivamente se-iam obtendo.

O impulso que haviam adquirido as lettras e que se-manifestava no ardor com que se-procuravam livros e se-formavam bibliothecas e collecções de antiguidades, onde se-accumulavam as estatuas, os baixos relevos, os vasos etruscos e outras muitas raridades, além da protecção que lhe-prestavam já muitos principes de Italia, sabios e favorecedores dos sabios, recebeu prosperrimo auxilio e redobrou de intensidade no seculo XV com a invenção da typographia, arte maravilhosa que, facilitando o meio de extrahir com rapidez un grande numero de copias, multiplica os exemplares e, tornando-os menos custosos, os-faz accessiveis a todo genero de pessoas. — Este invento feliz não só contribuiu para a restauração das lettras e para o progresso e civilisação da Europa, mas inda lhe-garantiu no futuro a impossibilidade de recair no obscurantismo e na escravidão, diffundindo as luzes e exclarecendo o intendimento humano, a despeito de todos os indices expurgatorios e de todas as leis tyrannicas do despotismo.

Quasi simultaneamente occorria un calamitoso evento, que veiu ainda favorecer as lettras em Italia; qual foi a tomada de Constantinopola por Mahomet II e a queda do imperio do oriente. — Esta grande catastrophe, fazendo emigrar uma multidão de gregos d'aquella vasta metropole e das cidades da Thessalia, do Epiro e do Peloponeso, conduziu ás côrtes dos principes de Italia,

onde foram benevolamente acolhidos, os sabios d'aquella nação, que trouxeram uma infinidade de manuscriptos e, com elles, outros tantos meios de conhecer e admirar a docta antiguidade.

III

Como resultado de tam auspiciosas circumstancias, generalisaram-se os conhecimentos, que até alli tinham estado concentrados no clero, representante da litteratura na edade media.—As academias rivalizaram entre si sobre qual havia de primar em saber e instrucção; e, começando a escrever os seculares, em pouco tempo produziram uma pleiade de litteratos, poetas e eruditos que eclipsou o mesmo clero.

Então se-viram apparecer os primeiros ensaios da poesia dramatica, e resurgir o gosto do theatro, que não podia deixar de ser considerado como un dos mais importantes objectos da antiguidade classica, e que, tanto na Grecia, como em Roma, junctamente com os ludos, fizera parte de todas as festas publicas, e mesma da religião.

As primeiras representações foram executadas posteriormente a o anno de 1470 pela academia de antigui-

dades e bellas lettras de Roma, fundada por Pomponius Lætus, que pôs em scena algumas comedias de Plauto e Terencio, recitadas em latin. Policiano, celebre philologo e poeta, que tambem contribuira para a restauração das lettras, compôs a *Favola di Orfeo*, primeiro drama italiano que se-representou na côrte de Mantua, cêrca do anno de 1480.—Foi escripto em verso e consta de cinquo actos, accompanhados de chóros, á guisa dos antigos. O das Dryades, que choram a morte desastrosa de Eurydice, é bellissimo: e o das Bacchantes, no gosto dithyrambico, é a primeira composição 'neste genero, que se-conhece depois da renascença.

A Policiano seguiu-se no mesmo impenho o cardeal de Bibbiena, que compôs a *Calandra*, comedia imitada dos Menechmas de Plauto, referta de lances jocosos, mas tambem de licenciosidades.—Sendo Bibbiena quem dirigia todas as festas apparatosas da côrte de Leão X, bem como as mascaradas e os mais divertimentos do carnaval, persuadiu o papa a que deixasse representar a Calandra com a *Mandragora* de Machiavel: e as scenas altamente indecentes d'estas duas comedias fizeram rir o pontifice que assistia ao espectaculo 'n un camarote especial, assim como Isabel d'Este e as mais formosas e distinctas damas da Italia.

Ariosto, auctor do Orlando furioso, escreveu tambem cinquo comedias, nas quaes procurou reproduzir as scenas do theatro romano, que todas se-passavam na rua, defronte das casas das principaes personagêes.—'Nellas se-incontra a mesma liberdade de expressão e se-vêem copiadas as mesmas figuras: amas, escravos, parasitas, &c.

Nos principios do seculo XVI appareceu a *Sophonisba*, primeira tragedia regular, composta por Trissino em versos soltos, e modelada no puro gosto dos tragicos gregos, que o auctor se-exforçou por imitar demasiado; não distinguindo as bellezas d'aquella procedencia, que sam appreciadas em todas as edades e em todas as nações, das que, sendo só proprias dos costumes obsoletos da antiguidade, perderam, por isso, o merito, e deixaram de ter acceitação nos tempos modernos.

O mesmo Trissino compôs a *Italia Liberata*, primeiro poema épico que appareceu na Europa depois da renascença, e cujo assumpto é a guerra gothica descripta por Procopio; guerra que libertou a Italia do jugo dos ostragodos.—O plano do poema não é de todo mal concebido; mas havendo o auctor tomado Homero por modelo, seguiu-o sem gosto e sem discernimento, ostentando uma erudição fastidiosa, e peccando pelos mesmos defeitos que notámos na Sophonisba.

IV

Segundo o que acabâmos de ver a renascença operou-se exclusivamente no sentido das lettras, das artes e de tudo quanto era da antiga civilisação greco-romana, muito mais adeantada e perfeita que a de então.— Como era natural que acontecesse, á instrucção abraçou as idéas e assumiu as fórmas da sciencia e da litteratura classica. — A philosophia não inxergou outro saber, nem admittiu outras verdades que não fossem as que insinaram Aristoteles e Platão, de que se-formaram duas escholas adversarias.

Averrhoes, philosopho arabe e commentador de Aristoteles, que se-inclinava ao materialismo e ao pantheismo, sustentando que não ha senão un intellecto. para todos os entes, e que o intendimento se-opéra pela conjuncção com o ser divino, foi introduzido por Pedro de Abano na universidade de Padua, onde ganhou raizes. Caetano Tiena consolidou alli o ensino da unidade da intelligencia, e Nicolau Vernia divulgou-o por outras partes.—Nos fins do seculo XV vigorava esta doctrina nas escholas de Veneza, como o platonismo nas da Tos-

cana; e o realismo racionalista, á sombra do qual se-abrigava o pensamento independente, conservou-se em Padua até os fins do seculo XVII [1].

A erudição e a poesia, bem como a pintura e a esculptura, tornaram-se tambem pagãas.—Os auctores profanos eram tam citados no pulpito como os sagrados: e a mythologia, de involta com os mysterios da religião, entrava em toda a especie de litteratura; não havendo eloquencia sagrada sem allusões ao paganismo.

Sannazaro invocava as Musas para cantar o parto da Virgem, a quem chama *spes fida deorum;* e, no acto de ir ter com ella o anjo Gabriel, representa-a a ler o livro das Sibyllas: *illi veteres de more Sibyllæ in manibus.*

Havendo Cornelio Musso, bispo de Bitonto, sido encarregado do discurso da abertura do concilio de Trento, compol-o de modoque Ortensio Landi diz que «era cheio de subtil artificio, esmaltado de flores de rhetorica, tauxiado de rubís e diamantes, e perfumado com os aromas preciosos de Aristoteles, Hippocrates e Cicero e com todos os sapientes preceitos de Hermogenes.» Quando isto não fosse sufficiente para fazermos idéa do tal discurso, bastara-nos saber que 'nelle se-convidavam os prelados a concorrer áquelle synodo *como os impavidos da Grecia a o cavallo de Troia.*

O cardeal Bembo, escriptor purissimo e secretario apostolico de Leão X junctamente com Sadoleto, diz que Johão de Medicis subiu ao pontificado *por decreto dos*

[1] Hist. dos Ital. pelo senr. Cantu, T. 7.º L. 12, C. 13.

Deoses immortaes: chama á fé *persuasionem* e á excommunhão *aqua et igni interdictionem.*—Escrevendo a Sadoleto, diz-lhe: Não leaes as epistolas de san' Paulo; porquanto seo estilo barbaro corromperia vosso bon gosto: abri mão de taes inepcias, indignas de un homem grave: *Omitte has nugas, non enim decent gravem virum tales ineptiæ.*

Leão X excitava Francisco I contra os turcos *per deos atque homines;* e os escriptores chamavam *Olympo* ao paraiso; ao inferno *Erebo; manes pios* ás almas dos justos; *lectisternia* ás grandes solemnidades; *archiflamines* aos bispos; *infula romulea* á tiara, et cetera.

Sobre os altares do Vaticano expunham-se quadros que representavam a Virgem sob a figura das mais affamadas prostitutas. Alexandre VI foi retratado por Pinturicchio como un rei mago prosternado ante uma madona que era Julia Farnese. — Pordenone representou Affonso I de Ferrara ajoelhado aos pés de sancta Justina, que era Laura Diante, sua concubina. As tres Graças nuas foram collocadas na sacristia de Siena, e os nús abundavam sobre a austera magestade dos tumulos, e até nas capellas pontificias.

Raro acontece que a proximidade não desperte a idéa de comparação. — As maravilhas da arte, que resurgiam de todas as partes, excitando a admiração do que era passado, promoviam a displicencia e o desprezo do presente e não deixavam de influir no proprio christianismo. — Já Boccaccio, Poggio, Policiano, e outros eruditos, haviam sido taxados de mais addictos ás idéas pagãas que ás do evangelho. — A academia, instituida

por Pomponius Lætus, composta de sabios tam enthusiastas da civilisação anterior ao christianismo, que haviam trocado os nomes do baptismo por outros, que eram reminiscencias da illustração pagãa, e que celebravam o anniversario da fundação de Roma, despertara a attenção suspicaz de Paulo II e attrahira uma perseguição atroz por parte d'este pontifice intolerante, e inimigo das lettras, que fez dar tractos a muitos socios d'aquella illustre academia, e ordenou, por ultimo, a extincção da mesma.

V

Operava-se, portanto, a reacção das idéas do passado sobre as do presente; reacção que em sua immensa esphera de actividade devia comprehender e ameaçar a propria religião.—Accrescia que a corrupção e a venalidade da côrte de Roma; o trafico escandaloso e sordido que alli se-fazia das indulgencias; bemcomo a ignorancia, a gluttonaria e a concupiscencia dos frades, davam azo a uma critica mordaz que lhes-disparava un chuveiro de epigrammas. — De longe se-travara, pois, uma lucta que, não passando em seo começo de sarcastica e motejadora contra os abusos da religião, devia

desatar em acerbissima pugna que não respeitasse o mesmo dogma.

As canonizações eram un motivo de escandalo e uma decepção aos olhos dos homẽes despreoccupados que viam 'n ellas a renovação das apotheoses da antiga idolatria. — Boccaccio, para combatter semelhante abuso, imaginou a historia de *Ciappolletto*, o qual, sendo un grande malvado, impio, homicida e perpetrador de toda a sorte de crimes, faz á hora da morte uma confissão falsa, recebe os sacramentos e engana o frade que lhe-assiste; o qual persuade aos outros frades do convento a que pertence que Ciappolletto é un sancto. Os frades levam-no para a egreja; celebram-lhe un officio com pregação, na qual sam relatadas as edificantes virtudes de Ciappolletto.—Corre o povo a beijar os pés áquelle grande servo de Deos; arranca-lhe pedaços do manto para reliquias; em seguida accendem-lhe velas, adoram-no; fica sendo *san' Ciappolletto* e faz muitos milagres. — Póde dar-se mais requintada e maliciosa critica do que 'n esta historia!

O mesmo Boccaccio, no conto do judeu Melchisedech, minando surdamente a religião christãa, dispunha os animos ao scepticismo que chegou depois a generalizar-se em Italia.

Outros auctores, como Minuccio, compunham criticas pungentes em que zombeteavam dos frades, deleitando-se em verberal-os por todos os modos.

Ulrico Hutten, cavalheiro allemão, na sua *Trindade Romana*, asseverava que tres coisas se-traziam de Roma: *má consciencia, estomago estragado* e *bolsa vazia;*

que tres coisas havia em que 'n aquella cidade se não accreditava: *na immortalidade da alma, na resurrecção dos mortos* e *no inferno;* que alli se-fazia veniaga de tres coisas: *da graça de Christo, das dignidades ecclesiasticas* e *das mulheres.*

Erasmo de Rotterdam, grande philologo e antiquario, que tambem poderosamente contribuiu para a restauração das lettras, sendo dotado de un espirito observador, philosophico e sarcastico, não só escarnecia da hypocrisia e do pedantismo dos frades, senão ainda dos abusos que via praticar na religião.—«Ha alguem no mundo (escrevia elle) que viva mais regaladamente do que estes vigarios de Christo? Pensam que têem obrado maravilhas por Deos, quando no meio das ceremonias mais fastosas, com un apparato mystico e quasi theatral, veiem lançar bençãos, ou fulminar anathemas... E que havemos de dizer dos que, por meio de indulgencias, adormentam as consciencias e medem quasi por un relogio a duração das penas do purgatorio, da qual calculam os seculos, os annos, os dias e até as horas? Não ha ahi chatin, soldado, ou juiz, que não creia que, dando un escudo, depois de ter roubado milhares d'elles, póde abluir as torpezas de uma vida conspurcada.»

Em presença de tam violentos attaques e da influencia e preponderancia que íam ganhando as opiniões philosophicas das escholas da antiguidade, vê-se que o mundo aspirava a reconquistar a liberdade do pensamento, saindo do circulo nebuloso dos mysterios em que até alli estivera encerrado, e a satisfazer a razão que recla-

mava o direito que lhe-assiste de ser convencida primeiro que accredite.—As razões abstrusas, com que se-explicavam as causas de muitos phenomenos naturaes, já não satisfaziam o intendimento, e as duvidas, que se-moviam e suscitavam a cada passo, faziam nascer e propagar *o espirito de exame*.—Esta reacção era grandemente auxiliada por un pasmoso numero de descobertas e invenções de todo o genero. Os portugueses haviam dobrado o cabo da Boa-Esperança e passado á India e á China, resolvendo muitos problemas astronomicos e geographicos; haviam descoberto o Brasil e feito ver que o mundo não constava só de tres partes; provava-se que não é o sol que gyra, mas a terra; que 'n ella ha antipodas, o que desmentia o asserto de sancto Agostinho; a agulha a que os nossos chamaram *genuisca*, por terem, talvez, sido os genoveses os primeiros que adaptaram o uso d'ella á navegação do Mediterraneo, aperfeiçoava a nautica que effectuava a circumvolução do globo; o emprego da polvora fazia mudar o systema da guerra e o da construcção das praças; havia-se resuscitado a plastica, arte predilecta dos antigos tusculos; desenvolvia-se a pintura a oleo; e a gravura em cobre, reproduzindo as obras primas da arte, fazia-as chegar ás mãos de todos.—A par de tam extraordinarias descobertas succedia un prodigioso desinvolvimento intellectual que, augmentando o septicismo em Italia, produziu em Allemanha a reforma religiosa.

Não vem a nosso proposito historiar este grande acontecimento; mas havemos de occupar-nos detidamente das medidas de rigor que em Portugal adoptou o fa-

natismo para impedir a introducção das *novas idéas*, e da influencia perniciosa que taes medidas exerceram nos espiritos e particularmente na litteratura.

VI

Em quanto as lettras cultivadas com esmero attingiam tam brilhante gráu de prosperidade em Italia, póde dizer-se que em França apenas davam tenues signaes de vida. — No seculo XIV as invasões extrangeiras, a guerra civil e a anarchia mal podiam comportar que alli tivessem incremento as artes, e muito menos que as lettras se-desinvolvessem e prosperassem. — A França, onde em épochas anteriores nasceram os romances de cavallaria, repassados de vivissimo interesse por suas aventuras maravilhosas, narradas com ingenua e aprazivel simpleza de estilo; onde os gigantes, as fadas, os palacios incantados nos-revelam uma fecunda e inspirada imaginação: a França, que creara os contos facetos *(les fabliaux)* cheios de chiste e de graciosa malicia, não correspondia ao que então d'ella se-devia naturalmente esperar.—A primeira producção d'este seculo que merece ser referida é o *Romance da Rosa;* o

qual, havendo sido começado quarenta annos antes por Guilherme de Lorris, foi continuado por Johão de Meung. Consiste 'n uma allegoria em que a Rosa representa a mulher desejada que não póde ser obtida, senão depois de infinitas provas.—'N este poema, composto de versos octosyllabos, incontram-se historias de toda a especie, subtilezas escholasticas, e satyràs descabelladas contra a avareza, a ociosidade e a lascivia dos padres.—Era un começo de reacção, uma tentativa da *liberdade de exame*, que se-ensaiava e que, mais tarde, os principes seculares da Allemânha tacitamente protegeram para combater e reprimir as ameaças, as extorsões e outras demasias da côrte de Roma.

O maior vulto litterario da França nos dois seculos da renascença (XIV e XV) é incontestavelmente o chronista e poeta Froissart.—Este homem que foi padre e cujas inclinações, pouco conformes com o estado que escolhera, o-impelliam só a recrear-se e a passar vida folgazãa, propôs-se, comtudo, escrever a historia das guerras do seo tempo, e, para colligir as noticias que havia mister, imprehendeu uma serie de viagẽes, que, póde dizer-se, não o-deixaram nunqua estar parado.—Isto lhe-proporcionava, não obstante, uma diversidade de distracções e prazeres que o seo genio lhe-pedia.—Frequentava as côrtes dos principes da Europa, onde era sempre bem recebido: assistia ás festas e ás nupcias que alli se-celebravam e para as quaes compunha epithalamios; e, no meio d'estes passatempos, registrava as aventuras e anecdotas que observava, ou lhe-eram referidas.—Na chronica que compôs, e que compre-

hende quasi tudo o que succedeu na Europa des d'o anno de 1322 até o fin do seculo XIV, não mostra impenho em descobrir a verdade, nem, tampouco, perquire a origem dos successos que reconta; mas os torneios, as festas, as batalhas, e tudo quanto é proprio para impressionar a imaginação, é por elle admiravelmente descripto.—No genio d'este homem singular affigura-senos ver já characterizado o genio do povo francês: *amigo de prazeres, voluvel e imaginoso.*

Depois da chronica de Froissart, podem apenas citar-se algumas composições mais, ou menos espirituosas; mas nas quaes de balde se-procuraria incontrar o menor vestigio de erudição.—Aponctaremos, por exemplo a historia do *Petit Jehan de Saintré,* escripta com bastante chiste; mas que não é outra coisa senão a critica acerba de uma princeza libidinosa que tendo tido amores secretos com un formoso pagem da côrte de França o-abandona pelo abbade vigoroso e membrudo de un mosteiro de san' Bernardo: o *Advogado Patelin,* farça de Pedro Blanchet, representada a primeira vez em 1480, e impressa dez annos depois; a qual, pelo que contêm de sal comico, mereceu ser muitas vezes imitada: o *Solão de Aristoteles,* por Henrique d'Andely, graciosa frioleira em que Aristoteles é posto em scena sellado e cavalgado por uma dama, que havendo premeditadamente feito apaixonar o philosopho, o-tracta assim em desforra dos conselhos que dera a seo discipulo, Alexandre Magno, para que se-apartasse d'ella. —É o triumpho comico do amor sobre a philosophia.

Tam succinctas producções não fariam, por certo,

presagiar o futuro progresso da litteratura francesa, que, tendo tido seo começo nos fins do seculo XVI, chegou depois a conquistar o brilhante gráu que hoje occupa entre todas as litteraturas da Europa.

VII

Em Hispanha, do mesmo modo que em França, as lettras não haviam accompanhado o prodigioso desinvolvimento que tiveram em Italia.—Não haviam mesmo correspondido aos magnificos preludios que lhe-assignalaram a existencia na segunda metade do seculo XII, produzindo o *Cid*, que, comquanto não seja un poema épico, como alguns têem pretendido, é, sem duvida, uma preciosa narrativa historica em metro apenas balbuciado e em estilo simples e rude, que nos-pinta ao natural os costumes d'aquella épocha, e cujas circumstancias despertam o maior interesse, ao passo que nobilitam o character do heróe, modelo de valor sem par, de independencia e de lealdade cavalheirosa.

Foi indespensavel que decorressem duzentos annos, depois do começo da renascença em Italia, para que a Hispanha, quasi sempre impenhada em guerras civís e

extrangeiras, e que contrahira o gosto da poesia arabe no tracto intimo que tivera com esta nação, podesse apreciar o maravilhoso primor do genero classico, essencialmente differente por assentar 'n outra ordem de idéas. —Antes d'isso só apparece o *mysticismo* insipido nas lendas dos sanctos, barbaramente metrificadas e carecentes de inspiração e de poesia, ou a *erudição pedantesca*, como no *Centiloquio* do marquez de Santilhana, collecção de maximas de moral e politica, e no *Labyrintho* de Johão de Mena, poema allegorico e phantastico sobre a vida humana, imitado da *Divina Comedia* do Dante, e onde todos os sentimentos sam exagerados.

'N este longo periodo ha, porêm, uma excepção a fazer; qual é a da *Chronica dos reis de Castella* de Pedro Lopes de Ayala, escripta em estilo simples, em linguagem correcta, e notavelmente curiosa pelo que reconta das guerras que se-travaram entre Henrique de Transtamara e Pedro denominado o *Cruel*, que nos-descreve como singularmente perverso e dotado de horrivel ferocidade.

Foi nos principios do seculo XVI que a Hispanha começou a ter uma poesia e litteratura differente no gosto e na fórma.—Em 1510 publicou Fernando de Rojas a tragicomedia de Calisto e Melibæa, ou a *Celestina*, cujo primeiro acto, attribuido a Rodrigo Cota, havia muito tempo se-achava composto.—O inredo do drama, que inda participa da influencia arabe, consiste em que, contrariados os amores de Calisto e Melibæa pelos parentes d'esta, recorre Calisto á maga, ou feiticeira Celestina, que, por meio de philtros e sortilegios,

favorece as pretenções do amante.—A Celestina não é outra coisa, senão un romance dialogado, summamente licencioso; mas cujos characteres sam bem descriptos e sustentados, e cujo dialogo tem bastante animação. Parece não ter nunqua sido representado; todavia, adquiriu immensa voga, e o nome da Celestina ficou sendo proverbial para designar o de uma feiticeira que obra e consegue tudo por artes diabolicas.

Seguidamente Johão Boscan, que serviu e viajou em Italia, onde se-affeiçoou á musa suavissima de Petrarca, operou uma profunda reforma na poesia, e temperou a agrura do estilo hespanhol, e o hyperbolico de suas expressões apaixonadas com a graça e melodia do genero italiano.—Seo amigo, Garcilasso de la Vega, coadjuvou-o 'n esta empresa e conseguiu introduzir em Hispanha os sonetos e as canções á imitação das rhythmas que nos-legou o insigne cantor de Laura.—Camões, optimo juiz em tal materia, colloca-o a par de Petrarca e Sannazaro, e chama-lhe:

O brando e doce Lasso castelhano.

Citaremos mais un nome: qual é o de Diogo Furtado de Mendonça, poeta e historiador.—Foi elle o primeiro que em Hispanha escreveu epistolas didacticas e semi-satyricas á guisa do Horacio.—Na historia que compôs da guerra contra os mouros de Granada, é admiravel pela elegancia e concisão do estilo em que procurou imitar Salustio; sendo considerado pelos seos compatriotas como un modelo no genero historico.—

Inda moço escreveu o romance de *Lazarillo de Tormes*, primeiro modelo no genero *picaresco* que, muito depois, foi imitado por Le Sage no seo Gil Brás de Santilhana.—Pena é que este homem, que, como militar e politico, passou a governar Siena e toda a Toscana, executasse alli sevissimos actos de rigor que innegrescem a memoria do seo nome; o qual, associando-se ao dos Pizarros e Cortezes, seos contemporaneos, representa a prepotencia e a intolerancia que constituem uma das feições mais prominentes e characteristicas do reinado de Carlos V.

VIII

Passemos hagora ao nosso Portugal e vejamos como 'n elle tiveram começo as lettras; que progresso adquiriram, e qual o estado em que se-achavam no tempo de Luiz de Camões.

Os primeiros alvores litterarios, que esclareceram o horisonte da nossa patria, surgiram no reinado de Dom Dinís, a quem chamaram o *rei lavrador* pelo muito que protegeu a agricultura, e a quem não menos cabe o titulo de *civilisador e benemerito das lettras*, pelo grande impenho que pôs na propagação das luzes, fundando as

Escholas Geraes, que estabelecidas primeiro em Lisboa em 1290, passaram depois a ter assento em Coimbra; e ás quaes, por se-insinarem alli todas as boas-artes e sciencias, se-deu o nome de Universidade.

Para explicar aquellas disciplinas, mandou o mesmo rei com grande despendio de sua fazenda, vir os mais abalisados mestres de Italia e França, e, para auxiliar o ensinamento, fez verter em linguagem muitos livros hespanhoes e arabes; sendo o mais notavel do primeiros o das *Leis das Septe Partidas*, e dos segundos a obra do medico Rhasis.—Outrosim proscreveu do foro e dos documentos publicos o uso da lingua latina, fazendo, por conseguinte, desinvolver e aperfeiçoar a portuguesa.

Dotado do ingenho de trovar, cultivou Dom Dinís a poesia e compôs un Cancioneiro, ou livro de canções, no gosto das poesias dos trovadores provençaes, de cujo estilo, e fórma claramente se-vê que houve conhecimento.—Tendo este rei sido casado com Domna Isabel, aragonesa, assimcomo Dom Sancho I o-fôra com Domna Dulce, tambem aragonesa, e devendo estas senhoras ter vindo accompanhadas de muitos cavalheiros d'aquella nação, que ficassem residendo na côrte de Portugal, e possuissem a *gaia sciencia*, que então era vulgar em Catalunha e Aragão, isso explica o motivo porque a poesia dos trovadores provençaes, transpondo o reino de Castella e Leão [1], se-introduziu em Portugal

[1] A poesia dos trovadores só introu no reino de Castella e Leão passado mais de un seculo depois de haver sido introduzida em Portugal. Vid. Les Troubadours et leur Influence sur le Midi de l'Europe, par E. Buret. 1867.

e communicou o estilo de suas trovas e cantares aos nossos poetas dos seculos XIII e XIV; devendo estes cantares influir na linguagem imperfeita d'aquelles tempos, na qual se-incontram muitos vocabulos que notoriamente sam de origem limosina.

As trovas do Cancioneiro de que tractâmos, compostas quasi todas no genero erotico e 'n uma linguagem summamente rude, sam faltas de poesia; não têem referencia alguma á mythologia, ou á historia, e só exhibem pensamentos triviaes, sem conceito, e uniformemente repetidos: o que bem comprova que se-estava ainda na infancia da arte.—'N algumas d'aquellas trovas, diversamente metrificadas, incontram-se, todavia, não poucos versos hendecasyllabos; facto que attesta o conhecimento que já então havia do metro toscano, e que não foi Sá de Miranda, como alguns levemente affirmaram quem entre nós o-introduziu.

Muitos cortesãos contemporaneos de Dom Dinís, e inda não poucos anteriores a este monarcha, foram dados a poetar, e sabemos que as suas trovas, ou canções, até hoje ineditas, se-conservam no mesmo codice da Vaticana, d'onde foi extrahida a copia do Cancioneiro que em 1847 se-estampou em París; sendo, para lastimar que junctamente se não tirassem do olvido e se-dessem a lume as producções d'aquelles cultores da gaia sciencia [1].

Dom Pedro, conde de Barcellos, filho natural de Dom

[1] Quando isto escreviamos não estava inda publicada a edição que das referidas trovas fez em Vienna un antigo camarada e amigo nosso, o senr. F. A. Varnhagen, em 1870.

Dinís, foi outrosim inclinado ás lettras, e se-lhe-attribue a composição de un *Nobiliario*, ou livro das linhagẽes das principaes familias oriundas das Hispanhas; posto-que a moderna critica queira ver 'n aquella obra, não o livro de un só individuo; mas o de un povo e de uma época, e conjecture que seo pretendido auctor só tivesse 'n elle uma parte assás diminuta.

IX

O seculo XV adquiriu notavel progresso litterario e scientifico: e é ainda de un rei o nome do primeiro dos escriptores que o-illustraram.—Foi este Dom Duarte, a quem as nossas chronicas chamam, por antonomasia, *o Eloquente*.

Nos descanços que mal podiam permittir-lhe os deveres da realeza a que era obstricto, intregava-se Dom Duarte ao estudo das sciencias que o-desvelavam; e foi 'n aquellas interruptas horas, em que poucas vezes lhe-consentiriam ter o animo tranquillo os revezes de seo curto reinado, que, além de un *Regimento da Justiça*, escripto na lingua latina, compôs na vulgar a *Ensinança de bem cavalgar toda sella;* assimcomo *o Leal Con-*

selheiro, tractado de moral e de philosophia practica, onde se-lêem capitulos inteiros que nos-revelam a bondade do character e a rectidão do espirito d'este excellente monarcha.

A linguagem do Leal Conselheiro sobreleva em melhoria a do seculo anterior; e 'n aquelle livro, do qual, junctamente com o da Ensinança de bem cavalgar, se-fizeram ha poucos annos duas edições, começa já de apparecer uma tal, ou qual erudição.

Dom Pedro e Dom Henrique, irmãos de Dom Duarte, foram tambem principes esclarecidos e contribuiram em gráu eminente para o progresso litterario e scientifico da sua patria.

Dom Pedro, depois de ter, durante doze annos viajado e percorrido quasi toda a Europa e uma parte do littoral da Asia, o que deu motivo a dizer-se que *andou as quatro partidas do mundo*, regressou trazendo copiosas noticias das leis, dos usos e costumes das nações que perlustrara; e não só exhibiu prôvas de consumada prudencia e de saber politico no modo por que administrou a justiça na menoridade de seo sobrinho Dom Affonso V, em que foi incarregado da regencia do reino; mas inda patenteou o vasto ingenho que possuia 'n un livro de coplas que compôs em lingua castelhana, o qual se-imprimiu pelos fins do seculo XV, e 'n outro da *Vertuosa Benfeytorya*, que nunqua chegou a ser impresso.—Se o merito incontestavel d'este principe preclarissimo houvesse mister comprovado, fôra-o, sem duvida, pelo testimunho do povo que, reconhecido, pretendeu inaugurar-lhe uma estatua; e, não menos, pelo da

inveja que, accesa em odio furial, lhe-preparou a mais triste e lamentavel das catastrophes!

Dom Henrique havia-se applicado á cosmographia e á astronomia que profundava versando com mão diurna e nocturna os livros de Ptolomeo; sentia-se dominado do gosto das descobertas maritimas, e não desistia do intento de leval-as á execução; mas como, para conseguir tal intento, lhe-era indespensavel formar primeiro bons pilotos e propagar os conhecimentos astronomicos e nauticos, que estão dependendo do estudo previo das mathematicas, fundou em Sagres uma eschola d'estas sciencias, bemcomo un observatorio astronomico, e un estaleiro de construcções navaes.—D'alli inviava todos os annos navios, tripulados a expensas suas, ao reconhecimento da costa occidental d'Africa, animando os navegantes com premios promettidos, e desvanecendo-lhes os espantos que lhes-causava o terem de passar além do temivel cabo Bojador e de impégar-se 'n un mar incognito que então se-denominava *tenebroso;* nome proveniente de abusões firmemente arraigadas á cêrca d'aquelle mar, e que mais tendia a augmentar-lhe os phantasmas de que o suppunham povoado [1].

Já vemos quantas difficuldades teve que superar o infante Dom Henrique para obter o fin proposto, e quam magna preseverança lhe-foi mister impregar durante

[1] Deziam os mareantes que depois deste cabo nom ha hi gente, nem povoração algũa; a terra nom he menos areosa que os desertos de Libya, onde nom ha augua, nem arvor, nem herva verde; e o mar he tam baixo, que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça. As correntes som tamanhas, que navyo que la passe, jamais nunca poderá tornar. Azur. Chron. do Desc. e Conq. de Guiné, Cap. VIII, p. 51.

quarenta annos que trabalhou 'nesta impresa [1] em que chegou a descobrir toda a costa d'Africa até o 8.° gráu de latitude septemtrional. — Se junctarmos a isto o grande atraso em que ainda se-achavam os conhecimentos nauticos e que foi o mesmo infante que, para facilitar a navegação, inventou as *chartas hydrographicas planas*, não podemos deixar de reconhecer o quanto 'n esta parte lhe-é devedora a sciencia.

X

As facções militares que Dom Affonso V imprehendeu em Africa, bemcomo as guerras que houve de sustentar contra Castella e que absorveram uma grande parte do seo reinado, não permittiram a este monarcha olhar demasiado pelas lettras, ás quaes, todavia não parece ter sido desaffeiçoado; pois não só cultivou as mathematicas e, com especialidade a astronomia, na qual semostrou perito escrevendo un opusculo sobre a constellação do cão celeste [2], mas ainda augmentou copiosa-

[1] Bar. Dec. 1.ª L. 1.° C. 16 ad finem.
[2] Barb. Bibl. Lusit. T. 1.° p. 17.

mente a livraria que herdara de elrei Dom Duarte, que a-formou em parte com a que adquiriu de elrei Dom Johão, seo pae, que foi o primeiro que junctou livros e teve uma bibliotheca em seo palacio.

Un successo transcendente, e como que auspicioso, occorreu durante o reinado d'este monarcha: qual foi que, havendo sido inventada em Allemanha a typographia, ou a arte de imprimir com characteres metalicos moveis, não tardou un decennio que tal invento se-practicasse em Portugal; sendo em Leiria que se-estabeleceu a primeira officina typographica que houve em toda Peninsula-hispanica.

Dom Johão II, prosegindo no reconhecimento da costa occidental d'Africa, e no intento de descobrir uma passagem por onde os seos galeões podessem atraveçar para a India, viu que lhe-era forçoso abandonar o systema, até alli seguido, da navegação costeira, e conseguir que os mesmos galeões podessem, sem perigo, ingolfar-se na vastidão do pélago; e, para aperfeiçoar os conhecimentos astronomicos, que para tal fin se-requerem, nomeou uma juncta de mathematicos dos quaes mestre Rodrigo e mestre Joseph, judeu, seos medicos, com un certo Martin Behain, natural de Nuremberg, promoveram o progresso scientifico da navegação, inventando o astrolabio, per cujo meio se-começou de navegar *por alturas*, compondo os mesmos, para este effeito, uma taboada da declinação do sol [1].

Un facto digno de observação é: que, em quanto nas

[1] Bar. Dec. 1.ª L. 4.º C. 2.º

outras nações, segundo o natural progresso dos conhecimentos humanos, a cultura das boas-artes precedeu sempre a das sciencias exactas, genero de estudo summamente difficil, e que demanda muito maior gráu de desinvolvimento intellectual, foram estas mesmas sciencias, que primeiro em Portugal floreceram e que, em sua justa applicação, lhe-grangearam os mais gloriosos e opulentos resultados.

Não deve, entretanto, presumir-se que ficassem descuradas as boas-lettras; pois já 'n este tempo dois notaveis escriptores, Fernão Lopes e Gomes Eannes de Azurara, haviam composto as chronicas de alguns dos reis de Portugal.

O primeiro d'estes historiadores escreveu as chronicas de Dom Pedro, Dom Fernando e Dom Johão I; e crê-se, com bon fundamento, que tambem composera as dos outros monarchas anteriores, que hoje se-julgam de todo perdidas.—Comquanto a linguagem de Fernão Lopes seja ainda bastante rude, tem, comtudo, o seo estilo aquella gravidade e natural simpleza que é propria do ton da verdade historica: dando-se que todos os seos quadros sam traçados com uma animação tal que alvoroça o espirito dos leitores.—Gomes Eannes de Azurara escreveu a terceira parte da Chronica de Dom Johão I, e as Chronicas do Conde Dom Pedro de Menezes e de Dom Duarte de Menezes, conde de Viana. —O que, porém, lhe-realça o merito como historiador, é a Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, na qual relata os exforços que impregou o infante Dom Henrique para effectuar aquelle descobrimento, preludio

de ulteriores navegações e da portentosa descoberta da India.

Cultivava-se, por outra parte, a poesia; e muitos fidalgos e cavalheiros da côrte de elrei Dom Johão II poetavam; como foram Aires Telles de Menezes, mordomo-mór da rainha Domna Leonor; Pedro Homem, estribeiro-mór d'elrei; Pero Baião, camareiro do princepe Dom Affonso, e Garcia de Resende, pagem da escrevaninha do mesmo rei; o qual refere que este monarcha se-recreava em lhe-ouvir recitar versos e *gabava o trovar de mui singular manha*[1].

De outros muitos poetas d'aquelle tempo se-incontram composições no *Cancioneiro Geral*, que colligiu o referido Garcia de Resende, e que constam de trovas e versos de varios generos; taes como: amorosos, facetos e satyricos.—Estes ultimos, não obstante haverem perdido muito de seo primitivo sal, por se-ignorarem hoje as allusões que contêem, sam ainda bastante chistosos.

Dos primeiros têem entre outros inquestionavel merito o *Fingimento de Amores*, composição de Diogo Brandão; postoque visivelmente imitada do *Inferno* de Dante.—A deprecação que o poeta faz ás almas que estão penando, e a historia que lhe-refere o amante de Eurydice, mostram uma perfeita imitação do episodio da *Francesca de Rimini*, com a differença de ser este episodio cem vezes mais interessante e pathetico e de nos-ulcerar o coração; o que não consegue o auctor do *Fingimento de Amores*, que, não só por isto, senão

[1] Chron. de Dom Johão II Cap. 201.

ainda pela rudeza da linguagem, é summamente inferior ao vate florentino.

XI

A época litteraria, que succedeu ao reinado de Dom Johão II, não podia deixar de ter sido de antemão preparada;—porquanto nenhuma litteratura se-cria e surge de repente; do mesmo modo que não é logo que qualquer nação perde os seos fóros e publicas liberdades, segundo observa un judicioso critico moderno [1], que se-lhe-abate o espirito e que declina e de todo se extingue a sua litteratura.—É, pois, incontestavel que as lettras que tanto prosperaram no reinado de Dom Manuel, e ainda no de Johão III, tiveram uma causa anterior que poderosamente influiu para se-effectuar aquelle brilhante resultado; e esta causa não podia deixar do ser a lucta que Dom Johão II travou com os grandes e poderosos do seu reino para destruir e anniquilar o feudalismo: lucta terrivel em que lhe-foi mister appoiar-se no favor e na alliança dos populares, a quem

[1] Sismonde de Sismondi, De la Litter. du Midi de l'Europe, Tom. 3.me p. 269.

fez largas concessões [1], e na qual se-propagaram idéas de justiça e de liberdade que sam sempre favoraveis ao progresso das lettras.

O reinado de Dom Manuel fôra summamente glorioso, se este monarcha não houvera practicado un acto de nefasta recordação; qual foi o de expulsar de seo reino os israelitas: acto não só de intolerancia religiosa e de barbarie execravel e inaudita pelas circumstancias atrozes que o accompanharam, senão sobremaneira impolitico; porquanto voluntariamente se-privou de un grande numero de subditos dos mais intelligentes e industriosos, entre os quaes havia muitos commerciantes opulentos e argentarios que fizeram sair de Portugal copiosas riquezas, cuja falta arrastaria o reino ao maior apuro e indigencia, se o descobrimento da India, o ouro que d'alli se-auferiu e as páreas que subsequentemente lhe-pagaram todos os regulos e potentados do Oriente, não viessem salvar a monarchia de un cataclysmo infallivel que a-poria em risco de se-affundir e subverter.—Não parece, todavia, que este acto de intolerancia e perseguição fosse proprio do character de Dom Manuel; antes tudo nos-leva a crer que outra coisa não foi senão a subserviencia forçada á condição que, para lhe-conceder a mão de esposa, lhe-impôs Domna Isabel, infante de Castella, a qual, ou por curteza de intelligencia e exaltado fanatismo religioso, ou, com mais probabilidade, por insinuação dos reis catholicos, exigiu de seo real pretensor, mancebo de vinte e oito annos, que ex-

[1] Rui de Pina, Chron. de Dom Johão II, Cap. V.

tremosamente a adorava, un tam repugnante e brutal sacrificio.

Qualquer, porém, que fosse a causa de tam condemnavel procedimento, é certo que não passou d'este unico acto de rigor a perseguição religiosa que em toda a vida se-permittiu Dom Manuel.

É mesmo assás extraordinaria e digna de assombro, por ser contraria a toda a expectação, depois de semelhante acto de rigor, não só a tolerancia, mas inda a complacencia com que este monarcha nos graciosos *autos* de Gil Vicente, que mandava representar em seo proprio palacio, e a que assistia toda a côrte, ouvia os motejos com que eram apodados e cobertos de ridiculo os frades e clerigos, expondo-se-lhe á irrisão a lascivia, o concubinato, e outros muitos vicios e torpezas que practicavam.

A uma tam rara e appreciavel tolerancia deve, sem duvida, attribuir-se a causa que mais efficazmente contribuiu para fazer do reinado de Dom Manuel a épocha aurea da nossa litteratura.

O descobrimento da India que o mesmo rei, não perdendo de vista os projectos de Dom Johão II, commetteu a Vasco da Gama, e que este intrepido navegante levou felizmente a cabo, foi o successo mais estupendo dos tempos modernos e que, além de encher de assombro toda a Europa, e de trazer a Portugal incalculaveis lucros commerciaes, inriqueceu a Historia, a Geographia, a Astronomia, adeantou as Artes, aperfeiçoou a Botanica e subministrou á Medicina novos meios de combater e superar as enfermidades humanas.—Tam

prodigioso evento pôs termo ao obscurantismo da edade media e abriu uma nova era nos annaes do mundo.

Então, a par dos grandes capitães e conquistadores do Oriente, floreceram varões eminentissimos em todo genero de sciencias e litteratura.

As mathematicas e a astronomia que, ao primeiro alvorecer das lettras, tam notavel incremento tiveram em Portugal, continuaram a ser cultivadas com esmero e adquiriram novos e indefessos cultores.

Abrahão Zacuto, astronomo de elrei Dom Manuel, a quem este monarcha costumava consultar nas coisas concernentes á navegação e ao descobrimento da India, compôs un Almanack dos movimentos dos corpos celestes.

Pedro Nunes, que indisputavelmente foi o maior mathematico e cosmographo do seculo XVI, escreveu un tractado da esphera com a theoria do sol e da lua; bem como un tractado dos crepusculos, obra não só original, mas que denota a mais rara e profunda sagacidade.—Compôs tambem em latin un livro da arte e methodo de navegar, no qual desinvolveu a theoria das loxodromías.—Este mesmo cosmographo foi inventor da ingenhosa divisão do astrolabio, pela qual se-podem calcular as alturas dos astros até minutos e segundos; posto que no limbo do instrumento se não achem marcados senão os gráus: divisão que inda hoje se-practica nas alidades de todos os instrumentos astronomicos com que se-medem distancias angulares, e que, do nome do inventor, se-ficou chamando *Nonius*.

XII

O estudo das linguas sabias, especialmente o da latina, a que então se-dedicavam todos os homẽes que aspiravam a figurar na republica das lettras, e que lhes consumia não poucos annos de assiduas lucubrações, não só subjeitou os espiritos ao rigor e á precisão da grammatica, mas, depurando de sua ingenita rudeza a lingua vulgar, fez que esta fosse escripta com correcção e com un começo de elegancia.—Por outra parte a leitura dos auctores classicos despertou o gosto das antiguidades romanas de que tantos e tam preciosos monumentos se-incontram dissiminados pelo solo da nossa patria; os quaes não podiam deixar de attrahir e excitar a curiosidade dos eruditos.

André de Resende, celebre humanista e antiquario, escreveu em português a Historia das antiguidades de Evora, sua patria, e, em latin, quatro livros das *Antiguidades da Lusitania* e un do *Municipio Eborense;* nos quaes mostrou o amplo conhecimento que possuia das coisas romanas, e o quanto era perito em interpretar as inscripções lapidares latinas, muitas das quaes se-achavam mutiladas e quasi de todo gastas e delidas do tempo.

Tractando o mesmo assumpto Diogo Mendes de Vasconcellos, illustrou na dicta lingua o livro quarto das Antiguidades de Resende, e amplificou com vastissima erudição o do Municipio Eborense.

Nascia entretanto o drama popular nos autos e nas comedias de Gil Vicente, fundador do nosso theatro.

Gil Vicente, por seos motejos comicos e satyricos, mereceu com razão ser denominado o *Plauto Português*. —Conheceu elle os vicios todos e o ridiculo da sociedade do seo tempo; bem como a hypocrisia, a avareza e a concupiscencia do clero secular e regular, já então bastante corrupto e devasso, ao qual dirigiu frisantes apódos recheados de mordacidade e, muitas vezes mesmo, assás licenciosos, como estava no gosto e nos costumes d'aquella época.

Para darmos uma idéa das facecias e dos sáes plautinos do nosso Gil Vicente, vamos trasladar o acto verdadeiramente comico, em que Leonor Vaz, entrando em scena, na farça de Ignês Pereira, refere o como no caminho foi accommettida por un clerigo, e o modo por que lhe-resistiu:

MÃE.

Aqui vem Leonor Vaz.

IGNÊZ.

E ella vem-se benzendo.
(Entra Leonor Vaz)

LEONOR.

Jesu, a que m'eu incommendo,
Quanta coisa que se-faz

MÃE.

Leonor Vaz, que foi isso?

LEONOR.

Venho eu, mana, amarella?

MÃE.

Mais ruiva que uma panella.

LEONOR.

Não sei como tenho siso.
Jesu! Jesu! que farei!?
Não sei se me-vá á Elrei,
Se me-vá ao Cardeal.

MÃE.

Como! e tammanho é o mal?

LEONOR.

Tammanho? eu t'o direi:
Vinha hagora perelli,
Ó redor da minha vinha,
E un clerigo, mana minha,
Pardeos, lançou mão de mi;
Não me-podia valer:
Diz que havia de saber
Se era femea, se macho.

MÃE.

Hui! seria algun muchacho,
Que brincava por prazer.

LEONOR.

Si, muchacho sobejava,
Era um zóte tammanhouço!

Eu andava no retouço
Tam rouca que não falava,
Quando o-vi pegar commigo,
Que me-achei 'n aquelle p'rigo,
Assolv'rei, não assolv'rás.
—Jesus! homem, qu'has comtigo?
—Irmãa, eu te assolverei
C'o breviairo de Braga.
—Que breviairo, ou que praga?
Que não quero: aqui d'elrei!—
Quando viu revolto a voda,
Foi e esfarrapou-me toda
O cabeção da camisa.

MÃE.

Assi me fez d'essa guisa
Outro, no tempo da póda.
Eu cuidei que era jogo,
E elle... dae-o vós ao fogo!
Tomou-me tammanho riso,
Riso em todo meo siso,
E elle leixou-me logo.

LEONOR.

Si, agora, eramá,
Tambem eu me ria cá
Das coisas que me-dizia:
Chamava-me luz do dia:
Nunqua teo olho verá.
Si estivera de maneira
Sem ser rouca, bradár'eu;
Mas logo m'o demo deu
Catarrão e peitogueira,
Cócegas e cór de rir,
E côxa pera fugir,

E fraca pera vencer:
Porém pude-me valer
Sem me ninguem acudir.
O démo (e não póde al ser)
Se-chantou no corpo d'elle.

MÃE.

Mana, conhecia-te elle?

LEONOR.

Mas queria-me conhecer.

.....

Outras muitas facecias e jogralidades se-incontram nos autos e comedias do nosso primeiro poeta dramatico; sendo notavel a zombaria maliciosa e sarcastica com que elle se-impenhava em zurzir os clerigos e frades, e em desmascarar-lhes a hypocrisia.

O que em nossos tempos de liberdade constitucional e de tolerancia religiosa se não consentiria no palco scenico e promoveria alto escandalo aos olhos dos beatos e tartufos, era então representado perante toda a côrte, pondo-se em scena: hora un frade esgrimidor, fazendo jogo de espada; hora outro trazendo atrelada a manceba com quem pretende intrar no céo: hora un clerigo que vai á caça com o filho que houve da amazia, que lhe-joga valentes chufas: hora, finalmente, un hermitão que anda em procura de un retiro onde possa fazer vida de penitencia pela fórma seguinte:

HERMITÃO.

Hagora quero eu dizer
O que aqui venho buscar.
Eu desejo de habitar
'N uma hermida a meo prazer,
Onde podesse folgar.
E queria-a eu achar feita,
Por não cansar em fazel-a;
Que fosse a minha cella
Antes bem larga que estreita,
Que podesse eu dansar 'n ella:
E que fosse 'n un deserto
D'infindo vinho e pão,
E a fonte muito perto
E longe a contemplação.
Muita caça e pescaria,
Que podesse eu ter coutada;
E a casa temperada;
No verão que fosse fria,
E quente na hynvernada.
A cama muito mimosa,
E un cravo á cabeceira,
De cedro a sua madeira;
Porque a vida religiosa
Queria eu d'esta maneira.
E fosse o meo repousar
E dormir até taes horas,
Que não podesse rezar,
Por ouvir cantar pastoras,
E outras assobiar.
Á ceia e jantar perdiz,
Ao almoço moxama,
E vinho do seo matiz,
E que a filha do juiz
Me-fizesse sempre a cama.

Esquecesse ella as ovelhas,
E na cella me-abraçasse
E mordesse nas orelhas,
Inda que me-lastimasse[1]
.....

Já se vê a razão porque as comedias de Gil Vicente foram tam acceitas a Erasmo.—Este homem que detestava cordealmente os frades; que teve a coragem de desmascaral-os, escrevendo que elles só se-abstinham do mal que não podiam fazer; e que não duvidou confirmar a voz publica que os-accusava de terem propinado veneno aos prelados que tentaram reformar uma das suas ordêes: de haverem interrado vivos na crypta subterranea de un mosteiro varios infelizes para com elles sepultar os escandalos de que haviam sido testimunhas; e de terem asphyxiado alguns virtuosos padres que pretenderam introduzir os bons costumes nos claustros: este homem, dizemos, apprendeu a lingua portuguesa só para lêr no original as comedias do nosso primeiro auctor dramatico, cujas pungentes diatribes contra os frades tanto deviam recreal-o.

[1] Tragicom. da Serra da Estrella.

XIII

Ás farças e comedias populares de Gil Vicente succedeu a Euphrosina, comedia de Jorge Ferreira de Vasconcellos; a qual, sendo, como elle diz, *uma invenção nova 'n esta terra* [1], é claro que antecedeu ás de Sá de Miranda e Antonio Ferreira.—Tanto esta, como as outras comedias de Jorge Ferreira, abundam em scenas de costumes; sam riquissimas em linguagem vernacula, e contêem uma inexhaurivel quantidade de proverbios e anexins, que, pelos preceitos e aphorismos ethicos que encerram, dam a medida do desinvolvimento intellectual e moral do nosso povo 'n aquelle tempo.—Estas comedias que, na essencia, não passam de romances dialogados, estão refertas de erudição, e, comquanto constem de un enredo mui simples, têem scenas interminaveis e outras que em nada prendem com o desenlace da acção; o que lhes-diminue o interesse e as-torna de uma extensão impropria para se-poderem representar.

Depois de Jorge Ferreira, a comedia tomou em tudo

[1] No proemio ao principe Dom Johão.

o estilo e a fórma da latina.—Sá de Miranda escreveu os *Extrangeiros* e os *Vilhalpandos*, comedias de uma contextura singela, em que entram aios, parasitos, meretrizes e un soldado fanfarrão, personagem accessoria de muitas comedias de Plauto. Á semelhança d'estas, sam ambas precedidas de un prologo em que se-discretêa, se-propõe o assumpto e se-pede attenção. A scena passa-se sempre na rua.—É uma perfeita imitação da antiguidade classica.

Antonio Ferreira, tanto no *Bristo*, como no *Cioso*, seguiu o mesmo modelo. Na primeira un alcoviteiro, por nome Bristo, dá o titulo á comedia, em que tambem figuram uma meretriz e un soldado fanfarrão. — Tem muita soltura de linguagem: a scena passa-se na rua, como nas comedias de Plauto e Terencio: começa egualmente por un prologo, e, para que em nada descrepe, termina com o usual *Valete et Plaudite* dos referidos comicos.

No Cioso dá-se outra imitação da comedia antiga; qual é o reconhecimento de un filho que se-perdera em pequeno.—'N esta comedia, que tem scenas bastante indecentes, entra uma mulher de vida airada, e uma medianeira, conforme o gosto do theatro latino. — O character do Cioso, contra o preceito que recommenda *servetur ad imum*, é, por ultimo, mal sustentado.

O mesmo Ferreira escreveu tambem uma tragedia regular cujo assumpto é a morte de Domna Ignês de Castro; mas destituida de acção e de pathetico. — Os versos de que se compõe sam duros e sem harmonia; e os characteres das personagẽes que 'n ella figuram mal

representados; o que parece ter sido o defeito capitalissimo do auctor. — Todavia, foi sempre admirada esta tragedia pelos eruditos, por causa dos chóros que a adornam, imitados do theatro grego.

XIV

Por este tempo appareceram os primeiros romances de cavallaria na *Chronica do Imperador Clarimundo*, por Johão de Barros; na de *Palmeirin d'Inglaterra*, por Francisco de Moraes, e no *Memorial das proesas da segunda tabula redonda*, por Jorge Ferreira; o que prova que, junctamente com o gosto da antiguidade classica, que de toda a parte resurgia, se não perdera o da cavallaria andante, que era geralmente o do povo.

A historia tomou então magestosas proporções sob a penna apurada de Fernão Lopes Castanheda e de Johão de Barros; os quaes tractaram de perpetuar a memoria dos feitos illustres dos portugueses nas partes do Oriente: o primeiro escrevendo a *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses*, e o segundo as *Decadas da Asia*, monumento grandioso com que pretendeu salvar do olvido aquelles memorandos feitos;

doendo-se de que esta nação se-mostrasse descuidada da posteridade do seo nome, *como se não fosse* (diz elle) *tão grande louvor dilatal-o per penna, como ganhal-o pela lança* [1].

As Decadas de Barros, além de narrarem os feitos inclytos que os portugueses practicaram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, o que abrange o espaço de cento e vinte annos, contêem preciosas noções geographicas e interessantes relações historicas de muitos povos da Asia. — O auctor descreve toda a região comprehendida entre os dois famosos rios Indo e Ganges, de cujos habitantes nos-faz conhecer os ritos, os usos e os costumes; dando-nos particular noticia das castas e da geração dos naires: informa-nos dos reinos de Sião e do Pegú; do imperio da China e de sua celebre muralha; das ilhas de Ceilão, de Sumatra, de Maldiva, de Moluca, e dos Celebes; faz uma bellissima descripção do coqueiro, outra do sagú, narra a invenção do jogo do xadrez, e tracta dos amoucos, da zumbaia, do lapis e de outras muitas coisas notaveis e proprias d'aquellas partes, que então na Europa se-ignoravam.

Barros foi chamado o *Tito Livio portugués* pela sciencia e facundia com que escreveu a historia.—O prologo que junctou á Decada III é uma das mais eruditas coisas d'aquelles tempos; mas n'elle pretende que os crimes e as abominações dos reis e principes, por causa da reverencia que se-lhes deve, hajam sempre de occul-

[1] Dec. 1.ª L. 4.º C. 11, fol. 81 v. ediç. de 1628.

tar-se; sendo certo que, uma vez admittida esta regra, de pouco proveito nos-ficara servindo a historia; por quanto nunqua chegaramos a conhecer a verdade inteira.—Releva-nos ainda observar que a critica historica não era então conhecida, pelo que, 'n esta parte, devia indefectivelmente tropeçar o auctor das Decadas. —Não se-eximiu, outrosim, o mesmo auctor de alguns preconceitos vulgares e proprios do seo seculo; sendo un d'elles o accreditar na astrologia judiciaria, da qual ingenuamente refere o methodo porque a mesma procedia para obter os seos prognosticos [1].—O estilo que imprega é quasi sempre grave e culto, e a linguagem nobre e decente; muitas vezes elegante, locupletissima no primor e novidade da expressão, e não poucas figurada: como quando diz que os nossos abandonaram a fortaleza de Pacêm *com o temor no rosto e a vergonha nas costas;* ou, quando, á cêrca de uma traição tentada contra o guazil de Calaiate, em que pereceram muitos portugueses, profere: *Este fin têem as obras que se-commettem dando o bejo na face com a espada escondida* [2]. —Do estilo grave, e proprio da historia, descáe, porém, algumas vezes no rasteiro.

Affonso de Albuquerque, filho do grande Affonso de Albuquerque, escreveu tambem nos seos *Commentarios* os successos e as facções maravilhosas dos portugueses

[1] Dec. III, L. 5.º C. 6.º

[2] De outras muitas locuções figuradas e metaphoras usou o elegante auctor das Decadas da Asia, as quaes se-acham colligidas e se-podem ver no opusculo que tem por titulo: «*Espirito da Lingua Portuguesa*» inserto no Tom. 3.º das Mem. de Litter. da Acad. R. das Scien. de Lisboa.

nas partes do Oriente: e Pedro de Magalhães Gandavo a *Historia da Provincia Sancta Cruz*, na qual relata o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral; bem como os costumes dos indios, e tudo o que é concernente á historia natural d'aquella parte do novo mundo. — Este livro, que dedicou a Dom Leonís Pereira, foi recommendado por Luiz de Camões ao magnanimo defensor de Malaca, dizendo-lhe:

> Tem claro estilo, ingenho curioso,
> Para poder de vós ser recebido [1].

É de crer que não seria menos grata a elegia que tam graciosamente patrocinava a offerta do que o mesmo don do offerente.

Dois conspicuos escriptores, Damião de Goes e Dom Hieronymo Osorio, bispo de Silves, illustraram ainda a historia, escrevendo: o primeiro, na lingua patria, a chronica do *Principe Dom Johão* e a de *Elrei Dom Manuel*, e o segundo na de Cicero, que soube imitar na elegancia e pureza da dicção, os Feitos do mesmo felicissimo rei, que intitulou: *De Rebus Emanuelis*.

[1] Eleg. IV.

XV

Sendo as viagẽes uma parte não menos instructiva que interessante da Historia, cabe aqui mencionar o *Itinerario* de Antonio Tenreiro e a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto; obras ambas assás noticiosas e bem escriptas. — Da primeira diz Johão de Barros que *em alguma coisa deu lume á sua Geographia* [1]; attenta a fidelidade com que aquelle viajante descreveu os paizes e as nações por onde transitou; sendo o primeiro que, por terra, veiu da India a Portugal. — Quanto á Peregrinação de Fernão Mendes, é ella infinitamente interessante pelas aventuras e peripecias que o auctor reconta em prosa bellissima e em estilo tam natural e singelo, que não só nos-captiva a imaginação; mas nos-persuade das espantosas e incrediveis coisas que viu e passou; sendo notaveis as descripções que faz de varios idolos e pagodes da China, da pirataria e das depredações que 'n aquelles mares practicavam os portugueses, e, por ultimo, a narração do que succedeu ao padre Francisco Xavier, quando introu no Japão, em que dá

[1] Dec. III, L. 7.º C. 9.º fol. 192, v. col. 2.ª ediç. de 1628.

compta das disputas que alli sustentou com os bonzos; o que tudo seguiu e textualmente copiou o jesuita Johão de Lucena na vida que escreveu do mesmo padre Francisco Xavier [1].

Sam tam extraordinarios os successos relatados por Fernão Mendes, que houve quem se-persuadisse de que elle não fez mais do que romancear o que tinha podido saber das coisas da China e Japão, pondo em relevo o

[1] A confrontação que passâmos a fazer, merece, porcerto, o reparo e a critica dos homens de lettras.

O que Fernão Mendes relata da armada dos achens e do padre Francisco Xavier no cap. 203 da Peregr. é narrado mais diffusamente nos cap. 7.º, 8.º e 9.º do L. 5.º da vida do dicto padre por Johão de Lucena.

O que se-contêm no cap. 204 da Peregr., acha-se sem differença alguma, senão nas palavras, nos cap. 10.º, 11.º e 12 do L. 5.º de Lucena.

O que o primeiro narra nos cap. 205.º e 206.º é narrado por Lucena nos cap. 13.º e 14.º do L. 5.º

O substancial do cap. 207 do primeiro acha-se sem discrepancia alguma, nos cap. 16.º, 17.º e 18.º do segundo.

O conteudo do cap. 209.º do primeiro é o mesmo que o do cap. 4.º do L. 9.º do segundo: e a charta que o rei de Bungo escreveu ao padre Francisco Xavier, que se-incontra no mesmo cap. de Fernão Mendes, vem fielmente transcripta no citado cap. de Lucena.

O recebimento que ao padre Francisco Xavier fez o rei de Bungo, conforme o descreve Fernão Mendes no cap. 210, é fielmente copiado por Lucena nos cap, 5.º e 6.º do L. 9.º

Tudo o que Fernão Mendes tracta no cap. 211.º é o mesmo que Lucena mais extensamente expõe nos cap. 7.º e 8.º do L. 9.º, sem, todavia, lhe-dar nova fórma, e até, ás vezes, pelas proprias palavras do auctor da Peregr. onde se-comprehende a primeira disputa que o bonzo Fucarandono teve com o padre Francisco Xavier.

O que se acha relatado no cap. 212.º de Fernão Mendes, inclusivè a segunda disputa de Fucarandono com o dicto padre é egualmente referido por Lucena nos cap. 9.º e 10.º do L. 9.º

Finalmente: A viagem do padre Francisco Xavier do Japão para a China em a náu de Duarte da Gama; bem como a perda e a milagrosa apparição do batel da mesma náu com a gente que levava, conforme relata Fernão Mendes no cap. 214.º, é referida por Lucena no cap. 15.º do L. 9.º, omittindo só o que Fernão Mendes conta ter passado com o padre Francisco Xavier, como convinha ao mesmo Lucena occultar.

desenfreamento com que alguns bandos de portugueses andavam espancando aquelles mares e commettendo toda a qualidade de violencias e rapinas.—Todavia, não póde hoje duvidar-se da veracidade do que nos-informa, e particularmente do que diz respeito á pirataria a que muitos dos nossos se-entregavam; a qual, para maior escandalo, era de ordinario accompanhada com actos de religião christãa; no que parece que o auctor quis adrede tecer uma satyra vehemente, comquanto habilmente disfarçada, ao que então geralmente practicavamos na India, que era *roubar* e *catechizar*.—Para que possa avaliar-se o fundamento do que deixâmos dicto, copiaremos aqui a scena que o auctor nos-representa e se-passa dentro de uma lanteá que acabava de ser roubada a uns pobres chins:

«Antonio de Faria vendo un menino, que tambem alli estava, de doze até treze annos, muito alvo e bem assombrado, lhe-perguntou d'onde vinha aquella lanteá, ou porque causa viera alli ter, cuja era, e para onde ía? o qual lhe-respondeu: era do sem-ventura de meo pae, a quem caíu em sorte triste e desventurada tomardes-lhe vós-outros em menos de uma hora o que elle ganhou em mais de trinta annos; o qual vinha de un logar que se-chama Quoamão, onde, a troco de prata, comprou toda essa fazenda que ahi tendes, para a ir vender aos juncos de Sião que estão no porto de Comhay; e, porque lhe-faltava a agua, quis sua triste fortuna que a-viesse tomar aqui para vós lhe-tomardes sua fazenda sem nenhun temor da justiça do céo.—Antonio de Faria lhe-dice que não chorasse, e o-afagou quan-

to poude, promettendo-lhe que o-tractaria como filho, pórque 'n essa compta o tinha e o-teria sempre; a que o moço, olhando para elle, respondeu com un surriso a modo de escarneo: Não cuides de mim, indaque me-vejas minino, que sou tam parvoo que possa cuidar de ti que, roubando-me meo pae, me-hajas a mim de tractar ccmo filho; e se és esse que dizes, eu te-peço muito, muito, muito por amor do teo Deos que me-deixes botar a nado a essa triste terra, onde fica quem me-gerou; porque esse é o meo pae verdadeiro, com o qual quero antes morrer alli 'n aquelle mato, onde o-vejo estar-me chorando, que viver entre gente tam má como vós-outros sois. Alguns dos que alli estavam o-reprehenderam e lhe-diceram que não dicesse aquillo porque não era bem dicto; a que elle respondeu: sabeis porque vol-o digo, porque vos-vi louvar a Deos depois de fartos com as mãos alevantadas e com os beiços unctados, como homẽes que lhes-parece que basta arreganhar os dentes ao céo, sem satisfazer o que têem roubado; pois intendei que o Senhor da mão poderosa não nos-obriga tanto a bolir co'os beiços quanto nos-defende tomar o alheio; quanto mais roubar e mactar que sam dois peccados tam graves quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de sua divina justiça. Espantado Antonio de Faria das razões d'este moço, lhe dice *se queria ser christão*, a que o moço, pondo os olhos 'n elle, respondeu: não intendo isso que dizes, nem sei que coisa é essa que me-commettes; declara-m'o primeiro e então te-responderei a proposito. E declarando-lh'o Antonio de Faria por palavras discretas ao seo modo, lhe não respondeu

o moço a ellas; mas pondo os olhos no céo, com as mãos alevantadas dice chorando: Bemdicta seja, Senhor, a tua paciencia, que soffre haver na terra gente que fale tam bem de ti, e use tam pouco da tua lei, come estes miseraveis e cegos que cuidam que *furtar* e *prégar* te-pode satisfazer, como aos principes tyrannos que reinam na terra. E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se-foi pôr a un canto a chorar, sem em tres dias querer comer coisa nenhuma de quantas lhe davam[1].»

O trecho, que acabâmos de transcrever, revela que uma profunda corrupção lavrava já no corpo social na épocha a que nos-referimos; sendo facil de prever que as lettras se-resentissem de tal corrupção, e começassem a declinar e a corromper-se.

Era, com effeito, o que em Portugal acontecia pelo meado do seculo XVI.

[1] Peregr. C. 55, T. 1.º p. 210 e seg. ediç. de 1829.

XVI

No bosquejo que rapidamente traçámos, fizemos vêr quaes foram os progressos do espirito humano em todo o periodo da renascença.—Mostrámos como em Italia o descobrimento dos manuscriptos gregos e romanos, patenteando o primor das lettras antigas, e excitando geral enthusiasmo, creou a moderna litteratura que se desenvolveu no gosto puramente classico, cuja imitação chegou a ser exaggerada:—como Petrarca, Dante, e Boccaccio exerceram uma poderosa influencia nas lettras, e particularmente na poesia que se-propagou por toda a Europa néo-latina:—como un pasmoso numero de descobertas, tanto antigas, como modernas, fez nascer o *espirito de exame* e, com elle, a opposição religiosa, que em Italia não passou de satyrica e sceptica, em quantoque, em Allemanha, sendo systematica, cheia de convicção e decidida a combater, trouxe, por fin, a reforma protestante:—observámos que em França as invasões extrangeiras, as guerras civís e a anarchia, retardaram os progressos da renascença:—e que em Hispanha não só as luctas intestinas e as guerras exteriores, mas inda a influencia que no gosto d'aquella épo-

cha exercia a litteratura e a poesia arabe, obstaram á introducção das lettras classicas, que só chegaram a adoptar-se no seculo XVI: — dissemos, finalmente, como em Portugal, aos primeiros reflexos da renascença, se-cultivou a poesia: como prosperaram as sciencias exactas e se-aperfeiçoou a astrononia e a navegação: o auspicioso começo que teve a arte dramatica e a facundia e perspicuidade com que a historia traçou brilhantes paginas. Tal era o estado do desinvolvimento intellectual do meio-dia da Europa nos principios do seculo XVI. — A perspectiva scientifica e litteraria do nosso paiz fazia então presagiar que em breve attingiria un elevadissimo gráu de perfeição. — Bem longe, porém, de tal conseguir, estava-lhe preparado o mais espantoso retrocesso.

Por fallecimento de Dom Manuel, subira ao throno Dom Johão III, principe de acanhada intelligencia, fanatico, intolerante, e que fôra antes talhado para guardião de un convento de capuchos, do que para sustentar o sceptro da ingente monarchia portuguesa. — Diz Pedro de Mariz que no reinado de Dom Johão III *se-foi consumindo e perdendo o que com a guerra se-adquiriu: e que as conquistas que 'n elle se-fizeram e as victorias que se-alcançaram, tudo foi obtido e executado pelos valorosos cavalleiros e experimentados capitães que na militar eschola de elrei seo pae se-criaram e fizeram famosos* [1].—Podêmos accrescentar que os bons ingenhos que floreceram durante o reinado d'este monarcha, foram creados com a doctrina que beberam do tempo de

[1] Dial. de Varia Hist. Dial. V, in princ.

elrei Dom Manuel e que inda subsistiu alguns annos depois, até que o mesmo Dom Johão III de todo a perverteu e deu cabo d'ella.

Logo que este monarcha subiu ao throno, empregou todos os exforços para impetrar do pontifice uma bulla que o auctorizasse a estabelecer em seo reino o tribunal da inquisição. E não parece que taes exforços fossem tanto para impedir que em Portugal se-introduzissem as *novas idéas*, que então se-propagavam em Allemanha, como para perseguir e espoliar os christãos novos, cujas riquezas estimulavam a piedosa cubiça do monarcha estulto e sem coração.

Diz um auctor moralista que: «todas as opiniões humanas, *mesmo as dos theologos*, têem motivos secretos no proceder e character dos que as-professam.» Devemos consequentemente presumir que, não obstante ser o fanatismo exaltado de Dom Johão III a causa ostensiva que o-fazia obrar, não era n'elle o zelo religioso desaccompanhado do desejo secreto e ignobil de augmentar os seos haveres com os bẽes confiscados aos israelitas; porque foi expressamente contra elles que sempre forcejou por estabelecer o abominando tribunal.

Os judeus, excluidos da magistratura, da milicia, do professorado e de todos os empregos publicos, e fazendo, como inda hoje, uma excepção na republica, não podiam ter amor de patria, nem interessar-se pela gloria e prosperidade da nação que os repellia e desherdava. —Em resultado d'esta politica de odio e exclusão haviam-se elles concentrado em seos interesses privados, applicando-se á medicina, á astronomia, ás artes mecha-

nicas e particularmente ao commercio. Tendo sido forçados a acceitar o christianismo, não só pela malquerença que continuou a perseguil-os, e que, por isso, lhes-despertava a natural argucia, senão por serem grandemente laboriosos e dados a toda a sorte de agencia, de que lhes-provinha avultados lucros, tinham-se extraordinariamente locupletado. Era, portanto, 'n elles que a religião do monarcha podia utilmente explorar e colher abundante mésse. — Não obstante as contradições que lhe-oppôs a propria curia romana, tanto lidou no empenho de obter o nefando tribunal, que, por ultimo, o conseguiu.

XVII

Apenas em Portugal se-estabeleceu a inquisição, começou o fanatismo a produzir os seos terriveis effeitos. —Surgiram as suspeitas, as denuncias, e, com ellas, os receios e os sobresaltos de que não podiam exemptar-se as consciencias mais puras.—Cessou todo o direito civil para inaugurar-se o governo theocratico e o imperio do terror.—A imprensa passou a ser algemada pelo mais feroz despotismo, arrogando-se o sancto officio a faculdade de examinar não só os livros que hou-

vessem de imprimir-se, senão tambem os já impressos. —Consequentemente supprimiram-se e queimaram-se todos os que continham doctrinas que não agradavam á côrte de Roma e ao poder absoluto: outros foram mutilados, ou nesciamente alterados, como mais tarde aconteceu ás obras de Gil Vicente e aos Lusiadas de Camões. —Tudo quanto a razão e a intelligencia podiam produzir de brilhante, creador e util á humanidade, foi imprescriptivelmente trucidado á nascença. Tornou-se impossivel o raciocinar; porque lá estava alçado o horrendo tribunal que punia com fogo quem fizesse uso da razão. —Ás naturaes expansões e á liberdade de falar succederam os recatos e as cautelas que era mister guardar não só com os visinhos, senão com os proprios domesticos, de que tomou origem o proloquio popular que diz: *as paredes têem ouvidos:* o qual nos-dá a conhecer até que poncto o medo suspicaz se-incutira nos animos. —A este estado de compressão devia necessariamente succeder o insulamento e a solidão; porque a primeira e a mais geral das disposições que nos animos dos povos faz nascer o despotismo e a arbitrariedade dos governos é a desconfiança, de que logo se-segue o interromperem-se todas as relações sociaes e o encerrar-se cada un no recondito de seo lar. O mesmo paço dos nossos antigos reis, que d'antes fôra uma espirituosa academia de jogos, onde se-representavam farças e momos e se-viam practicar as leis da mais apurada galanteria: côrte composta de fidalgos, que todos poetavam, e cujas producções, compiladas no Cancioneiro de Resende, nos mostram uma cultura intellectual e in-

strucção a que não havia attingido até alli nenhuma das côrtes da Europa, excepto as de Italia: dominada por un rei ignorante e fanatico que a-encheu de frades, çaíu des de logo no mysticismo, na apathia estupida, e na mais silenciosa tristeza de que tam sentidamente se-queixa o nosso Sá de Miranda, dizendo:

Os momos e os serões de Portugal,
Tam falados no mundo, onde sam idos,
E as graças temperadas de seo sal?

Dos motes o primor e altos sentidos,
Os dictos avisados, cortesãos,
Que é d'elles[1]?.....

Tudo isto havia desapparecido; e note-se que foi no mesmo anno de 1536, em que se-estabeleceu a inquisição, que, *pela ultima vez*, se-representaram no paço as comedias de Gil Vicente, das quaes a *Floresta de Ingannos* foi a derradeira que alli se-pôs em scena: o que mostra o extenso predominio que des de logo assumiu o horrendo tribunal, que fez que no proprio palacio do rei acabassem aquellas representações em que se-expunham á irrisão os vicios dos frades e clerigos: espectaculo, que não podia deixar de offender o orgulho sacerdotal, e que, por isso, lhe-convinha que nunqua mais se-repetisse[2].

[1] Charta a Dom Fernando de Menezes.

[2] Parece que J. V. Barreto Feio e o senr. Joseph Gomes Monteiro ignoraram a causa porque desde 1536 deixou o nosso Plauto de compôr as suas tam chistosas comedias. — No Ensaio que escreveram sobre a vida e escriptos de Gil Vicente, lêmos a pag. XX: «Que motivo impediria o poeta da côrte de continuar a divertir os seos reaes patronos des de 1536, quando até então as suas producções eram quasi annuaes, muitas vezes duas e tres por anno?»

XVIII

Quatro annos depois entravam em Portugal os jesuitas, chamados pelo mesmo Dom Johão III, e então de todo se-transformou o paço 'n un perfeito mosteiro, onde, em vez dos saráos apraziveis e esplendidos, só havia devoções e se-practicavam os exercicios espirituaes de sancto Ignacio de Loyola, que todos alli cumpriam rigorosamente, sem excepção de um só individuo. Era outra especie de *divertimento;* porque o beaterio tambem se-diverte: recrea-se estupidamente em practicas de máo gosto com que pretende adquirir o céo, emquantoque, na terra, não desdenha a fama de sanctidade, que, afagando-lhe uma vaidadezinha secreta, lhe-augmenta o numero de consolações espirituaes.

Não se-limitavam, porém, os jesuitas a estas sanctimonias e inanidades asceticas.—Mais importante missão era a sua que lhes-cumpria executar.—Instituidos defensores e guarda pretoriana do papa para lhe-sustentarem a supremacia contra os attaques dos reformistas, era-lhes indispensavel apoderarem-se das consciencias, adquirirem numerosos adeptos, perverterem o intendimento humano, e derramarem profusamente as

trevas para fundar un poder incontroverso e perduravel.

Foi o que immediatamente tractaram de pôr em practica.

Aos seos confessados de ambos os sexos fizeram prometter *voto de obediencia* a tudo quanto por elles lhes fosse ordenado, impondo-lhes assim despotico dominio e tornando-os instrumentos passivos de suas vontades [1].

Com o fin de incutir no espirito da juventude suas perniciosas doctrinas, assenhorearam-se do ensino publico, certos de que, em poucos annos, fariam surgir un cardume de fanaticos e nescios de que facilmente poderiam dispôr para seos nefandos designios.—Este meio, suggerido por satanica inspiração, é o de que nunqua deixaram de servir-se, e que inda em nossos tempos subrepticiamente tentaram levar a effeito, empregando as chamadas *irmãas de charidade;* porquanto os resultados de tal meio sam infalliveis, uma vez que a imprevidencia, ou a inepcia dos governos lh'o-consinta.

Havendo Dom Johão III em 1537 reformado a Universidade que fez trasladar para Coimbra, e para a qual chamara os mais insignes mestres das outras Universidades, foram estes os primeiros que os jesuitas perseguiram, denunciando e fazendo prender a uns pelo *sancto officio* e afugentando a outros com a medonha perspectiva dos carceres inquisitoriaes; tudo a fin de se-apoderarem dos estudos, como fizeram, começando pelo

[1] Vid. Charta do bispo Dom Hieronymo Osorio a Luiz Gonçalves da Camara, mestre e confessor delrei Dom Sebastião.

Collegio das Artes, em que logo se-introduziram; e, para se-pôrem a coberto das apupadas que poderiam resultar-lhes dos ridiculos estratagemas de que se-serviam e dos absurdos que alli ensinavam, fizeram que o Conservador da Universidade expedisse un alvará para ser castigado qualquer individuo, indaque fosse estudante das escholas maiores, que ás menores fosse fazer algumas descortesias, ou as fizesse em outras partes aos mestres e estudantes d'ellas [1].

Entretanto fomentavam a scissão, fazendo que cada dia se-tornasse mais odiosa a denominação de *christãos-novos* com que eram designados e mal vistos os israelitas recentemente convertidos ao christianismo [2]: o que practicavam para conservar o povo dividido; tendo em vista a ominosa maxima politica: *Divide para reinar.*

Sendo o fin que se-propunham o estabelecer un absoluto predominio; o que só podiam conseguir alimentando a superstição e estultificando todos os espiritos, começaram *a exaltar a ignorancia* e a propalar nos confissionarios, nos pulpitos, e até mesmo nas ruas e praças publicas onde prégavam, que *as sciencias sam perigosas:* o que corroboravam com argumentos tirados de San' Paulo e da propria Escriptura. Esta maxima, digna de seos auctores, foi mais tarde por elles não só defendida, mas ainda amplificada, a poncto de fazerem prevalecer como principio que *o prestimo deve ceder o passo á incapacidade:* facto que se-realisou no reinado

[1] Compend. Hist. da Univers. de Coimb. P. 1.ª Prel. 1.ª § 109.
[2] Id. ibid. Prel. 4.ª

de Dom Sebastião, quando promoveram uma devassa geral, em que foram demittidos dos empregos publicos todos os homẽes que lhes-eram desaffectos e substituidos pelos da sua parcialidade. E como os novos providos fossem muito menos idoneos, e até alguns inteiramente incapazes, sustentavam que *faziam bem de saber pouco e que o saber muito e ser para muito é caso de menos valer*[1].

XIX

Augmentando prodigiosamente em numero os arteiros filhos de sancto Ignacio, derramaram-se e introduziram-se por toda a parte a *fazer fructo*; de modo que as nossas armadas e as proprias fortalezas das conquistas se-não viam nunqua desaffrontadas d'elles, ao passo que nas mesmas se não encontrava un só medico, ou cirurgião.—E crescendo junctamente em credito e auctoridade, nenhum commettimento terrestre, ou maritimo, se-emprehendia e executava, sem que por elles fosse approvado e dirigido; como se-viu no estabelecimento dos

[1] Vid. a citada Charta do bispo Dom Hieronymo Osorio a Luiz Gonçalves da Camara.

portuguezes no Rio de Janeiro em que o jesuita Manuel da Nobrega foi sempre o conselheiro e director que esteve ao lado do capitão-mór Estacio de Sá, a quem foi expressamente ordenado no regimento que se-lhe deu que *não obrasse coisa alguma de importancia sem elle*[1].

Ao proprio Dom Johão de Castro, vice-rei da India, escreveu Dom Johão III, que, inda sobre os casos de guerra, se-aconselhasse com o vigario geral Miguel Vaz,[2] e, ou fosse por esta determinação estulta, que o-submettia á vergonhosa dependencia de un padre em coisa tam alheia de seo mister, ou tambem por que Dom Johão de Castro alli conheceu de perto os jesuitas e viu a preponderancia, que des de logo tomaram, ingerindo-se em todos os negocios do estado, intrigando e mandando avisos secretos a Dom Johão III, não lhes-era nada affeiçoado: facto que o jesuita Johão de Lucena, sem embargo de lhe-ser conveniente encobrir, por se-dar em varão de tanta virtude e auctoridade, chega, comtudo, a confessar na vida do padre Francisco Xavier, dizendo: *Sobre tudo a gente não tinha a Dom Johão de Castro por muito affeiçoado ao Collegio de San' Paulo*[3].

E não só o vice-rei da India, senão tambem o proprio arcebispo de Goa, Dom Gaspar, houve de curvar a cerviz ante o poder jesuitico.—Querendo aquelle prelado, na regencia da rainha Domna Catherina impedir que os padres da *companhia* lhe usurpassem a jurisdi-

[1] Simão de Vasconc. Chron. da Comp. de Jesu no Estado do Brasil. L. 3.° num. 57.

[2] Jac. Freire, Dom Johão de Castro, L. 1.° num. 69.

[3] Vid. do P. Franc. Xavier. T. 2.° L. 6.° C. 1.° p. 294.

ção, por tal modo intrigaram em Lisboa, que obrigaram a regente a escrever-lhe em nome de elrei para que, á cêrca da conversão, houvesse de tractar sempre com os padres jesuitas, e que nada fizesse sem que os mesmos fossem ouvidos.—E, em Roma, alcançaram que o pontifice Pio IV enviasse uma charta ao mesmo prelado, recommendando-lhe que lhes-désse toda a ajuda e favor, de modo que *não lhe-chegasse queixa alguma dos referidos padres;* e que não só o-exhortava, mas ainda, se necessario fosse, *o-admoestava* para dar protecção e guardar os privilegios á companhia de Jesus[1].

Comquanto houvessem adquirido tam incontrastavel poder, não desprezavam, todavia, servir-se de miseraveis embustes para subjugar o espirito do povo, sempre disposto a accreditar o que é maravilhoso e sobrenatural.—Forjavam, portanto, milagres, e inventavam prophecias tendentes a fortalecer o credito da já formidavel companhia. Uma das patranhas, que frequentemente empregavam, consistia em asseverar que nas batalhas que os nossos davam contra os mouros e gentios, fôra a victoria alcançada pela intervenção de algum sancto da sua escolha, que pessoalmente se-appresentara coberto de todas as armas a combater os infieis; os quaes, depois da batalha perguntavam mui de siso quem era un cavalleiro, vestido de armas com tal divisa, que n' elles fizera estragos de morte, e, pelos signaes que referiam, se-confirmava ser o sancto que elles queriam, e a quem

[1] Dom Man. de Menezes, Chron. de Dom Sebast. Prim. Part. Cap. 42, p. 153 e seg.

exclusivamente se-ficava devendo o bom resultado da peleja.

De un sapateiro idiota e analphabeto, mas grandemente fanatico e devoto da *companhia*, tiveram a astucia de fazer un propheta que prognosticava o que elles lhe-suggeriam e a quem, por ultimo, fizeram passar por sancto.—O cardeal Dom Henrique o-mandou vir de Evora para Lisboa, e queria que se-hospedasse em seo palacio: o infante Dom Luiz com elle familiarmente se-entretinha muitas vezes, e, o que é mais, o proprio Dom Sebastião o-admittia e mandava chamar para, em seo Conselho, ser ouvido e dar alvitres [1].!!!... Despois d'isto, ou un hospital de doidos, ou os campos de Alcacer-Kebir.

[1] Elrei Dom Sebastião o-mandava chamar muitas vezes e practicava com elle mui de vagar, e para o não cansar de joelhos, o-fazia assentar em uma cadeirinha raza, e, talvez, o mandava chamar ao Conselho de Estado e lhe ouviam e seguiam o seo voto, aindaque poucas vezes.

Tractado da Vida, virtudes etc. de Simão Gomes, portugues, vulgarmente chamado *o Sapateiro Sancto*, pelo jesuita Manuel da Veiga.

XX

Em quanto estes manejos dolosos e perinfames eram systematicamente postos em practica para anniquilar as lettras e obscurecer o entendimento, lavrava a mais espantosa corrupção moral, consequencia inevitavel dos meios que se-empregavam.[1]—O egoismo, a ambição e a hypocrisia tinham-se apoderado da maior parte dos individuos. A inveja dos aulicos e dos aduladores officiosos, que, sem nunqua se-expôrem aos perigos e ás fadigas da guerra, logravam os ocios da côrte de Dom Johão III, afastava do throno e fazia denegar a recompensa aos que mais haviam merecido da patria: e a in-

[1] Coisa digna de ser observada por todo o homem philosopho e pensador é que, segundo o que a historia narra, e o que particularmente refere o docto bispo de Silves, que tinha razão de o-saber, sem embargo da religiosidade d'aquelles tempos, e a pezar de tanto frade, de tanto jesuita, de tantissimo beaterio, e dos immanissimos rigores da inquisição, não houvesse diminuido a depravação moral, nem fosse menor o numero dos peccados; porque, dizia elle *nunqua na terra houve tantos, nem tam prejudiciaes;* porque aindaque nos da carne haja, por ventura, menos dissolução, (do que duvido muito,) de secreto ha os que sempre houve e que basta para condemnar as almas; e dos peccados de espirito, que não sam peiores, *quasi ninguem está exempto*... e senão mande V. R.ma perguntar por esses confessionarios.» Charta de Dom Hieronymo Osorio a Luiz Gonçalves da Camara, confessor de elrei.

gratidão do monarcha iniquissimo, auscultando complacente e sem exame as mais calumniosas delações e abjectas intrigas, deixava morrer na miseria não poucos d'aquelles que lhe-cumpria favorecer e galardoar.

Assim: Domingos de Seixas, que serviu no Oriente, onde vinte e cinquo annos esteve captivo de elrei de Sião, e do qual diz Johão de Barros[1] que *foi un dos homẽes de mais particular memoria com quem falou, principalmente nas coisas de geographia em que lhe-deu gran' lume no que escreveu d'aquelle reino*, não lhe-approveitou o captiveiro que padeceu, nem o serviço que 'n aquellas partes fez, e ser de boa linhagem para lhe-darem de comer, impedindo que viesse a acabar os dias no hospital de Lisboa.—Antonio Galvão, o apostolo das Molucas, que, além de outros serviços, gastou dez mil cruzados em reduzir á obediencia do Estado aquellas ilhas, sem querer ter parte no negocio do cravo cujo lucro fazia que revertesse todo para elrei: lucro que, se arrecadasse para si, como practicaram os demais capitães de Ternate, fizera que regressasse opulento ao reino, cheio de confiança em que, pelo que tinha obrado havia de ser mais favorecido, jazeu dezesete annos n' un hospital, onde viveu de esmolas e veiu, por fim, a perecer[2].—O grande Nuno da Cunha, em recompensa das victorias que alcançou na India, que governou com inteireza por espaço de dez annos em que conseguiu edificar tres fortalezas, que foram Chalé, Baçaim

[1] Dec. III, L. 8.° C. 2.°
[2] Barros, Dec. IV, L. 9.° C. 22 in fine.

e Diu, em seo regresso a Portugal, por ignobeis mexericos, o-mandou Dom Johão III esperar ás ilhas dos Açores para alli lhe-lançarem un pesado grilhão e com elle ser conduzido ao castello de Lisboa; o que poude evitar por haver fallecido depois de dobrado o cabo da Boa-Esperança; sendo seo corpo lançado ao mar com algumas camaras de falcões, que mandava se-pagassem a elrei; *porque* (dizia em seo testamento) *pela hora em que estava de nenhuma outra coisa lhe-era em incargo*[1]. Dom Leonís Pereira, que se-cobrira de gloria na defesa de Malaca, sem obter premio algum e affrontado dos desprezos dos altivos cortesãos, veiu a morrer de miseria em Lisboa.—E Fernão Mendes Pinto, de volta de sua longa peregrinação, quando já governava a rainha Domna Catherina, de balde esperou a remuneração de seos padecimentos e serviços, que andou requerendo quatro annos e meio; os quaes, diz elle, lhe foram não sabe se mais pesados de soffrer que quantos trabalhos passara no decurso de todo o tempo atrás; e saiba-se que (segundo conta) foi treze vezes captivo e dezesepte vendido, a fóra os naufragios que padeceu e o numero quasi infinito de açoites que lhe-foram dados.

Para completar o quadro, diremos que ao despotismo religioso que o clero exercia, e com que tomara a alçada a Deos, constituindo-se arbitro das consciencias; á perseguição que os jesuitas promoviam contra as lettras; ao fanatismo estupido da côrte; á postergação de toda a justiça e ao amortecimento dos brios guerreiros

[1] Couto, Dec. V. L. 5.° C. 5.°

se-junctava a mais sordida cubiça, estimulada pelas riquezas do Oriente.—'N aquelle seculo corrupto dizia-se como proloquio mimoso e geralmente acceito: *Dos nescios leaes se-enchem os hospitaes* [1].—A nossa grandeza politica, as sciencias e a litteratura íam infallivelmente sepultar-se no mais tenebroso occaso.

Foi então que Luiz de Camões, como se-fizesse un supremo exforço contra a decadencia da patria e contra a corrupção das lettras que via já imminente, invocava as Musas e se-penetrava das mais sublimes inspirações para compôr o seo poema.

Camões, altamente enthusiasta das glorias nacionaes, que celebrou na tuba épica fazendo resoar o canto com que pretendeu electrisar os animos e alevantal-os do abatimento em que os-tinha posto o governo de un rei estolido e imbelle, que espontaneamente entregara aos mouros as praças africanas de Alcacer, Azamor, Çafin e Arzila, canto que, como elle mesmo diz:

> ..... Resuscita
> As honras sepultadas,
> As palmas já passadas
> Dos bellicosos nossos Lusitanos,[2]

além de bem-merecer das Musas, procurou effectuar un grande pensamento politico.

Os Lusiadas sam un brado sublime contra a decadencia guerreira, moral e litteraria que se-operava por

[1] Bar. Dec. III, L. 9.º C. 1.º p. 223, Col. 2.ª ediç. 1628.
[2] Ode VII.

maligna influição; brado de patriotico alento com que aquella alma prodigiosamente grande, recordando nomes caros e heroicas virtudes, tentou regenerar o seo paiz; o que, se, todavia, não conseguiu, foi porque o mal já não tinha remedio; mas alimentou e não deixou nunqua extinguir no peito dos portugueses os brios antigos e o espirito de independencia com que elles mais tarde reivindicaram seos legitimos fóros e resgataram da dominação de Castella a patria de Dom Affonso Henriques.

I

CAMÕES

CAMÕES

I

Camões foi tam extraordinario por seo genio assombroso e transcendente, como por seo inexcedivel amor da patria, á qual consagrou os bellos dotes da intelligencia: do que devendo resultar-lhe favores e premio subido, só lhe-advieram infortunios, desterros e todos os males da vida.

Os primeiros biographos que d'elle se-occuparam e que, pela proximidade dos tempos, eram os que melhor nos-podiam informar de todos os successos que então lhes-fôra facil averiguar, tiveram mais cuidado em descrever-nos a extensa genealogia do poeta do que em illustrar-nos á cêrca das particularidades essenciaes da sua aventurosa carreira, da qual omittiram alguns factos precipuos, tocando outros tam perfunctoriamente, que só nos-deixaram incertezas e conjecturas. — De quanto se-ha escripto sobre o auctor dos Lusiadas o que mais nos-desagrada é, sem duvida, *o romance* que

se-ha querido fazer da sua vida, em vez de se-tentar escrever-lhe a historia fundada no que póde deprehender-se e deduzir-se de alguns factos averiguados.—Houve, mesmo, un biographo que pretendeu exaltar Camões e defender os jesuitas; como se taes factos podessem jamais conciliar-se: ou foi ignorar o que se-passou na época nefasta do dominio jesuitico, ou querer adrede falsear a historia.—O que, sobretudo, nos-parece inquestionavel é que Luiz de Camões não foi ainda devidamente appreciado, por o não ter sido á luz da historia e de uma critica investigadora e philosophica.

O mesmo biographo a que alludimos, querendo, como partidario da nobreza hereditaria, ingrandecer Camões com accumular ao merito litterario do poeta o que intendeu lhe-provinha de uma nobre ascendencia, escreveu que *o homem novo, que se-illustra e innobrece, é digno de consideração egual á que se-presta áquelle que a recebe transmittida:* preposição dos tempos gothicos que não merece hoje refutada.—Não seremos nós que tomaremos a gralha, revestida com as pennas do pavão, por aquillo que ella nos-pretende inculcar; fôra isso un grosseiro engano. Camões, illustre por si, pela alteza dos seos pensamentos, por sua nobre independencia, por seo grande amor da patria, e pelo odio que professava aos jesuitas e traidores que machinavam perdel-a, não carece de outros titulos que o-illustrem, e muito menos dos titulos vãos de uma nobreza artificial que só servem de impôr ao vulgo ignaro.

Quanto a nós, diremos simplesmente que foram seos progenitores Simão Vaz de Camões e Anna de Sá de

Macedo; vindo o poeta, por parte de sua avó paterna, Guiomar Vaz da Gama, a ser parente dos Gamas do Algarve; circumstancia em si de pouca monta; mas que, aliás, nos-releva registrar, por ser indispensavel ao que ao diante havemos de produzir.

A data do nascimento do poeta não nos-é directamente conhecida; mas tendo Manuel de Faria e Sousa examinado un registro auctentico em que se-continham os nomes das pessoas principaes, que, des d'o anno de 1500 passaram a servir na India, no qual se-acha exarado que Luiz de Camões se-alistara para o mesmo fin no anno de 1550, tendo então 25 de edade, não nos fica a menor duvida de que nasceu no de 1524.

Postoque o licenciado Manuel Corrêa, em seos Commentarios sobre os Lusiadas, declare ter Luiz de Camões nascido na cidade de Lisboa, ha hoje quem, fundado em documentos que inda não vimos publicados, assevere que foi Coimbra que lhe-deu o berço.—Nada, portanto, affirmaremos a tal respeito; mas quer-nos parecer que, se não foi em Coimbra que nasceu, foi seguramente alli que passou os annos flóreos da juventude, cursando os estudos da Universidade, que pouco havia se-reformara, e onde recebeu a instrucção litteraria e scientifica em que tanto primou e de que se-recorda com visivel saudade, quando, na estancia 97 do Cant. III dos Lusiadas, diz:

Quanto póde de Athenas desejar-se
Tudo o soberbo Apollo *aqui* reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro
Do bacharo e do sempre verde louro.

II

Nenhun dos biographos de Camões nos-informa de quaes foram os estudos que elle cursou na Universidade.—O senr. Visconde de Juromenha diz que é de crer que fossem os de theologia: o que não tem probabilidade alguma; não só pelo desprendimento que n' elle observâmos de todas as idéas theologicas a que natural mente devera ser afferrado, se taes houvessem sido seos principaes estudos, senão porque claramente vemos que foram as sciencias naturaes, a philosophia, a cosmographia e a historia a que especialmente se-applicou, e em que adquiriu profundos conhecimentos, a que junctou outros muitos em todos os ramos de litteratura.

Já vimos a que auge de progresso haviam chegado os conhecimentos humanos nos principios do seculo XVI, e quaes, portanto, os recursos que d'elles podia tirar o genio superior e transcendente de Luiz de Camões.—A renascença, que por toda a parte expandia

un reflexo vivifico e salutar, havia chegado até nós, e impellira o mesmo Dom Johão III á reforma da Universidade, que fez de novo trasladar para Coimbra, chamando para alli ensinarem as sciencias não só os professores nacionaes de reconhecida capacidade, senão os cathedraticos mais eminentes das outras Universidades; medida benefica, que devera produzir os mais proficuos resultados, se a reacção jesuitica, coadjuvada pelo execrando tribunal da inquisição, não houvesse desde logo esterilizado tam util medida e posto uma barreira insuperavel a todo o desinvolvimento intellectual.—Nos poucos annos, porém, que antecederam a perseguição que os jesuitas poseram em practica para anniquilar as sciencias e em que varios lentes da mesma Universidade foram sepultados nos medonhos carceres inquisitoriaes, e outros compellidos a buscar un refugio em paizes extrangeiros, poude Luiz de Camões aproveitar a lição de tam illustres professores.

O estudo das lettras classicas, em que por elles foi habilmente doctrinado, fez-lhe nascer o gosto da mythologia cujas ficções ridentes e graciosas, contrastando com os quadros lobregos e nimiamente severos do christianismo, deviam amenizar-lhe o espirito, impressionado por aquelles quadros tetricos e sombrios, com as scenas vivazes e incantadoras da theogonia greco-romana. —Sensivel aos incantos da poesia, apprendeu nos versos percultos de Homero e Virgilio a harmonia, a correcção, a belleza e a elegancia das fórmas; o que até alli se não conhecia na linguagem metrica que não passava de uma simples imitação dos trovadores proven-

çaes.—Dos modernos leu com avidez Sannazaro, Petrarca, Ariosto, Boscan e Garcilasso; e foi na mansão aprazivel de Coimbra, e inda nos annos que viveu em Lisboa, que adquiriu a erudição vastissima que manifesta nos Lusiadas; pois só então poderia compulsar os livros que, sendo 'n aquelle tempo escassos e custosos na Europa, de todo lhe-fôra impossivel obter no presidio militar de Ceuta, nas nossas conquistas da Asia, e inda menos na colonia nascente e commercial de Macáu.—É, pois, evidente que, excepto a parte da epopeia que escreveu em Portugal, o restante d'ella foi composto sem soccorro algum de livros, os quaes nem mesmo lhe-fôra possivel transportar 'n uma quasi continua peregrinação em que passou a vida, e sómente ajudado com os auxilios de uma memoria vastissima.

Não sem causa fizeram os antigos as Musas, e, por ellas as artes e as sciencias que representam, filhas de Mnemosine, Deosa da Memoria; porque, sem memoria, não é possivel reter os factos, e, portanto, comparar e fazer raciocinios: ao passoque é d'ella que nascem e sederivam as mais portentosas invenções do espirito humano.—Por isto podemos fazer idéa das potentes faculdades de que dispunha Camões; sendo, como 'n esta parte foi, tam prodigiosamente dotado da natureza.

III

Se, pelos escriptos dos auctores, é dado conhecer e avaliar as qualidades moraes que os-distinguiram, e as opiniões que professaram, como até certo poncto devemos admittir, diremos que Luiz de Camões a un extremado amor da patria, amor desambicioso e nunqua desmentido, reuniu outro amor não menos nobre e sublime, qual foi o da gloria.—Similhante a Virgilio em tudo o que póde constituir un grande poeta; dotado, como elle, do fogo sagrado das Musas e de uma imaginação inventriz e graciosa, possuia egualmente aquella sensibilidade profunda que tanto nos-incanta e commove no cysne mavioso de Mantua.—Era, outrosim, dotado de un grande espirito de rectidão e justiça, o que particularmente manifesta quando tracta da morte cruel e affrontosa que Affonso de Albuquerque mandou dar a Rui Dias, cavalleiro natural de Alemquer, por haver jazido com uma moura captiva do mesmo Affonso de Al-

buquerque; e quando, depois de narrar os feitos pasmosos de Duarte Pacheco, se-revolta contra a iniquidade com que elrei Dom Manuel deixou de premiar aquelle varão prestante.

Era tambem Luiz de Camões animado de espiritos bellicosos, como bem nos-deixa ver na fala de Dom Nuno Alvares Pereira, na descripção da batalha de Aljubarrota, na de Tarifa, e no desafio dos doze de Inglaterra.—Possuia, além d'isto, idéas summamente liberaes e democraticas: o que revela quando approva a deposição de Dom Sancho II, com o fundamento de que o povo:

> A rei não obedece, nem consente
> Que não for mais que todos excellente.

Quando na est. 28 do Cant. IX, ao ver que a auctoridade regia se-robustecia e preponderava sobre a popular, exclama com manifesto sentimento:

> Leis em favor do rei se-estabelecem:
> As em favor do povo só perecem.

E, finalmente, quando na est. 93 do mesmo canto, tractando do que valem as honras e o ouro, diz:

> Porque essas honras vãas, esse ouro puro
> Verdadeiro valor não dam á gente:
> Melhor é merecel-os, sem os-ter,
> Que possuil-os, sem os merecer.

Tinha, sobre tudo, Luiz de Camões uma nobre alti-

vez, como claramente patentêa no Cant. VII, des de a est. 87 até o fin: em tempo que opprimido da desgraça, desvalido, contempto, calumniado, e parecendo que houvesse de succumbir a tammanho infortunio, se-alça contra os seos perseguidores com un sentimento de dignidade proprio do varão forte que se-sente conculcado.

Este sentimento foi 'n elle tam indefectivel e characteristico, como sabemos o-ter sido em Cesar, a quem não abandonou na hora suprema, quando, ferido no Senado pelos punhaes de Cassio e Bruto, instinctivamente compôs a toga de modoque, caindo, não ficasse em postura indecorosa.

Quanto a idéas de religião, parece-nos haver Luiz de Camões participado do scepticismo que então era vulgar na maior parte dos homêes doctos da Italia; não que a incredulidade chegasse 'n elle a tocar as raias do atheismo; porquanto possuia atilado ingenho para que podesse cair em semelhante absurdo.—Sem a idéa de un Ente Supremo nada se-explica, tanto na ordem physica, como na moral.—'N esta a justiça não tem razão de ser: a clemencia, a charidade, o perdão das injurias só podem ter causa na crença de un Deos omnipotente e justo e no temor de uma responsabilidade futura: tirado este temor, apparece un vacuo medonho, e só fica sendo un frio e calculado egoismo a origem de todas as nossas acções.—Mas é facto que nutria o grande épico fortissimas duvidas sobre tudo o mais; como bem se-deprehende do seguinte soneto:

Verdade, amor, razão, merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém fortuna, caso, tempo e sorte
Teem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se-reporte;
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Não se-alcança de humano intendimento.

Doctos varões darão razões subidas;
Mas sam experiencias mais provadas
E, por isso, é melhor ter muito visto.

Coisas ha hi que passam sem ser cridas,
E coisas cridas ha, sem ser passadas;
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

Bem se-deixa ver que este ultimo verso nada resolve sobre as duvidas expendidas; e que a clausula *crer em Christo* não é mais que o bolo soporifero da Sibylla, posto alli para adormentar o cão Cerbero da censura inquisitorial, que deixou passar o soneto sem fazer reparo.

A epistola a Dom Antonio de Noronha, *sobre os desconcertos do mundo,* comprova o que deixâmos dicto; porquanto é concebida segundo uma ordem de idéas philosophicas de que não incontrâmos exemplo em nenhun dos nossos auctores d'aquella época.

Por ultimo, vemos que era Luiz de Camões inimicissimo dos jesuitas, cujas tramas e hypocrisias observara des d'o tempo que frequentara a Universidade de Coimbra, onde, por certo, presenciou a farça indigna que se

não pejou de representar o padre Manuel Godinho, que no anno de 1542 alli foi mandado em habito de estudante pelo façanhudo Simão Rodrigues[1], para, sob tal disfarce, enganar os alumnos da mesma Universidade, procurando vencer-lhes a opposição é persuadil-os das virtudes dos referidos padres, cujos intentos eram já de apoderar-se dos estudos superiores d'aquelle estabelecimento scientifico e de attrahir para a *companhia* os mancebos mais distinctos que o-frequentavam; o que logo conseguiram, raptando, entre outros, a Dom Gonçalo da Silveira, irmão do conde de Sortelha, e a Dom Rodrigo de Menezes, filho de Dom Henrique de Menezes, regedor da Casa do Civel, com inexplicavel desgosto de suas illustres familias[2].

Não póde duvidar-se de que é alludindo á ambição e ao espirito de predominio d'aquelles obnoxios padres que o poeta na est. 28 do Cant. IX dos Lusiadas escreve com a liberdade que podia ter:

> Vê que aquelles, que devem á pobreza
> Amor divino, e ao povo charidade,
> Amam sómente mandos e riqueza
> Simulando justiça e integridade.

E na est. 119 do Cant. X, com referencia a hypocrisia com que os dictos padres se-intitulavam *apostolos*, diz:

[1] Balth. Telles, Chron. da Comp. de Jesu na Prov. de Port. L. I, C. 28, p. 89, col. 1.ª

[2] Id. ibid. C. 22 p. 112 e seg.

E vós outros que os nomes usurpaes
Dos mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estaes
Sem irdes a prégar a sancta fé?

Tal era Luiz de Camões, quando, terminado o curriculo dos estudos da Universidade, pelos annos de 1544, ou 1545, se-transportou a Lisboa.

É obvio que, com un character independente, com un grande espirito de rectidão, com a consciencia da superioridade do seo talento, e com o odio que professava aos jesuitas, pouco acceito podia ser a uma côrte estupida, fanatica, profundamente corrompida e completamente dominada pelos padres da companhia.

Foi, comtudo, benevolamente recebido e até mesmo festejado nas casas mais distinctas de Lisboa nos primeiros tempos que residiu 'n esta cidade, onde parece que de preferencia frequentava as das pessoas notoriamente adversas aos jesuitas; como eram as do duque de Bragança, de seo irmão Dom Constantino de Bragança, do conde de Sortelha, etc.

Pretendem alguns biographos, e, entre elles, o senr. Visconde de Juromenha, que Luiz de Camões teve ingresso no paço e que assistiu aos saráos esplendidos e ás festas que então abrilhantavam a côrte de Portugal.—É tudo uma pura ficção que incontra nada menos que a verdade historica. As representações dramaticas e os saráos tinham, como já fizemos ver, acabado com o estabelecimento da inquisição em 1536, em que o poeta contava apenas doze annos de edade.—Sendo ainda

uma creança, não sabemos com que pretexto, nem para que fin, podesse ser appresentado no paço.—Un anno depois (em 1537), completando dezeseis de edade a infante Domna Maria, filha de el-rei Dom Manuel, que por sua illustração era a alma do paço, *como fosse avultado o dote que lhe-deixara seo pae*, (diz o chronista d'esta illustre senhora) *e podesse viver separada do palacio de elrei seo irmão, foi-lhe posta casa propria* [1].— Para a companhia da infante sairam do paço os fidalgos mais distinctos por seo saber, bem como as senhoras de maior nomeada, entre as quaes se-contavam as duas irmãas Sigéas, Luiza e Angela, ambas celebres por sua vasta erudição [2]; vindo, portanto, a habitação real a ficar desprovida e exhausta de tudo quanto 'n ella havia dotado de ingenho e de capacidade.

É fóra de duvida que Luiz de Camões só podia ser appresentado no paço quando, terminados os estudos da Universidade, regressou a Lisboa.—Mas tendo então o poeta pelo menos 20, ou 21 annos de edade, o que corresponde á era de 1544, ou 1545, em que já o mesmo paço estava atulhado de frades e jesuitas, que iria elle alli fazer a não ser practicar os exercicios espirituaes de sancto Ignacio de Loyola? Alli, por certo, ninguem quereria ouvir falar de poesia, nem de coisa alguma espirituosa, ou que indicasse, sequer, senso commun.

[1] Pacheco, Vid. da Inf. D. Maria. L. II, C. 3.° fol. 91.

[2] Id. ibid. onde vem a extensa relação dos fidalgos e das damas que sairam do paço e passaram a compôr a casa da infante.

V

A esta época se-referem os amores que alguns pretendem que teve Camões com uma dama do paço.—O primeiro que d'elles fala é Pedro de Mariz no prologo que junctou á edição dos Lusiadas de 1613, onde apenas nos-informa de que *alguns diziam que o poeta sevira homiziado, ou desterrado por uns amores no paço da rainha.*

Sobre esta asserção inteiramente vaga, e que só tem por fundamento *o dicto de alguns* e o haver sido reproduzida por quasi todos os biographos subsequentes, cujo testimunho, por ser referido ao de Mariz, não tem mais validade que o d'elle, architectou o senr. Visconde de Juromenha un romance em que pretendeu ter descoberto quem foi a dama do paço, objecto d'aquelles preconizados amores.

Como Camões celebrasse em seos versos certa senhora com o pseudonymo de *Nathercia*, anagramma de Ca-

therina, procurou o senr. Visconde conhecer quem seria a dama d'este nome, que, por aquelle tempo, existisse no paço, para *in continenti* a dar como a amante e a causadora de todos os infortunios do poeta.—Deparou-se-lhe, porém, uma difficuldade, que foi incontrar duas damas com o mesmo nome; sendo uma a filha de Alvaro de Souza, e outra a de Dom Antonio de Lima. —Por esta ultima se-decidiu o citado biographo, e a razão que o-convenceu nada tem de concludente; porquanto se-funda n'un argumento negativo; o qual, ainda assim, não passa de suppositicio e inverosimil, como logo veremos.

Tractando de descriminar qual d'aquellas duas senhoras fosse a amante do poeta, diz o senr. Visconde:

«Era uma d'ellas Domna Catherina de Athaide, filha de Alvaro de Souza, terceiro filho de Diogo de Souza Castellano de Arronches... que foi dama da rainha Domna Catherina, e morreu moça pouco tempo depois de haver casado com Rui Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes, e jaz sepultada na capella-mór do extincto convento de san' Domingos de Aveiro, onde tem un epitaphio pelo qual consta que falleceu aos 28 de septembro de 1551.—Em uns aponctamentos manuscriptos contemporaneos, datados do anno de 1573, que existiam entre os papeis d'este convento, e escriptos por un frade por nome fr. Johão do Rosario, havido em grande credito, conforme a tradição do convento, e que se-diz ter sido confessor d'esta senhora nos ultimos tempos em que viveu, se-lêem estas palavras:

«*E todalas vezes que no poeta desterrado por ssa*

rasão lhe falava, sempre em reposta havia que assim não era, e que fora aquella alma grande que para emprezas grandes e a regiões tam apartadas o-levara.»

D'aqui inferiu indirectamente, e por exclusão, o senr. Visconde que a amante de Camões foi a filha de Dom Antonio de Lima.

Os taes aponctamentos não resistem a uma critica severa: quer sejam vistos á luz da sciencia litteraria, quer da historica.

Pelo lado litterario temos a observar que, sem embargo de ser o sobredicto frade *havido em grande credito* (circumstancia do estilo e que nada adeanta), torna-se-nos altamente suspeito o documento de que se-tracta, pela linguagem 'n elle empregada, a qual não era, porcerto, a de 1573, e muito menos se a-quisermos referir a épocha posterior. A clausula *por ssa razão* está evidentemente provando que o tal documento foi feito *á unha* por quem, pretendendo antiquar a linguagem, lhe carregou a mão de mais.—Pelo lado historico diremos que, tractando-se de haver Camões passado a militar em Ceuta, onde regularmente íam fazer serviço os nossos cavalleiros, mal podia chamar-se a isso *empresa grande*, sendo, aliás, inadmissivel que uma dama illustre por seos conhecimentos, como sabemos que o-eram todas as do paço da rainha Domna Catherina, caisse na censura de dizer que aquella praça, situada no estreito de Gibraltar, e pouco distante das costas de Portugal, ficava *em regiões apartadas!* E se houvermos de referir as dictas expressões á partida do poeta para a India, caso em que foram menos improprias, então sobresáe o

absurdo de poder uma senhora, que falleceu em 1551, alludir a un facto que só se-verificou em 1553, dois annos depois de morta e sepultada!

Segundo o que deixâmos exposto, vê-se que tudo o que póde allegar-se para attestar os amores de Camões com uma dama da rainha Domna Catherina, consiste no dicto inane de Pedro de Mariz, na coincidencia fortuita de un nome, e, por ultimo, 'n un documento apocrypho, que, quando mesmo fosse auctentico e genuino, nada absolutamente esclarecera.—Se, além d'isto, notarmos que o poeta nunqua teve ingresso no paço, onde mesmo devia ser mal visto, decresce a probabilidade d'aquelles pretendidos amores e somos forçados a accreditar que tudo o que a tal respeito se-tem escripto não passa de un mytho poetico, ou, quando muito, de un rumor destituido de fundamento.

VI

É tal, porém, o poder do maravilhoso, que não só se-tem accreditado nos amores de Camões com uma dama da rainha Domna Catherina, mas até chegou a affirmar-se que foi na egreja, assistindo á celebração da missa, que elle a-viu e se-apaixonou por ella.—Deu logar a esta asserção o soneto que começa: *O culto divinal se-celebrava*, etc.; mas quem nos-assegura que a dama por quem elle 'n essa occasião se-apaixonou foi realmente aquella Domna Catherina de Athaide, dama da rainha? Não é mesmo provavel que a idéa de ser durante a celebração do officio divino que elle viu pela primeira vez a sua dama, seja uma das muitas imitações que então se-faziam dos tres grandes restauradores das lettras antigas, Petrarca, Dante e Boccaccio, os quaes (coisa mirifica!) todos se-deixaram captivar de amor na egreja?... Petrarca apaixonou-se por Laura na egreja, uma sexta feira sancta; Dante por Beatriz,

no mesmo logar onde se-entoavam os louvores divinos; e Boccaccio refere que Pamphilio se-enamorou de Fiammetta 'n un templo, durante a missa; o que é o mesmo que dizer que elle proprio se-apaixonou por uma filha de Roberto, rei de Napoles, na indicada occasião. — Como a moda pegasse, o bolonhês, mesire Onesto, tomou amores na egreja uma quinta feira de endoenças, e Firenzoula dia de todos os sanctos; Guilherme de Nevers captiva-se na egreja pela filha do conde de Nemours; Ausias March, de Valencia, por Theresa de Momboy, sexta feira de paixão, etc. etc.

Quer-nos parecer que sendo então moda tomar amores na egreja, como quem toma agua benta, Camões, *por ser da moda*, seguisse poeticamente aquelle estilo.

Não impugnaremos, todavia, que amou Luiz de Camões uma dama que havia nome Domna Catherina de Athaide. — A poesia acrostica que transcreve o senr. Visconde de Juromenha, onde se-lê o nome d'aquella senhora, e cujo estilo reconhecemos ser o do poeta, nenhuma duvida nos-permitte a tal respeito. — Não é, porém, 'n isto que bate o poncto; mas sobre a identidade d'esta senhora e a de outra do mesmo nome, dama da rainha Domna Catherina; identidade que de nenhun modo vemos que se-próve; o que deixa, portanto, a questão no mesmo estado.

VII

É tambem facto incontroverso que contrahiu Luiz de Camões amorosas relações com uma senhora distincta, nos primeiros tempos que residiu na côrte.—Mas esta senhora, que os biographos pretendem ter sido Domna Catherina de Athaide, qualquer que ella fosse, nada tem de commun com uma dama do paço da rainha.—Se algun fio de Ariadna póde conduzir-nos em tam intrinsicado labyrintho, é forçoso que seja o que sobre tal assumpto nos-subministra a egloga III.

O que, á luz tenuissima que alli se-diffunde, póde descobrir-se, é que a amante do poeta ou era noviça em algun convento de freiras, ou, pelo menos, pupila ou senhora secular 'n elle reclusa, que, por sua vocação, se-dedicava ao culto religioso.—Tal é o que se-deprehende do seguinte terceto:

> Vós me-tirastes de meo peito exempto
> O pensamento honesto e repousado,
> Já dedicado ao choro de Diana.

Evidentemente a metaphora não tem applicação ao paço da rainha, onde sabemos que tomavam *estado* muitas senhoras solteiras que alli serviam, ás quaes fôra mal cabido o epitheto de choro de Diana, que o mesmo é que consagrado á *virgindade*.

Note-se mais que a dama cujos amores o poeta celebrou 'n esta egloga, que é continuação da II, tem o pseudonymo de Belisa, anagramma de Isabel; o que destrue a supposição de sér esta a tam decantada Domna Catherina de Athaide.

Há inda aqui uma coisa curiosa, que é dizer o poeta que foi ella que o-provocara; e não parece que o-fizesse pelo modo mais honesto e commedido.—Vejamos como elle narra o gracioso lance:

Co'a maçãa da discordia me-tiravas,
Que a Venus, que a-ganhou por formosura,
Tu, como mais formosa, lh' a-aganhavas.

E escondendo-te logo na espessura,
I'as fugindo como vergonhosa
Da namorada e doce travessura.

Não era esta a maçãa d'ouro formosa,
Com que, incoberta assim de astucia tanta,
Cydippe se-ingannou de cubiçosa:

Nem a que o curso teve de Athalanta;
Mas era aquella com que Galatéa
O pastor captivou, como elle canta.

A seducção amorosa que 'n estes formosissimos ver-

sos se-descreve, é, como vemos, comparada á que ao seo pastor fez a provocadora Galatéa, moça un tanto desinvolta, ou antes lasciva, como lhe Virgilio chama:

> Malo me Galatea petit, *lasciva puella*,
> Et fugit ad salices et se cupit ante vider'

Não admira, portanto, que o joven poeta tomasse algumas liberdades com a sua amante; liberdades de que ella se-queixa; porque asinha deram de travez com a ventura que ambos fruiam.

Estas relações que nem sempre podem occultar-se a olhos investigadores e, muitas vezes, invejosos, vieram pôr macula na reputação d'aquella senhora e tornal-a mal vista das suas companheiras.—É o que ella aponcta como causa da subsequente catastrophe:

> Vês as Nymphas do Tejo, que mudando
> Me-vam já pouco e pouco o claro gesto
> 'N outra fórma mais dura traspassando?

O resultado foi que a pobre donzella, segundo se-acha poeticamente descripto, se-converteu em arvore; o que quer dizer que mudou de fórma; porque, tendo sido constrangida a tomar o habito de freira, veiu realmente a transformar-se.

Quanto a haver a amante de Camões professado em un convento de freiras, não póde suscitar-se a menor duvida, em presença do manuscripto citado por Faria e Souza; no qual, em vez da metamorphose ultimamente

adoptada para tornar o caso mais poetico, se-lia que a desditosa dama tomara a resolução extrema de consagrar-se aos altares, perfugio de tantas que têem visto desvanecer-se as mais doces esperanças de un coração de mulher.—Alli diz ella:

É verdade; mas já tenho perdida
Essa affeição, que em ti mal impreguei
E 'n outra mais honesta convertida.

Amor casto, divino amor tomei;
Amor a cujo amor está subjeito
Quanto vive: por este te-deixei.

Para mais esclarecer o poncto, ajuncta Faria e Souza: En esto venia a dezir claramente que *avia dexado amores humanos y elegido el estado de monja* [1]. Não era necessario o commento.

Agora faremos ver a contradicção em que cáem quasi todos os biographos de Camões, nomeadamente Faria e Souza e o senr. visconde de Juromenha; os quaes admittindo que os amores que 'n esta egloga se-tractam sam os que o poeta teve com a dama preferida do seo coração, pretendem que a mesma, que elle terminantemente diz que tomou o habito de freira, seja a que foi dama da rainha Domna Catherina, a qual sabemos que morreu inda moça com exercicio no paço!

[1] Comment. a las Eglogas, T. V, p. 247.

VIII

Ainda que Luïz de Camões em todo tempo que residiu na côrte tivesse o pensamento occupado com cuidados amorosos, como era proprio de seos annos juvenís, nem, porisso, descurava as lettras e deixava de cultivar a poesia, na qual se-lhe-deparavam então varios competidores que, havendo-se applicado aos estudos da renascença, aspiravam á porfia a merecer as honras do Parnasso.

Em succincta digressão os faremos particularmente conhecer, emittindo sobre elles juizo imparcial e breve.

Até os principios do seculo XVI reinara em Portugal a eschola dos trovadores, dos quaes foi o ultimo Bernardin Ribeiro.—Por este tempo começou Francisco de Sá de Miranda a imitar a poesia classica e a cultivar o metro hendecassyllabo.—Como, porém, as Musas não lhe-houvessem bafejado o berço, soccorreu-se ao estudo e aos auxilios da arte, com a qual infeliz-

mente não soube haver-se; porque, sem embargo do muito que riscou e emendou, como elle proprio confessa[1], nada nos-deixou que admirar. — Miranda foi antes un philosopho moralista que un poeta; o seo estilo é sobremaneira sentencioso; mas parece que não fazia idéa clara das coisas. Tudo o que diz é sempre de un modo enleiado, abstruso, e ao mesmo tempo tam conciso que não poucas vezes se-torna enigmatico; não advertiu que da nimia concisão provêm o *obscurus fio.*— Póde dizer-se que 'n elle teve começo a eschola dos poetas *nebulosos.*

As duas eglogas, que compôs em português, sam próva do que deixâmos dicto.—Na primeira representa un dialogo sem nexo entre varios pastores, no meio do qual un pastor canta o roubo de Proserpina, e uma pastora toma por assumpto de uma cantiga a fabula de Psyche; mas tudo por tal modo enredado e tam confusamente descripto, que o leitor que não tiver conhecimento d'aquelles dois mythos, por fórma nenhuma fará idéa do que alli se tracta.—Na segunda põe na bocca de um pastor a satyra da *Chuva* do trovador Pedro Cardinal, que não só relata de uma maneira obscura, senão que ainda altera sem razão e sem gosto.

Nas chartas, que escreveu em redondilhas maiores, e a que alguns deram o nome de *satyras*, pela critica que 'n ellas faz dos costumes do seo tempo, foi menos infeliz o nosso Sá de Miranda; e é, por ventura, d'estas chartas, onde expendeu alguns pensamentos de moral

[1] No soneto III.

philosophica, que lhe-proveiu a denominação de *Seneca português*.—Todavia, devemos confessar que nenhuma profundeza achâmos 'n aquelles pensamentos; e não nos-parece que se-dê analogia alguma entre elle e o antigo philosopho estoico, a não ser no ton declamatorio que emprega e com que expõe as suas idéas, quasi sempre sem connexão e sem ordem.

Cultores da poesia classica, a exemplo de Sá de Miranda, a quem tomaram por mestre, foram simultaneamente Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha e Diogo Bernardes: nenhun d'elles, porém, dotado de genio, nem de inspiração poetica.

Ferreira, conhecedor dos poetas da antiguidade classica, estudou e seguiu particularmente a Horacio; mas não comprehendeu o estilo da ode, e, por outra parte, destituido de ingenho flórido, e máo apreciador da harmonia metrica, debalde tentaria imitar a delicadeza da expressão e as graças nativas de un poeta tam espirituoso e elegante.

Nas chartas que escreveu, mostra-se judicioso, e lá se-approxima un tanto mais do seo modelo; mas nem a philosophia de Ferreira, nem a theologia escholastica que professava, e que só podia embotar-lhe o espirito, lhe-permittia que rastejasse sequer o dizer picante e ao mesmo tempo gracioso do vate de Venusia.

As eglogas sam, depois das chartas, a melhor producção de Ferreira, e, entre ellas, nos-parece sobresair a que tem o titulo de *Magica*, imitada da VIII de Virgilio.

Compôs tambem Ferreira em verso hendecassyllabo

a historia de *Sancta Comba;* mas 'n esta historia, insipidamente metrificada, reproduz *o monstro* de Horacio, pintando o mouro amante da donzella christãa,

.....Como usso velloso,
E uma orelha d'asno, outra de cão.

A pouca critica de Ferreira não lhe-deixou ver que a natureza não cria monstros de tal especie, e que, quando algun podesse haver como o que descreve, não precisava de ser muito casta, nem de ter muita virtude a sua heroina para que resistisse ás pretensões de un seductor de tam hedionda e repellente catadura.

Caminha, inferior a Ferreira em saber e invenção, não se-lhe-avantajava na arte de metrificar. — Carecendo do don sagrado das Musas, e sendo-lhe vedado o ingresso no Parnasso, quis leval-o á escala vista. — Para o-conseguir compôs differentes poesias; mas todos os seos versos sam por tal modo escabrosos e dissonantes, que parece os fazia invito e como em expiação de algun grande peccado que tivesse commettido; como aquelle poeta do qual diz Horacio que compunha versos em punição de haver urinado nas cinzas paternas, o que entre os romanos era horrendissimo sacrilegio:

.....Utrum
Minxerit in patrios cineres... [1]

Podemos dizer que eglogas, epistolas, odes e elegias,

[1] De Arte Poet. v. 469—470.

tudo escreveu no mesmo estilo; sendo muitas vezes a phrase trivial e rasteira, e não contendo mais que pensamentos de insipida vulgaridade.

Quanto a Bernardes, metrificava melhor que nenhun dos tres; e nota-se-lhe mesmo uma certa amenidade que se não encontra, tanto em Miranda, como em Ferreira e Caminha; mas, a final, faltava-lhe invenção e originalidade.

Os quatro poetas, de que tractâmos, eram todos poetas de erudição; e, inda assim, devemos dizer que a erudição abunda 'n elles bem pouco.—Diremos mais que nenhun nos-fala ao coração, nem nos-eleva o espirito. Em seo estilo, quasi sempre uniforme, não ha o genero *narrativo*, nem o *descriptivo*, e muito menos o *imitativo;* não se-lhe-acha, finalmente, primor algun de elocução, ou coisa que denote, sequer, o instincto d'ella.

IX

Se observarmos o gráu de prosperidade a que, des d'a renascença, haviam ascendido as sciencias em Portugal, não podemos dizer que a poesia tivesse comparativamente alcançado eguaes progressos.

E, todavia, a pezar dos defeitos que acabâmos de mencionar nos referidos poetas, era quanto os tempos podiam dar; porque sendo a poesia uma das principaes artes da imaginação, não lhes-era permittido, a não ser por especial privilegio, tomar un vôo arrojado e alteroso.

O pensamento estava então subjugado pelo despotismo feroz da inquisição.—As livres aspirações periclitavam ao mais leve indicio com que pretendessem manifestar-se.—Os frades, que, por sua ignorancia crassissima, em toda a parte se-haviam mostrado adversos ás luzes que expandia a renascença, recrudesciam em Portugal na obra da intolerancia, coadjuvados por estrenuos

auxiliares, quaes eram os jesuitas, empenhados em propagar o obscurantismo, e que, nutrindo entranhavel odio ás lettras antigas, era, sobretudo, contra as maravilhas da arte e contra as engenhosas ficções da mythologia greco-romana que se-lhes-exacerbava o fanatismo estupido.—O retrocesso era espantoso e chegou a poncto que o jesuita Gaspar Pinto Corrêa, commentando a delicada ode de Horacio em que o poeta invoca Venus e lhe-roga que, deixando a amada Cypre, se-transfira ao templo que lhe-erigiu Glycera, seguida de Cupido, das Graças, das Nymphas e de Mercurio, não póde conter-se e prorompe possuido de sanha estulta e feroz: *Com bons sanctinhos anda accompanhada a senhora Venus! Ella e elles sam bons tições do Inferno*[1]*!*

Já se-vê que o bestunto do jesuita lhe-fazia julgar que seria muito mais proprio e conveniente que Venus se-fizesse accompanhar com bentinhos, veronicas e agnus-dei!

Comquanto os mencionados poetas, contemporaneos de Camões, carecessem de inspiração e de genio, nem porisso, deixavam de blandiciar-se com incessantes louvaminhas que ás invejas se-tributavam.—Tinham composto uma *sociedade de louvor mutuo*, como a que Horacio nos-conta que houve em Roma[2], e como a que em nossos tempos vimos formar-se de litteratos que reciprocamente se-admiravam, prodigalizando-se pela imprensa espennejados encomios.—Mas d'aquella socie-

[1] Commentarii in Libros Quinti Horatii Flacci Scribebat Doctor Gaspar Pinto Correa, Coimbra, 1655.

[2] Epist. II do L. II.

dade de poetas era excluido Luiz de Camões e nem uma só palavra se-proferiu nunqua em seo abono; como se un tam prodigioso engenho podesse ser d'elles ignorado; o que, certo não é crivel; porquanto Camões se-havia já então tornado celebre em Coimbra por suas admiraveis poesias, harto superiores ás de seos rivaes. Miranda tinha-se por este tempo retirado ao seo latifundio da *Tapada*, cêrca de Ponte de Lima, desgostoso das intrigas palacianas; — mas Ferreira, que foi desembargador na Relação de Lisboa, Caminha, camareiro do infante Dom Duarte, e Diogo Bernardes, que, da Ponte da Barca, se-passara á côrte, deviam ter pessoalmente conhecido Luiz de Camões.

Não póde, pois, tam formal silencio deixar de reputar-se premeditado e de attribuir-se á emulação que a todos elles causava a superioridade do mancebo que concebera o projecto arrojado de compôr uma epopeia da qual havia já escripto os primeiros cantos.—Caminha 'n uma serie de epigrammas, alguns dos quaes sam visivelmente feitos contra Camões, manifesta a má vontade que lhe-tinha; e uma critica consequente nos-leva a accreditar que eguaes sentimentos influiam em seos amigos intimos, Ferreira, Miranda e Bernardes.—Devemos, mesmo, suppôr que o fanatismo religioso de que todos elles participavam, não era extranho á inimizade que os-separava de Camões; o qual militava no partido anti-jesuitico: partido que, logo á chegada dos sectarios de Ignacio de Loiola a Portugal, se-formou em Lisboa, Coimbra e Porto; chegando em Lisboa a propagar-se até as ultimas camadas do povo, que olhava com máos

olhos aquelles pretendidos apostolos; o que fez com que os mesmos jesuitas tomassem o expediente de transformar o padre Affonso Barreto em mariola, ou *moço da ceirinha*, como lhe-chama o seo chronista Balthazar Telles, para que, mettido entre a plebe e os moços de fretes, andasse captando a benevolencia das regateiras e da gentalha da ribeira de Lisboa; velhacada a que o dicto chronista dá o nome de *sancta traça*, e que nos-faz ver que não havia meios ante os quaes os jesuitas recuassem para conseguir os seos fins.

Não sabemos se Camões se-vingava do pouco appreço em que era tido pelos seos émulos com disparar-lhes acerados epigrammas, ou sómente com o desprezo.— Mas a vingança que effectivamente exercitava, e que era digna d'elle, consistia em compôr aquellas formosas rhythmas em que tanto se-lhes avantajava e que deviam fazel-os morder-se de inveja.—'N ellas junctava a harmonia ao conceito e accommodava o verso a todos os estilos; o que não alcançava a impericia inflada dos seos rivaes.—Un só exemplo comprovará esta verdade, e será o seguinte no estilo descriptivo:

A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura:
O valle triste estava
C'uns ramos corregados,
Q'inda a noite faziam mais escura:
Mostrava a espessura
Un temeroso espanto:
As roucas rãas soavam

'N un charco d'agua negra e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com son grave
Corria mais medonho que suave.
Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo:
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo. [1]

Versos assim não os faziam os contemptores de Camões, e note-se que 'n este trecho não ha só o descriptivo, mas tambem o imitativo; o que elles, por certo, não eram capazes de comprehender e muito menos de executar.

[1] Egloga II.

X

Mas as rhythmas não passavam de ser uma aprazivel distracção, ou antes o lenitivo com que alquando mitigava suas saudosas magoas Luiz de Camões.—Para mais valioso emprego o-adextrara a musa altiloqua; e un cuidado assiduo e grande o-desvelava então, qual era o de compôr os *Lusiadas*, poema cuja idéa lhe-suggerira o mais puro amor da patria.

A empresa confiada a Vasco da Gama, empresa não só grandiosa em si, por ser un arrojado commettimento em que o saber e o exforço humano se-atreveram a contrastar a furia dos elementos, senão tambem por seos pasmosos resultados, quaes foram: o fundarem os portugueses un imperio opulentissimo na Asia, fazendo tributarios todos os reis e potentados do Oriente: o avassalarem o sultão do Egypto, vedando-lhe a navegação e o commercio d'aquelles mares; e, por ultimo, o fazerem progredir as sciencias e as artes, abrindo novos ho-

risontes aos conhecimentos humanos; tal empresa, dizemos, não podia deixar de influir no espirito enthusiastico de Luiz de Camões, e foi o assumpto que se-propôs celebrar.

Comquanto a natureza o-houvesse dotado de un genio extraordinario e proprio para compôr uma epopeia, fazia-se-lhe então indespensavel vencer uma grande difficuldade, qual era a de criar uma linguagem poetica que não tinhamos; — mas entre as qualidades perinsignes com que aquelle grande ingenho sobresaiu a todos os escriptores seos contemporaneos, não foi, por certo, a somenos a de conhecer a fundo a lingua patria: qualidade que o seo maximo detractor, o protervo ex-frade Joseph Agostinho de Macedo se-não attreveu a negar-lhe[1], e que lhe-permittiu o aperfeiçoar-lhe a elocução, ao passoque a-enriqueceu com un grande numero de vocabulos novos.—'N aquelle seculo eram ainda os costumes destituidos de urbanidade e delicadeza, do que forçosamente devia resentir-se a mesma lingua; mas o bon gosto e o atticismo do poeta corrigiu 'n esta parte o defeito, pollindo e dando nobreza á dicção.

Uma circumstancia concorreu, sem duvida, para que elle podesse aprimorar a linguagem poetica; qual foi a que lhe proporcionou a fortuna adversa, compellindo-o a ver desvairadas terras; pois ás viagẽes que fez no Oriente, ás extensas navegações com que percorreu os

[1] Admiremos em Camões (diz elle) os agigantados passos que fez dar á lingua portuguesa para o seo estado de perfeição; pois, sem controversia, se-avantaja a todos os escriptores do seo seculo. Cens. dos Lusiad. T. II, p. 198 e seg.

mares da India e China, e aos combates em que entrou, deveu Luiz de Camões muitas das bellezas de estilo e a propriedade das magnificas descripções do seo poema; do mesmo modo que Villehardoin e Joinville, segundo affirma Chateaubriand, deveram os primores do seo estilo aos successos de uma vida aventurosa [1].

[1] Villehardoin, Joinville, empruntent les felicités de leur style des aventures de leur carrière. Mem. d'Outre-tombe, Pref.

XI

Sendo, como já fizemos ver, destituidos de fundamento os amores de Camões com uma dama do paço da rainha, cáe de per si a idéa do desterro que, segundo dizem, experimentou por tal motivo.—Não devemos, todavia, excluir a possibilidade de lhe-haver sido imposta aquella pena por causa da outra dama a que alludimos; antes é de crer que as relações amorosas que com ella contrahiu, promovessem algun grande escandalo; o qual seguramente devia dar-se, se, como conjecturâmos, era noviça, ou recolhida, em algun convento; e que, por tal motivo, o-fizessem desterrar da côrte. —Confirma, quanto a nós, a supposição de haver dado motivo a un escandalo publico o dizer o poeta, na primeira charta que da India escreveu a un amigo, que, *sem peccado que o-obrigasse a tres dias de purgatorio, passou tres mil de más linguas.*

Fazem ainda accreditar o mencionado desterro os

versos da elegia III, em que elle se-compara a Ovidio exilado no Ponto Euxino.

Podêmos, pois, ter como certo, que foi residindo parte do tempo em Lisboa, e parte desterrado 'n algun sitio proximo do Tejo, que, com bon fundamento, se-julga ser Punhete, que, occupado em compôr os seos Lusiadas, passou Camões os annos que decorreram até o de 1550, em que se-allistou para ir servir na India; destino que não seguiu, preferindo, por ventura, exercitar as armas em Ceuta, praça fronteira de Africa e excellente eschola de cavallaria militar n'aquella época.

Pretende o senr. Visconde de Juromenha na vida que escreveu de Camões, que o tempo que elle serviu em Africa se-deve computar entre os annos de 1546 e 1549; e accrescenta que: «sabendo Dom Johão III em 1549 haver fallecido Dom Johão de Castro, nomeou para governar a India a Dom Affonso de Noronha, que se-achava em Ceuta; o qual se-fez logo prestes para o reino, e que com elle veiu Luiz de Camões com tenção de se-alistar para a India.»—Sam tudo asserções vagas de que o senr. Visconde não exhibe prova alguma, e que se-oppõem ao que vamos referir.

A epistola *sobre os desconcertos do mundo*, que Luiz de Camões endereçou a D. Antonio de Noronha, foi com certeza escripta em Ceuta, como o demonstra a oitava XXIII da mesma epistola.—Tendo Dom Antonio nascido em 1536,[1] vê-se que entre os annos de 1546 a 1549 não podia ter mais de 10 a 13 annos.—Como é

[1] Esta data é comprovada pela Hist. Geneal. da Casa Real, T. V. p. 259.

pois, crivel que a um menino de tam tenra edade dirigisse Camões uma epistola referta de erudição e de pensamentos philosophicos, que elle não estava no caso de comprehender e muito menos de apreciar? É, portanto, fóra de duvida que não passou a servir em Africa antes do anno de 1550, e que foi, seguramente, pelos principios de 1552 que regressou a Portugal.

Pretende mais o citado biographo que o ter Camões militado em uma das nossas fortalezas de Africa, foi por imposição de un segundo desterro; fundando-se nos dois versos em que o poeta diz que o seo degredo não será terminado,

> Senão vindo aquelle dia,
> Que ha de ser fin de dois annos.

Mas quem nos-assegura que a palavra *degredo* não haja sido empregada em sentido metaphorico, e que o dicto prazo, em vez de ser o de un degredo, não fosse antes o do tempo de serviço a que eram adstrictos os nossos cavalleiros *nas partes d' além?*

O facto de ter Camões passado a servir em Africa, logo depois de alistado para a India, destrue totalmente a idéa de un desterro.—Que maior podia ser o de Ceuta que o da India?!...

'N aquella praça, pois, gloriosa conquista de un rei cavalheiroso, se-iniciou Luiz de Camões nos arriscados deveres da milicia; e, não obstante as frequentes correrias dos mouros e os varios recontros que com elles teve, que quasi lhe não davam tréguas, carpia em verso

os seos passados errores, e mal podia defender-se das lembranças que o-pungiam e de que tam sentidamente nos-fala na elegia segunda:

> Mas nem com isto, emfin, que estou dizendo,
> Nem com as armas tam continuadas
> De amorosas lembranças me-defendo.

'N un d'aquelles recontros, segundo alguns escreveram, e, segundo outros, em prelio naval, foi ferido de un pelouro de que perdeu o olho direito.—Cumpridos os dois annos de serviço, regressou ao reino; o que, como já dicemos, devia ser pelos principios de 1552.—Comquanto affeiado por aquelle notavel defeito, parece que não perdera o gosto de galanteador, e que não poucas vezes requestava as damas que, enlevando-se mais na gentileza do rosto que nós dotes do espirito, não raro lhe-retribuiam finezas amorosas com expressões indelicadas, das quaes elle, em que lhe-pezasse, se não mostrava offendido; antes, como extremado cortesão que era, lhes-retorquia com chistes espirituosos e agudos[1].

[1] Conta Manuel Severin de Faria que *era chamado das damas diabo e cara sem olhos, a que elle respondeu muitas vezes cortesãa e graciosamente, como se-vê de seos versos.*

XII

Por un documento que no archivo nacional descobriu o senr. Visconde de Juromenha, investigador percurioso e deligentissimo das coisas de Camões, sabemos que no dia da festa de *Corpus Christi* do anno que alli se não declara, mas que, pelas razões que temos expendido, devia ser o de 1552, succedeu ser o poeta preso por un caso fortuito, que, segundo consta do dicto documento, foi como vamos referir.—Ao passar pela rua de Sancto Antão, além de San' Domingos, viu travar-se uma rixa entre dois homẽes, immascharados e postos a cavallo, e un certo Gonçalo Borges, creado de el-rei, que tambem a cavallo andava passeiando.—Como a contenda degenerasse em pugna de arrancar, e Camões reconhecesse os dois immascharados por seos amigos, acudiu por elles e feriu no pescoço o dicto Gonçalo Borges, do que lhe-resultou ser preso e mettido em processo.—Havendo, porém, em 1553 obtido o perdão da

parte queixosa, requereu a Dom Johão III que o-mandasse soltar, allegando ser mancebo pobre e que esse anno o-ía servir na India; o que conseguiu, não sem algumas difficuldades e despendio pecuniario em 7 de março do referido anno.

Pouco interesse resume em si este facto; mas serve de mostrar que não era Camões homem que se-recusasse a esgrimir na primeira pendencia que se-lhe offerecesse.

Em seguida se-alistou e se-fez prestes para embarcar na armada que 'n aquelle anno se-apparelhava para a India e que desafferrou a 24 de março.—Compunha-se de quatro náus de que ía por capitão-mór Fernão Alvares Cabral.—Na capitania, que se-chamava San' Bento, embarcou Luiz de Camões, e as ultimas palavras, que n' ella proferiu, foram aquellas memoraveis de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea;* as quaes provam que ía firmemente resoluto a não regressar á patria; sendo, porisso, evidente que levava de todo perdida a esperança de jamais possuir a dama que tanto idolatrara; a qual não podia ser a filha de Dom Antonio de Lima, que ficava incolume e inupta no paço da rainha: não havendo motivo plausivel, se tal dama fosse a escolhida do seo coração, para que, prosperando-o a sorte na India, não conservasse a esperança de un dia voltar e de lhe-obter a mão de esposa.—E aqui achâmos confirmada a conjectura que havemos feito de que aquella que fôra objecto de seo estremecido amor lhe-ficava irrevogavelmente vedada pela clausura de un mosteiro.

Amargos e tétricos deviam ser os momentos em que o poeta, já de mar em fóra, foi perdendo de vista a terra onde lhe ficava tudo o que no mundo podia merecer-lhe affeição.—Quem seria capaz de descrever o que então se-passava 'n aquelle peito profundamente magoado, onde, para mór tormento, comprimia e calava todas as penas!

Á mortificação de se-ter visto desprezado dos poetas seos conterraneos, que não tinham sabido appreciar-lhe o genio e as sublimes inspirações, junctava a dor excruciante de haver irreparavelmente perdido a mulher formosa e querida que devera fazer a felicidade dos seos dias: junctava mais o despeito de não ter obtido remuneração alguma pelos serviços que prestara em Africa, e, por ultimo, a amargura de deixar a patria entregue ao fanatismo ignaro, e ás tenebrosas machinações dos jesuitas, resvalando no declive de un abysmo insondavel.....

XIII

Seguindo sua derrota, navegou a armada algun tempo juncta, até que os temporaes que sobre ella carregaram a fizeram separar-se, tomando cada uma das náus destino diverso.—A capitania que passava por ser a maior e a melhor da carreira da India, e que ía bem provida de piloto, poude dobrar o cabo da Boa-Esperança, soffrendo 'n aquella paragem horrorosa tempestade que o poeta descreve na elegia I.—Não sendo já tempo de aportar a Moçambique, tomou por fóra do canal da ilha de San' Lourenço e conseguiu, depois de quasi seis meses de trabalhosa viagem, chegar a Goa nos principios de septembro.

Governava 'n aquelle tempo a India Dom Affonso de Noronha que estava preparando uma expedição para ir contra o rei de Chembé, que usurpara uma ilha ao de Porcá, nosso alliado.—Accompanhou-o Camões na empresa que relata com un laconismo characteristico da

brevidade com que foi executada, e que faz lembrar o *veni, vidi, vici* de Cesar, dando conta de un feito conseguido com egual presteza.

Terminada a expedição, e recolhido o vice-rei a Goa, a primeira coisa em que intendeu foi em ordenar uma grossa armada que houvesse de ir ao estreito de Mekka, d'onde passasse depois a hynvernar a Ormuz, a fin de esperar as galés que em agosto saissem de Bassorá; e com tal diligencia se-houve, que no fin de fevereiro de 1554 a teve prestes e a-entregou a seo filho Dom Fernando de Menezes, com quem quís que fosse Manuel de Vasconcellos, fidalgo prudente e experimentado, para o aconselhar.—'N esta armada embarcou Luiz de Camões, e não na outra que, em fevereiro do anno seguinte de 1555, partiu com egual destino e de que foi por capitão-mór o mesmo Manuel de Vasconcellos. [1]—Contra o dizer geral dos biographos, seguimos 'n esta parte a opinião do senr. Visconde de Juromenha; não pelo motivo que aponta *de que não havia Camões de querer esperdiçar uma occasião tam favoravel de empregar o seo valor como aquella em que o vice-rei armava uma expedição para seo filho:* motivo pouco attendivel; pois não dependeria, por certo, da vontade de Camões o ser, ou não, nomeado, para ir 'n aquella expedição.—A razão que nos-fórça a dizer que embarcou 'nesta, e não na armada que no anno seguinte de 1555 partiu para o estreito, é o-vermos a incompatibilidade que d'ahi seseguira; porquanto a dicta armada, de que ía por capi-

[1] Couto, Dec. VII, L. 1.º Cap. 7.º p. 21.

tão-mór Manuel de Vasconcellos, recolheu a Goa em outubro, [1] e nós sabemos que Luiz de Camões se-achava em Goa não só em junho d'aquelle anno em que tomou posse da governação Francisco Barreto; como prova a sátyra com que zombeteou d'alguns que figuraram nas festas que por essa occasião alli se-fizeram; mas inda em janeiro do mesmo anno, em que d'aquella cidade escreveu para o reino a charta a que a trás nos-referimos.

Embarcou, pois, como dicemos, Luiz de Camões na armada de Dom Fernando de Menezes e, seguindo esta a derrota que lhe-estava marcada, foi pôr-se á vista do Monte Feliz, onde se-deteve cruzando a fin de descobrir as náus de Achem e de Cambaia, e d'alli expediu algumas fustas ligeiras até as portas do Estreito.—Sendo já entrado o mês de abril, tempo em que lhe-era forçoso recolher-se a Ormuz, foi correndo a costa da Arabia até Mascate, onde Dom Fernando de Menezes entregou os galeões e as náus grossas a Manuel de Vasconcellos e se-passou a Ormuz com os navios ligeiros. [2]

D'este enfadonho e monótono cruzeiro, que durou o espaço de un mês, quasi sempre á vista do cabo de Guardafui e do monte Feliz, sitios escalvados e agrestes, que só podiam intristecer os olhos dos navegantes, descreveu elle os trabalhos que lhe-foram dobradamente penosos pelas acerbas recordações de un amor funesto e sem ventura.—'N aquelle amor não havia sequer un vislumbre de esperança!

[1] Couto, Dec. VII, L. 1.º Cap. 8.º
[2] Idem, Dec. VI, L. 10.º Cap. 18.

Não somos nós, é o poeta que o-diz na Canção XIII:

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi,
E se esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista já vivi:
A qual, tornada un pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos já passados
De meos doces errores,
De meos suaves males e furores
Por ella padecidos e buscados,
E (postoque já tarde) piedosa
Un pouco lhe-pezasse
E *comsigo* por dura se-julgasse:
Isto só que soubesse me-seria
Descanso para a vida que me-fica.

Aqui se-nos-offerece mais uma próva que confirma a nossa asserção.—Camões foi pouco cauteloso; talvez mesmo indiscreto nas relações que teve com a sua amante; o que deu motivo a un escandalo publico, repasto de más linguas.—A desditosa sénhora, menoscabada na sua reputação, por causa do mancebo que muito a amava, mas que, por desfavoraveis circumstancias, não podia reparar-lh'a, sacrificou-se ás conveniencias sociaes e pronunciou os votos irrevogaveis que para sempre a-separaram d'elle. É por isto que o poeta, expondo os infortunios que o-avexavam, diz que se soubesse que ella,

postoque já tarde, se-compadecia do seo mal, isso só lhe-seria descanso para o resto da vida.

Vê-se, pois, que nenhuma esperança lhe-era permittida, appellando só para a triste consolação de saber que d'elle se-condoía a sua dama.

Não obstante, conservava todo o ardor de uma paixão vehementissima, que, por ventura, lhe-atrophiara o coração, se outro amor, sublime, ardente e inextinguivel o não alentasse:

Este amor era o da patria!

XIV

Em principios de novembro de 1554 recolheu a Goa a armada de Dom Fernando de Menezes, sendo já vice-rei Dom Pedro de Mascaranhas que havia succedido a Dom Affonso de Noronha.—'N ella regressou Luiz de Camões, e, por noticias chegadas do reino, alli soube do fallecimento do principe Dom Johão e da morte de seo amigo Dom Antonio de Noronha, que elle deixara em Seuta e que, propellido em temeraria excursão, perdera a vida ás lançadas dos mouros: duplicado desastre que prancteou na egloga I.—A morte de Dom Antonio devia profundamente magoal-o por ser aquelle mancebo mui còrforme com elle em character e modo de pensar.—E aqui vemos que se-lhe-amiudavam os golpes com que a fortuna desapiedadamente o-maltractava.

Como Dom Pedro de Mascaranhas fosse já de edade provecta e que mal podia comportar o peso dos negocios, finou-se a 16 de junho de 1555, e logo tomou posse da governança Francisco Barreto, que, segundo Diogo do Couto, foi o homem mais liberal do seo tempo, qualidade que lhe-grangeara numerosos amigos, os quaes grandemente se-alegraram, quando, aberta a successão, viram que era elle o nomeado.—Devia, por outra parte, o novo governador merecer as sympathias e ser de aprazimento aos fidalgos e á gente principal de Goa, por esperarem, attenta a condição tolerante de que era dotado, que lhes-consentiria toda a sorte de abusos e demasías: esperança que de facto se-realizou, chegando por tal modo a ser-lhes acceito, que, quando, depois de ter partido para o reino, lhes-constou que era novamente chegado, por causa de un temporal que o-fizera arribar, se-despovoou a cidade, correndo todos a il-o ver e festejar; o que deu motivo a que o vice-rei Dom Constantino dicesse: «Quantas graças deve Francisco Barreto dar a Deos pelo fazer tam bemquisto!» [1] Dicto que, devendo ser tomado em sentido de louvor, continha, por certo, uma picante ironia.—Os biographos de Camões que defenderam Francisco Barreto, e que o-consideraram digno de ter sido assumpto a tam importante cargo, não repararam que indirectamente caíam no contrasenso de approvar a soltura e a corrupção que campeavam na India e que elle não soube reprimir e castigar; chegando a cubiça e a tyrannia a tal excesso

[1] Couto Dec. VII, L. 8.º Cap. 13.

que poseram aquelle estado em risco de totalmente se-perder. [1]

Para celebrar, pois, a successão do novo governador executaram-se em Goa estrondosos festejos, jogos e outros divertimentos em que a devassidão e a crapula se-ostentaram publicamente; não sendo alguns dos principaes individuos da cidade os que menos se-distinguiram em tam repugnante espectaculo.—Camões, severo reprehensor dos vicios, indignado de ver tammanho aviltamento, e impudencia, escreveu uma satyra em que flagellava os que se-conspurcaram 'n aquella especie de orgia: satyra que, promovendo as iras dos que a-haviam merecido, desafiou a prepotencia do fumoso governador que arbitrariamente desterrou o poeta para as Molucas.—A medida despotica estava na indole do governo d'aquelle tempo e não desdizia do que então se-practicava na India: não é 'n isso que fazemos reparo; mas em que alguem houve que, para defender Francisco Barreto, pretendeu desculpar a immoralidade da medida.

Não menos é para nós motivo de reparo o ver que, entre todas as pessoas de auctoridade, mórmente as ecclesiasticas que então deviam ter influencia nos actos do governo, nenhuma se-attreveu a advogar a causa da justiça, expondo a iniquidade com que se-punia o homem que pugnava pelos sãos costumes, ao passoque se-animavam a proseguir em seo desregramento os que affrontosamente os-corrompiam e depravavam.—E 'n isto se-

[1] Id. Dec. V, L. 2.º Cap. 3.º

mostra que nunqua a preponderancia do clero serviu para morigerar os povos; porquanto não podia ser maior a que elle então exercia; sendo 'n essa mesma épocha que se-desinvolveu a maxima corrupção e que, a par das mais atrozes injustiças e barbaridades, se-viram practicar omnimodas torpezas, extorsões e rapinas. [1]

[1] Vid. Diogo do Couto, Decadas, e Souza, Annaes de Dom Johão III.

XV

Partiu Camões para o seo desterro no anno de 1556, e quer o senr. Visconde de Juromenha que imbarcasse na armada de que era capitão-mór un certo Francisco Martins: armada que Diogo do Couto não menciona e de que só achâmos noticia em Fernão Mendes Pinto, que diz a-incontrara no porto de Lampacau, quando regressava do Japão em principios de dezembro; [1] o que manifestamente contradiz o que relata o senr. Visconde, que escreve que tal incontro se-effectuou por meado de maio.

Pouco verosimil nos-parece que Luiz de Camões partisse 'n uma armada que se não mostra ter sido impregada em serviço do estado; visto que d'ella nos não fala Diogo do Couto; antes é de crer que houvesse sido expedida para a China a fazer veniaga por compta do go-

[1] Peregr. Cap. CCXXVI.

vernador, de quem era feitura o capitão-mór Francisco Martins, como declara o mesmo Fernão Mendes Pinto. —Temos, portanto, por mais provavel que Luiz de Camões imbarcasse na náu Sancta Maria dos Anjos que o citado Diogo do Couto nos-diz ter Francisco Barreto despachado para as Molucas no anno de 1556. [1]

Para attenuar a justa indignação que a todas as almas rectas naturalmente causa o saber que o prepotente governador desterrou Camões para as Molucas por mero arbitrio e sem fórma alguma de processo, pretendeu o senr. Visconde de Juromenha, a exemplo do que a tal respeito escreveu o bispo de Viseu, Dom Francisco Alexandre Lobo, persuadir-nos de que não foi rigorosa a pena; porquanto adoçou o ostracismo do poeta, despachando-o provedor-mór dos defunctos de Macáu.

Cumpre hagora advertir que Macáu era ainda uma ilha deserta; e que só un anno depois é que os portugueses adquiriram a posse d'aquelle pequeno tracto de terreno, onde subsequentemente se-estabeleceram; sendo, portanto, inadmissivel que podesse dar-se a concessão do pretendido despacho.

A impossibilidade de ser o governador Francisco Barreto quem despachou Luiz de Camões com a provedoria de Macáu, é attestada pelo mesmo senr. Visconde, que dizendo ser provavel que fosse a armada de Francisco Martins que desbaratou un temeroso corsario que infestava com insultos e rapinas os mares da China e se-acoitava no porto de Macau, que só depois d'este

[1] Dec. VII, L. 4.º Cap. 3.º in princ.

feito é que adquirimos e povoámos, faz sobresair a incongruencia de poder ser conferida a provisão do mencionado officio em tempo anterior ao da posse do terreno e ao da fundação da colonia onde devia exercer-se. [1]

Querem alguns biographos que o provimento do officio de que se-tracta fosse conferido a Camões pelo vice-rei Dom Constantino de Bragança;—mas isto mesmo não deixa de ser para nós objecto de duvida; porquanto sabemos que a nomeação das auctoridades dos varios portos da China, particularmente o de Chincheu, onde os portugueses tomaram assento depois que foram expulsos de Liampoo (Ning-Pó), era feita por provisão do capitão de Malaca; [2] o que nos-leva a presumir que o mesmo devia dar-se a respeito de Macáu, pelos menos nos primeiros annos da sua fundação.

Divagou Luiz de Camões mais de un anno pelas Molucas; porque, segundo o que acabâmos de referir, não fôra possivel que saisse de Gôa com destino para Macáu.—Como, porém, depois se-fundasse 'n aquelle porto uma colonia portuguesa que foi successivamente adquirindo incremento e locupletando-se com os avultados lucros que auferia do commercio da China e do Japão, para alli se-transportou, não sabemos se auxiliado de alguns amigos e com o intento de fazer proveito, se já despachado com o officio de provedor-mór dos defunctos pelo capitão de Malaca.—'N esta viagem naufragou na costa de Camboja, juncto da foz do rio Mecon, d'onde saíu a nado, salvando apenas o seo poema.

[1] Vida de Luiz de Camões pelo senr. Visc. de Jurom. p. 73.
[2] Fernão Mendes, Peregr. Cap. 221.

XVI

O ter Camões naufragado á ida para Macáu, e não no regresso para Goa, como escrevem quasi todos os seos biographos, é manifesto á vista do que elle mesmo diz na est. 80 do Cant. VII dos Lusiadas.

'N aquella estancia, feita no tempo em que inda estava soffrendo o rigoroso degredo a que fôra condemnado, fala já do naufragio, como de un desastre passado, entre os varios infortunios que enumera:

> Hagora com pobreza abhorrecida
> Por hospicios alheios degradado:
> Hagora da esperança já adquirida
> De novo mais que nunqua derribado;
> *Hagora ás costas escapando a vida,*
> *Que de un fio pendia tam delgado*
> .....

Não é possivel suppôr que esta estancia fosse feita

em Goa, já depois de levantado o degredo do poeta, sem attribuir-lhe dois grandes absurdos: o primeiro que se-considerasse *por hospicios alheios degradado,,* na occasião de achar-se em terra propria; e o segundo que se-imaginasse *mais que nunqua derribado da esperança* na mesma occasião em que sabemos que era protegido pelo vice-rei Dom Constantino.

O annotador da edição dos Lusiadas de 1584, que por haver sido coevo de Camões, deve suppôr-se ter alcançado particular noticia de todos os successos da vida do poeta, póde ser citado em abono da nossa affirmativa.—Em a nota á mesma est. 80 diz formalmente que foi na viagem para Macáu que lhe-succedeu o naufragio de que tractâmos.—Sam suas textuaes palavras: *Começando a fortuna a favorecel-o e tendo algun fato de seo, perdeu-se na viagem que fez para a China.*

Isto tende a confirmar duas coisas: não só que foi á ida para Macáu que naufragou, senão tambem que, emquanto divagou pelas Molucas, procurou remedio á subsistencia impregando-se em mercadejar, com o que *chegou a ter algun fato de seo.*

Foi, por ventura, durante o tempo que residiu nas mencionadas ilhas, em que a fortuna momentaneamente lhe-mostrou uma face auspiciosa, que adquiriu o escravo jáu que tam fiel companheiro lhe-foi e ainda tam proficuo e valedor nos ultimos annos da vida.

Em Macáu, 'n aquelle então ignorado recanto do mundo, e no remanso de uma vida obscura proseguiu Camões a tantas vezes interrompida composição dos seos Lusiadas, dos quaes é claro que escreveu o final do

Cant. VII.—Alli se-queixa dos revézes da fortuna e allude ao recente naufragio; bem como desabafa as justas iras que deviam causar-lhe as injustiças que soffrera, a privança em que via alguns homẽes indignos, e o abuso do poder que outros insolentemente practicavam.

É notavel o ton de desconsolo e a phrase ao mesmo tempo sentida e sevéra que impregou 'n aquellas oitavas, que foram, talvez, escriptas na grupta mysteriosa, que, segundo a tradição, era onde o poeta ía deliciar-se em colloquio suave com as Musas.

Postoque o nosso fallecido amigo, Francisco Maria Bordalo, no seo *Passeio de septe mil leguas*, affirme que não incontrou em Macáu un só documento, uma só palavra escripta que justifique a tradição de haver sido na mencionada grupta que o poeta escreveu algun dos cantos do seo poema, parece-nos, comtudo, fundada a tradição; porquanto, sendo 'n aquelle tempo Macáu uma especie de feitoria com poucas habitações e povoada pela maior parte de commerciantes e adventicios, occupados somente em fazer grangearia, cujo tracto por nenhun modo podia ser agradavel ao poeta, é bem de crer que elle, para esquivar-se ao bulicio e á conversação de gente de tam oppostas inclinações, e para poder livremente poetar, fosse muitas vezes refugiar-se na grupta silente e solitaria que hoje conserva o seo nome.

XVII

Acabado o tempo a Francisco Barreto, succedeu-lhe na governação o vice-rei Dom Constantino de Bragança, antigo protector de Camões.—Então poude este obter que justiça lhe-fosse feita, e que, abolido o barbaro degredo, se-lhe-facultasse o voltar a Goa, para onde se-transferiu provavelmente no anno de 1560 ou nos principios do de 1561.

Segundo o que deixâmos dicto, vê-se que inda 'n esta parte impugnâmos o parecer do senr. Visconde de Juromenha, que escreveu que, mexericado Camões com o governador Francisco Barreto, veiu preso para Goa, antes d'este haver acabado o seo triennio, que foi a 3 de septembro de 1558.

Sendo certo que os portugueses se-estabeleceram em Macáu em 1557, [1] quando mesmo se-queira suppôr que

[1] Todas ás relações á cêrca de Macáu assignalam o anno de 1557 ao estabelecimento d'esta colonia. Fernão Mendes Pinto diz positivamente que

logo no meado d'esse anno se transportasse Camões para aquella colonia, como é admissivel que elle servisse alli algun tempo para dar motivo a uma queixa; que tal queixa viesse a Goa; que de Goa fosse ordem de prisão e o accusado chegasse remettido; tudo dentro de quatorze meses: dando-se que 'n aquelle tempo a navegação só se-fazia por monções? Parece-nos que a incompatibilidade não póde ser maior.

Viveu o poeta sem ser incommodado, e até mesmo prospero e satisfeito, no tempo do vice-rei, a quem semostrou agradecido indereçando-lhe uma epistola, na qual o-louvava por haver reprimido *o povo indomito, costumado á soltura do passado governo*, e que, por isso, soffria mal e *blasphemava* do de Dom Constantino. —Então, diz Manuel Severin de Faria, effectuou aquelle festival convivio a que convidou os seos amigos Dom Francisco de Almeida, Dom Vasco de Athaide, Heitor da Silveira, Johão Lopes Leitão e Francisco de Mello; os quaes, sentando-se á mesa e descobrindo os pratos, acharam, em vez de eguarias, versos chistosos que muito applaudiram.—Este banquete, pretende o senr. Visconde de Juromenha ter sido dado durante o governo do conde de Rodondo: o que é contra o dizer geral dos biographos, que o-referem ao tempo de Dom Constantino; o que temos por mais plausivel, por ser então que

foi no dicto anno que nós adquirimos aquelle porto.—Referindo-se a Lampacau, reconta que *era onde 'n aquelle tempo os portugueses faziam sua veniaga cos chins & ahi se-fez sempre até o anno de* 1657 *em que os Mandarins de Cantão, a requerimento dos moradores da terra, nos-deram este porto de Macáu, onde agora se-faz.* Peregr. Cap. CCXXI, T. 3.° pag. 312, ediç. de 1829.

o poeta andava prospero e estimado de toda a fidalguia da India.—'N este mesmo tempo, escreve o citado Severin de Faria, *gastou liberalmente o que trouxe do sul e lhe-deram seos amigos, e foi 'n isto tam largo que em breve tornou á pobreza com que começara:* o que reforça o argumento que produzimos, de que não foi quando regressava de Macáu que se-perdeu na costa de Camboja, de cujo naufragio não havendo salvado mais que o seo poema, nenhuma outra coisa podia trazer; e outrosim nos-revela que foi Camões de condição tam liberal, que chegou mesmo a ser prodigo do pouco que algumas vezes adquiriu; podendo applicar-se-lhe o que, á cêrca de Dom Leonís Pereira, dice Manuel de Faria e Souza: *No ay mano que tanto sepa largar el oro, como la que bien sabe apretar el hierro.* [1]

[1] Comment. T. IV, P. 2.ª p. 36.

XVIII

Ao vice-rei Dom Constantino de Bragança succedeu em septembro de 1561 o conde de Rodondo, Dom Francisco Coutinho, que, comquanto não fosse desaffeiçoado a Camões, não lhe-despensou, todavia, assás de valimento para que os inimigos do poeta, aos quaes contivera até alli o respeito a Dom Constantino, se não atrevessem a promover-lhe uma accusação com a qual o—fizeram incarcerar.—Não se-acham de accordo os biographos sobre o motivo da accusação, que uns dizem ter sido por culpas commettidas na administração da provedoria de Macáu, e outros por travessuras que practicara. Tudo isto nos-parece altamente inverosimil e dicto mais para mitigar o prurido da curiosidade do que para satisfazer os reparos da critica; porque, nem as culpas commettidas na administração da provedoria dos defunctos de Macáu, onde já a este tempo havia ouvi-

dor e officiaes de justiça [1], teriam de vir a processar a Goa; nem Camões estava então em edade propria de fazer travessuras.—O verdadeiro motivo da accusação foi seguramente não terem perecido os antigos odios originados pela satyra que fizera; ao que, de certo, se-juctava a malquerença dos jesuitas, que era impossivel que o poeta, de seo natural dizidor e sarcastico, não tivesse ridiculizado; principalmente por causa do celebre dente do bugio que Dom Constantino apprehendera em Jafanapatan, e por cujo resgate offerecia uma avultada somma de ouro o rei do Pegú; não consentindo os jesuitas que o dente se-intregasse, e compellindo o arcebispo Dom Gaspar, que o papa subjeitara a os mesmos jesuitas, a que se-opposesse áquelle resgate; o qual diziam que *era peccado que se não podia commetter aindaque se-arriscasse o estado e o mundo todo!* [2] Que admiravel bestunto!

O facto é que Luiz de Camões comptava poderosos inimigos; e não duvidâmos mesmo de asseverar que contra elle se-havia tramado uma especie de conspiração; porque, ainda bem não acabava de justificar-se da culpa que lhe-fôra imputada e de obter mandado de soltura, quando um certo Miguel Rodrigues Coutinho, por alcunha o *Fios-seccos*, o-imbargou na prizão por algun dinheiro que lhe-prestara.—Era este Miguel Rodrigues

[1] No qual (porto de Macáu) sendo antes ilha deserta, fizeram os nossos hũa nobre povoação de casas de tres, quatro mil cruzados, & com igreija matriz em que ha vigayro & beneficiados & tem capitão & ouvidor & officiaes de justiça. Fern. Mend. Peregr. Cap. CCXXI.

[2] Couto, Dec. VII, L. 9.º Cap. 17, p. 279, col. 2.ª

homem pecunioso e que anteriormente fôra nomeado capitão de dez navios para andar de armada de Goa até Dabul, fazendo cruelissima guerra ao Hidal-Khan, e que tivera a fortuna de aprezar uma náu pertencente áquelle imperador, aqual vinha de Mekka pejada de mercadorias e dinheiro; o que tudo foi dividido pelos capitães e soldados; sendo tal a riqueza que trazia, que só a parte que coube a el-rei se-avaliou em mais de trinta mil cruzados. [1]

Já se-vê que não era a precisão urgente que obrigava o tal Miguel Rodrigues a vexar Luiz de Camões; nem o retel-o na prisão, impossibilitando-o de adquirir a somma que lhe-exigia, era o meio proprio de re-imbolsal-a.—Torna-se, portanto, da maxima evidencia que o vilão mutuante não deixava de ser un torpissimo instrumento da vingança alheia.

Uma petição em verso e em estilo faceto, a qual, diga-se a verdade, não é das coisas mais felizes do nosso poeta, valeu-lhe o ser desimbargado pelo vice-rei na occasião em que este se-dispunha a imbarcar para ir assentar pazes com o Samorin; sendo provavel que o poeta o accompanhasse na viagem para eximir-se a novas perseguições.

[1] Couto, Dec. VII, L. 3.º Cap. 3.º p. 67.

XIX

Depois d'esta epocha, dizem todos os biographos que residiu Camões em Goa até o anno de 1567, passando os hynvernos em terra e imbarcando os verões nas armadas.—Não obstante, julgou o senr. Visconde de Juromenha que devia fazel-o viajar todo este tempo pelas Molucas; porque, como o-houvesse inviado directamente de Goa a Macáu, sem admittir o desterro que soffreu 'n aquellas ilhas, viu-se hagora forçado a conduzil-o até as mesmas, não podendo desprezar a tradição que assegura ter o poeta discurrido por ellas algun tempo.—Assim, o ter querido defender Francisco Barreto da accusação que lhe-fazem todos os biographos e de cujo fundamento o mesmo Camões nos-deixou testimunho irrefragavel, fez cair o senr. Visconde 'n uma serie de erros que já notámos, sendo, a final, compellido a commetter mais este.

Não só não temos noticia, ou tradição alguma da pre-

tendida viagem feita 'n este tempo, mas o que racionalmente devemos presumir é que o poeta, valendo-se da boa sombra com que foi acolhido pelo vice-rei Dom Antão de Noronha, que succedeu ao conde de Redondo em septembro de 1564, e cuja amizade adquirira no tempo que com elle militara em Seuta, se-conservasse em Goa até concluir o seo poema.

No anno de 1567, havendo fallecido Fernão Martins Freire, que estava por capitão em Moçambique, succedeu-lhe Pedro Barreto, que foi provido 'n aquella capitania para a qual se-dispôs logo a partir.—Então se-impenhou este em levar comsigo Luiz de Camões, seduzindo-o com promessas vantajosas nas quaes se-occultava a mais negra perfidia que de memoria de homẽes se-ha concebido.—Não nos-julgaremos temerarios, se dicermos que os inimigos do poeta, não podendo haver d'elle a vingança que premeditavam, vista a amizade e a protecção que lhe-concedia o vice-rei Dom Antão de Noronha, induziram Pedro Barreto a tiral-o de Goa e a conduzil-o a Moçambique, onde não só o-abandonasse á penuria, senão ainda lhe-fizesse tragar toda a sorte de humiliações.—O character vil de Pedro Barreto auctoriza-nos a fazer d'elle este conceito.

O caso é que em 1569, arribando áquella ilha a náu Sancta Fé, que partira de Goa para Portugal, e onde vinham varios fidalgos amigos do poeta, o-foram estes achar reduzido a extrema miseria, e, como quisessem transportal-o para o reino, se-lhes-oppôs o infame governador, imbargando-o por duzentos cruzados, que dizia ter despendido com elle na matalotagem de Goa

para alli: sendo forçoso, para o-livrar d'aquelle barbaro captiveiro, que os dictos fidalgos seos amigos se-fintassem, a fin de apromptar-lhe o dinheiro do resgate, a que aquelle homem, sem estimulos e sem decoro, se não pejou de extender a mão para acceitar.

Sem imbargo do que deixâmos referido, fez o senr. Visconde de Juromenha un raro e supremo exforço por desculpar Pedro Barreto.

Em a nota 50 á Vida que compôs de Luiz de Camões, escreve:

«Não é liquido que Pedro Barreto levasse comsigo Camões e depois o-imbargasse pelos duzentos cruzados; pelo menos Diogo do Couto nada diz.—Isto não tira que Pedro não fosse desaffeiçoado a Camões, o que é presumivel pelas relações de parentesco com Francisco Barreto, com quem o poeta estava em desharmonia; o abandono do poeta, em épocha em que elle trazia quasi o seo poema acabado, parece desabonar de alguma maneira a reputação de Pedro Barreto, aquem, talvez, a offensa do parente desviasse de ser util 'n esta occasião; mas se o facto é verdadeiro, como o-contam, elle lhe-foi prestavel em outra; pois lhe-tinha imprestado os duzentos cruzados de que se-tracta.»

Não se-póde ser mais infeliz do que o-foi o senr. Visconde na intentada defesa.

Em primeiro logar diremos que é caso averiguado o ter Pedro Barreto levado comsigo e imbargado depois por duzentos cruzados a Luiz de Camões.—Se o não diz Diogo do Couto, é porque o assumpto das Decadas o não comportava; mas dil-o terminantemente Manuel Severin

de Faria, un dos mais antigo biographos do poeta. [1]—O conceder o sr. Visconde que Pedro Barreto foi desaffeiçoado a Camões, ao passo que confessa ter-lhe abona do dinheiro para se-transportar de Goa para Moçambique, é o mesmo que reconhecer a premeditação da infamia que elle practicou e convir na perfidia de que o-accusâmos.—E o querer desculpar o mesmo Pedro Barreto, dizendo que talvez *a offensa do parente o-desviasse de ser util ao poeta 'n esta occasião*, é nada menos que pretender achar escusa a uma vilania com o pretexto de uma vingança cobarde.

Não temos intenção alguma de aggredir o senr. Visconde de Juromenha que sempre nos-ha dado prôvas de consideração e tractado com as maneiras distinctas que o-characterizam; mas na dilucidação de ponctos historicos é forçoso que digamos a verdade.—Nem podemos attingir o motivo porque o senr. Visconde se-impenha em defender os dois Barretos. O que foi governador da India diz Diogo do Couto que era summamente *vão e gastador*, [2] qualidades que, por certo, o não ha-

[1] Tinha já 'n este tempo composto o seo poema heroico dos Lusiadas e, como elle conhecia o grande preço d'esta obra, determinou de se-imbarcar para o reino a offerecel-a a elrei Dom Sebastião (aindaque então, por ser de pouca edade, não governava.) Porém Pedro Barreto o-tirou d'este pensamento *por o-levar comsigo a Moçambique*, onde ia intrar por capitão de Sofala. *Foi-se com elle Luiz de Camões movido de suas promessas;* mas em breve se-viu desingannado d'ellas. Pelo que chegando áquella ilha a náu Sancta Fé que vinha para o reino, se-quis 'n ella imbarcar. Acudiu a lh'o-impedir Pero Barreto e, ou movido do desejo de o-ter comsigo, ou por quaesquer outros respeitos, lhe-pediu duzentos cruzados que gastara com elle na matalolagem de Goa até Moçambique. Severin de Faria, Vida de Camões.

[2] Era muito vão e gastador grande. Dec. VIII, L. 1.º cap. 26, pag. 403, col. 2.ª

bilitavam para reger e adiministrar aquelle importante estado: sendo a primeira d'estas qualidades que exuberantemente manifesta a causa de haver perseguido Luiz de Camões.—Como fosse distituido de lettras, não as-appreciava, e julgando-se offendido em sua tumida vaidade pela satyra do poeta, vingou-se d'elle desterrando-o arbitrariamente para as Molucas.—Quanto ao outro Barreto, nada mais ajunctaremos ao que já dicemos.

XX

Prestes a seguir viagem a náu Sancta Fé, 'n ella imbarcou Luiz de Camões e, navegando sem contratempo notavel, chegou a Lisboa em abril de 1570, quando apenas havia cessado a peste que affligira o reino, achando-se a cidade quasi despovoada e todos os animos consternados e inda conterritos.—Mais desanimadora perspectiva não podia offerecer-se aos olhos do poeta que, a cabo de tantos annos de serviços feitos em Africa e nas partes do Oriente, chegava pobre e só esperançado no premio que lhe-valeria a offerta que tencionava fazer do seo poema a elrei Dom Sebastião.

Estava a este tempo o monarcha longe da capital, onde poucas vezes apparecia; não tendo mais imprego que andar continuamente a monte, caçando cerdos e veados; e, além de nada saber dos negocios do estado, e de não ter capacidade para os-gerir, já por sua pouca edade, e já pela educação mesquinha que recebera em

que só lhe-haviam incutido idéas do mais exaltado fanatismo religioso, deixava-se em tudo governar pelos dois irmãos Camaras, dos quaes un era Martin Gonçalves, seo escrivão da Puridade, e o outro o jesuita Luiz Gonçalves, seo mestre e confessor.—Tinham-no estes afastado de todos os homẽes de saber e capacidade, principalmente dos que podiam desinvolver-lhe a intelligencia, em cujo numero intrava o cosmographo-mór Pedro Nunes, a quem logo despediram, porque, sendo seo mestre de geometria, intenderam que conseguiria, por meio d'esta sciencia, habilital-o a discorrer com clareza e precisão.—Receiavam, por outra parte os dois Camaras que, se elrei practicasse homẽes nobres e auctorizados, viesse a affeiçoar-se a outros mais do que a elles; e, por isso, o-traziam sequestrado da companhia dos fidalgos e dos cortesãos, que, havendo sempre vivido na familiaridade de seos monarchas, não podiam amar, nem tolerar um rei montesinho e intractavel que não via, nem conversava as pessoas de quem mais sehavia de servir.—D'aqui nascia un implacavel odio aos dois irmãos Camaras e em geral á companhia de Jesus, de cuja politica de ambição e predominio os-suppunham fieis executores, em detrimento do rei e do estado.—A tal poncto chegou o escandalo que, no anno seguinte de 1571, deu motivo á celebre charta que ao confessor do rei, Luiz Gonçalves da Camara, escreveu o doctissimo bispo de Silves, Dom Hieronymo Osorio, onde resumia todas as queixas que se-faziam contra os dois privados, os quaes, em nome de un soberano adolescente, que mantinham na mais completa subjeição, governavam

despoticamente o reino.—É notavel a liberdade com que o prelado lhe-expunha os aggravos com que tanto elle, como seo irmão, Martin Gonçalves, estavam dando causa ás mais violentas accusações.—Falando-lhe sem ambages, dizia-lhe: *Primeiramente Vossa Rev.ma está havido na opinião da mais gente d'esta terra e ainda dos que mais salas lhe-fazem, e se-lhe mais submettem, por mais amigo do mundo e honra do que esse habito requer.*—Fazia-lhe depois saber que a linguagem das pessoas mais conspicuas era: *terem un rei captivo de dois irmãos que pouco a pouco o-iam fazendo outro rei de Ormuz; tanto que tinha a mais da gente assentado que elle, por ter a elrei mais seguro, lhe-fizera prometter voto de obediencia como os da companhia costumam a seos confessados.*—Com referencia aos dois validos dizia-lhe: *Nunqua vi maior esquecimento que tractarem as coisas de maneira que se-façam a si, e a toda a companhia, e a pessoa de un rei de dezesepte annos, que naturalmente é amavel, os mais abhorrecidos e os mais odiosos que quantos nunqua houve em Portugal, antes, nem depois de elrei Dom Pedro o Cru; emtantoque, nos logares onde a gente de todos os estados fala sem medo, ouvirão que tomariam antes ser governados por dois turcos que os-tractassem com amor e prudencia, que do modo que hagora sam.*—Com a mesma severidade e franqueza de linguagem lhe-fazia saber o grandissimo escandalo e não menor convicio, que promovera a reformação das commendas com que muitos foram privados dos seos officios para estes sedarem a homẽes da parcialidade dos dois validos e dos

padres da companhia; não só para mais se-firmarem com estes esteios, senão para melhor se-justificarem do que quisessem fazer:—e accrescentava: *Se Vossa Rev.ma cuida que isso é mostrar animo e inteireza, pequeno animo é ser severo e inteiro com a mão de un rei menino que não intende o que ganha no amor, nem o qùe perde no odio dos vassalos; além d'isto, como lhe parece que receberia a terra a canonizar elrei pelo papa a deshonra de seos officiaes? Estar o reino perdido cuidam os mais dos homẽes que foi manha da companhia para grangear Sua Sanctidade com isto para suas pretenções; o que, dizem, lhe-succedeu como ella pintava; porque até hagora dizem que não tem isto fundido mais que perda de fidalgos e proveito d'ella.*

Não só estas, senão inda outras queixas lhe-representava o illustre prelado; as quaes nos-fazem conhecer o estado lastimoso a que havia chegado o reino pela ominosa influencia jesuitica, e as difficuldades com que tinha de luctar Luiz de Camões, a fin de obter as indespensaveis licenças para a publicação dos Lusiadas.

XXI

Entretanto fazia Camões as ultimas correcções ao seo poema, que trouxera concluido e que escrevera em tam diversas situações da vida: em Portugal nos ocios e na quadra amorosa da juventude:—em Africa, nos curtos intervallos das correrias contra os mouros de Tetuão:—nos plainos immensos do oceano, ao son do rugir da tempestade:—na India, entre odios e perseguições:—no exilio das Molucas, e, finalmente, na grupta longiqua e hospitaleira de Macáu.

A successiva composição dos Lusiadas é-nos indicada pelo mesmo poema.

Vê-se que foi começado em Lisboa pela invocação que o poeta faz ás Nymphas do Tejo, das quaes diz que recebeu *un novo ingenho,* com o que, de certo, quis significar as altas concepções da poesia epica:

> E vós, Tagides minhas, *pois criado*
> *Tendes em mim un novo ingenho ardente,*
> ....
> Dae-me hagora un son alto e sublimado.

No fin do Cant. VII, dirigindo-se ás Nymphas do Tejo e tambem ás do Mondego, já se-expressa como achando-se longe da patria e separado d'ellas:

> ..... Mas, ó cego
> Eu, que commetto insano e temerario
> *Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,*
> Por caminho tam arduo, longo e vario.

Havendo, porém, Luiz de Camões partido para a India em 1553, épocha em que inda não era nascido el-rei Dom Sebastião, não póde duvidar-se de que foi já depois de estar na India que escreveu a invocação ao mesmo rei, que se-segue immediatamente á das Nymphas do Tejo, mostrando-se por ella, que inda o dicto rei era menor, e que não tinha assumido as rédeas do governo, das quaes o poeta, suppondo, por ventura, que elle podesse melhorar o estado decadente da monarchia, lhe diz que se-apodere:

> E emquanto eu estes canto e a vós não posso,
> Sublime Rei, que não me-attrevo a tanto.
> *Tomae as rédeas vós do Reino vosso,*
> Dareis materia a nunqua ouvido canto.

Todavia, quando o poema se-concluiu e chegou a publicar-se, já reinava Dom Sebastião; o que tambem pelo mesmo poema se-deixa ver:

> Por isso, vós, ó Rei, *que por divino*
> *Conselho estaes no regio solio posto,*
> Olhae que sois (e vede as outras gentes)
> Senhor só de vassalos excellentes.
> CANT. X, EST. 146.

Quando Camões chegou a Macáu, depois de ter vagueado pelas Molucas, achava-se o poema no fin do Cant. VII.—Alli, como já observámos, se-refere ao naufragio que padeceu em Camboja, e amargamente sequeixa dos que o-perseguiam e attribulavam; dos quaes alguns, para mór vergonha e mais odiosa próva de ingratidão, eram os proprios que o poeta então celebrava em seos versos.

Segundo o testimunho de Diogo do Couto, o hynverno de 1569, que Luiz de Camões passou em Moçambique, foi por elle approveitado em aperfeiçoar os seos Lusiadas; o que nos-dá a certeza de que já a este tempo estavam concluidos.—Póde, porém, asseverar-se que o epilogo do poema foi composto depois de Camões haver regressado ao reino, e quando Dom Sebastião projectava passar a primeira vez a Africa; [1] impresa que o poeta não desapprova, e que fôra, em verdade, o desimpenho de uma grande idéa politica, se podesse ter sido executada 'n outras circumstancias e dirigida por differente caudilho.

Improba e porfiosa devia ser a lucta que o poeta teve de sustentar com o qualificador do sancto officio, a fin de obter a indespensavel licença para a impressão dos Lusiadas.—Era este o dominicano fr. Bartholomeo Fer-

Garrett, n'uma nota ao acto 2.º do drama Fr. Luiz de Souza, diz que *a invocação a Dom Sebastião nos Lusiadas, parece escripta depois da primeira jornada de elrei a Africa.*—É o maior e o mais remontado disparate que se-ha impresso des de que ha lettra redonda.—A primeira jornada de Dom Sebastião a Africa foi em 1574, e os Lusiadas sairam á luz em 1572. Como é, pois, que a chamada invocação, que outra coisa não é senão *exhortação*, se-imprimiu dois annos antes de poder ser composta?

reira, fanatico e estulto de boa marca, como forçosamente devia ser un membro d'aquelle execrando tribunal, e como elle proprio se-incarregou de nos-provar que o-era, escrevendo na censura que fez dos Lusiadas que *os deoses dos gentios sam demonios*—Que objecções, que reparos ineptos não faria a cada passo o tonsurado censor, torturando o espirito do pobre poeta, e compellindo-o a alterar e a supprimir estancias inteiras do seo poema?! Tudo nos-faz accreditar que os Lusiadas soffreram sensiveis córtes, e alterações notaveis, imbora o senr. Visconde de Juromenha queira persuadir-nos que *o poema dos Lusiadas saiu em vida do auctor como elle o-concebera,* e que apenas o-emendou 'n alguns logares, acceitando *espontaneamente* os conselhos dos frades de san' Domingos; já se-vê por estes serem os mais idonios e intendidos não só em autos de fé, senão tambem em poesia epica!

XXII

Sairam os Lusiadas a lume em 1572 e é de presumir que seo auctor alcançasse intregar un exemplar do poema nas mãos do soberano a quem o-dedicava; mas não accreditâmos que este jamais o-lêsse.—Muito menos podemos admittir, como insinua o senr. Visconde de Juromenha, fundando-se n' uma ficção poetica de Garrett, que Luiz de Camões fosse chamado ao paço para alli o-recitar.—No dominio da historia deve rigorosamente proscrever-se o que é só proprio e admissivel no romance.—Dos varios chronistas que teve elrei Dom Sebastião, nem un só menciona semelhante facto, que fizera tanta honra ao proprio rei como ao poeta; ao passo que sabemos que aquelle monarcha mandava chamar un certo Simão Gomes, sapateiro analphabeto e mentecapto para com elle se-intreter e até mesmo para o consultar. —Já deve fazer gosto a uma nação o ter un rei educado por jesuitas!

A recompensa não podia deixar de corresponder a tal rei e a taes validos.

Foi remunerado Camões com a tença annual de quinze mil réis por tres annos somente, [1] e inda assim não podemos dizer que ella lhe fosse conferida só em premio dos Lusiadas.

Contêm o alvará: «Havendo respeito ao serviço que Luiz de Camões, cavalleiro fidalgo de minha casa, me tem feito nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao deante me-fará e á informação que tenho do seo ingenho e habilidade e á sufficiencia que mostrou no livro que fez das coisas da India, hei por bem e me-praz de lhe-fazer mercê de quinze mil réis de tença em cada un anno por tempo de tres annos sómente, &c.»

Não pode haver duvida de que o motivo principal da graça consistiu *no serviço feito por muitos annos nas partes da India*, e que os secundarios, ou accessorios, foram a *expectativa* de outros serviços que ao deante havia de fazer o agraciado e a *sufficiencia que mostrou no livro que fez das coisas da India*.—De modo que, se dividirmos a recompensa por estas tres especies, veremos que vem a caber aos Lusiadas o premio de cinquo mil réis!

Tal recompensa mostra visivelmente o resentimento e o odio que os dois Camaras tributavam a Luiz de Camões.—Gratificaram-no, porque não fôra possivel desattender os longos serviços prestados por un cavalleiro

[1] Obteve depois ser-lhe renovada a mercê nos annos que inda viveu.

distincto nas partes da India, o que provocaria a indignação de todos os mais cavalleiros que então serviam o rei, e cuja opinião era forçoso respeitar; mas além de ser mesquinha a recompensa, foi ainda attenuada com a clausula de que prestaria ao deante outros serviços e com o onus expresso de que havia de residir na côrte. —Quanto aos Lusiadas, monumento grandioso de gloria nacional, é designado no alvará da mercê como *livro das coisas da India*, sendo apenas considerado *sufficiente*, sem sequer obter a classificação de *bon!*

Escreve o bispo de Viseu, Dom Franeisco Alexandre Lobo, que *nem Camões invectivou determinadamente contra os Camaras, nem estes se-reputaram em tempo algun offendidos d'elle.* [1]—É a mais temeraria proposição que nunqua se-proferiu e que denota uma critica pouco apurada da parte d'aquelle prelado que não era, aliás, destituido de boas lettras.—Quem conhecesse a fundo os grandes sentimentos patrioticos de Luiz de Camões, e não ignorasse o espirito de rectidão de que era dotado e o pendor que o-impellia a censurar os vicios, sem perdoar a injustiças e abusos, deveria des de logo suspeitar que elle não tivesse deixado 'n alguma parte das suas obras de vibrar o latego da censura contra a protervia dos dois privados, e abster-se de exarar semelhante proposição, sem que primeiro procedesse a un exame reflectido e minucioso, que lhe-daria prôvas do contrario do que 'n ella affirmou.

[1] Mem. Hist. e Crit. á cêrca de Luiz de Camões. Memor. da Acad. R. das Scien. de Lisboa T. VII, p. 234, nota (b).

O ter Camões invectivado contra os dois validos de Dom Sebastião, particularmente contra o jesuita Luiz Gonçalves da Camara, seo confessor, não póde ser posto em duvida á vista das est. 54 e 55 do Cant. VIII dos Lusiadas, onde diz:

Oh quanto deve o rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira
Do que lhe-der a lingua conselheira.

Nem tampouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa
Que se-inleve n'un pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande incoberta:
E quando un bon em tudo é justo e sancto,
Em negocios do mundo pouco acerta:
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em só Deos prompta.

O sentido d'estas duas estancias contêm uma allusão manifesta.—O commentador Ignacio Garcez Ferreira, discorrendo sobre o assumpto, diz com bastante chiste que o intento do poeta «é picar com determinação alguns em particular e, 'n esta ultima estancia, *algun singularmente, cortando-lhe o manto do mesmo panno do habito.*» [1]

[1] Nota 158 á est. 55 do Cant. VIII dos Lusiad.

Quanto á segunda parte da proposição que é: *não se-haverem os Camaras reputado em tempo algum offendidos de Camões*, diremos que não nos-consta que d'elle se-mostrassem offendidos, declarando-o por palavras; mas expressaram-no bem por obras, como já fizemos vêr na analyse do alvará de mercê.

XXIII

Os Lusiadas tiveram des de logo immensa voga, e adquiriram o seo auctor uma gloria de que elle ainda se-gozou; podendo persagiar que cresceria sempre com louvou a fama do seo nome, do mesmo modo que de si vaticinou Horacio:

.....Usque ego postera
Crescam laude recens.....

Todavia a satisfação intima que lhe-resultava de haver levantado un tam prodigioso monumento á gloria da sua patria devia ser-lhe grandemente dissaboriada pelos continuos receios de que, denunciado por menos orthodoxo nos principios da fé catholica, viesse a expiar nas torturas da inquisição o odio que professava aos jesuitas.

Não podiam ser mais justificados os motivos que sedavam para taes receios.—A intolerancia religiosa su-

bira de poncto, contrastando com o que então practicavam os proprios mouros; aquelles a quem nós appellidavamos de barbaros, e que depois da desastrosa batalha de Alcacer-Kebir, nos-deram lições de humanidade e de admiravel tolerancia, consentindo que os portugueses, que em Fez e Marrocos ficaram seus captivos, exercitassem o culto da religião christãa, celebrando missas rezadas e cantadas, tendo pregação, e chegando mesmo a sair em procissão uma quinta feira de induenças. [1]

No mesmo anno em que se-publicaram os Lusiadas, celebrou-se em Evora un apparatoso auto-de-fé em que foram queimadas dezoito victimas da inquisição, assistindo áquelle horrivel espectaculo o proprio Dom Sebastião com seos dois thios, o cardeal Dom Henrique e o infante Dom Duarte, 'n uma tribuna armada juncto á casa da camara, tendo ante si o alferes-mór com o estoque desimbainhado em signal de ser elle o defensor da fé. [2]

[1] Fr. Bern. da Cruz, Chron. de elrei Dom Sebastião, Cap. XCII.

Para que se-veja o quanto contrastava com a tolerancia mahometana a obcecada intolerancia dos christãos, poremos aqui o seguinte facto referido por fr. Pantalião de Aveiro, escriptor jesuita, e, por isso, insuspeito.— Conta elle que, desejosos os principes christãos de re-adquirirem em Hierusalem a posse de un sacello, que fôra tirado aos frades, e cuja tradição rezava que tinha sido o logar onde a virgem e os apostolos se-achavam, á hora em que sobre elles desceu o espirito sancto em linguas de fogo, dia de pentecostes, e que mandando Henrique de França, a requerimento do papa, pedir com solemne embaxada e ricos presentes, aquelle logar a Solimão, este lhe-dera em resposta, que lhe-deixasse elle fazer uma mesquita dentro da cidade de París para que os da sua lei tivessem onde louvar a Deos e a Mafoma, e livremente mandaria tornar o logar aos frades Itin. Cap. XXXVII, fol. 111 v.

O resultado foi que a intolerancia christãa quis antes deixar ficar o sacello nas mãos dos infieis do que consentir n'un acto de tanta justiça e equidade.

[2] Fr. Man. dos Santos, Hist. Sebast. L. II. Cap. 18, p. 278 e seg.

No mesmo anno a que nos-referimos, foi condemnado pela inquisição a carcere penitencial perpetuo, e a sequestro de todos os bẽes para o fisco e camara real, Damião de Goes, varão clarissimo em lettras, conspicuo e benemerito, sómente por algumas duvidas que muitos annos antes tivera 'n alguns ponctos da fé catholica; sendo denunciado pelo infame Simão Rodrigues, geral da companhia de Jesus, com o visivel proposito de o-inhibir de ser mestre do principe Dom Johão, imprego que o mesmo denunciante, Simão Rodrigues, ambicionava e pretendia para si.

Adquirira Damião de Goes profundos conhecimentos em humanidades, estudando seis annos na Universidade de Padua, [1] composta de cathedraticos insignes: fôra muitas vezes incarregado por Dom Johão III de importantes negocios nas côrtes extrangeiras, onde versara os homẽes mais notaveis do seo tempo; mas nem os serviços que prestara como politico, nem os livros de historia que escrevera, e que lhe-haviam grangeado summa consideração litteraria, nem, finalmente, o ser amigo de Sadoleto, secretario privado de Leão X, o poderam eximir dos medonhos carceres inquisitoriaes e da sentença condemnatoria que lhe-infligiu o abominando tribunal.

Uma circumstancia occurreu que mostra até onde chegara o fanatismo estupido e o falso zelo da religião, que muitas vezes servia de acobertar a inveja, a malquerença e outras ruins paixões.—Entre as testimunhas

[1] D'esta circumstancia nos-informa elle mesmo na Chron. de elrei Dom Man. III Part. Cap. LX, p. 229, v. col. 1.ª

accusatorias que 'n este iniquo processo figuram, apparece Pedro de Andrade Caminha, poeta destituido de ingenho e saber, mas fertil em escrupulos de consciencia, depondo *espontaneamente* eontra o dicto Damião de Goes, por lhe-ter ouvido dizer 'n uma practica que com elle tivera sobre as particularidades que occurreram no fallecimento do infante Dom Duarte, que *não havia homem que na morte não dicesse algumas parvoices;* o que não continha nada de heretico; mas contrariava os desejos dos parentes do infante e a opinião dos visionarios e milagreiros da côrte, que pretendiam que elle tivesse morrido sancto, e que até houvesse vaticinado o dia em que havia de fallecer.

O espirito religioso d'aquelles tempos, que não era desaccompanhado de ambição e de vaidade, dava azo a que todos aspirassem a ser sanctos, ou a ter, sequer, algun parente canonizado: contraste singular com o que se-passa em nossos dias, em que já ninguem quer ser sancto; mas sim visconde, ou, pelo menos, barão!

Claro se-vê quam fundados motivos teria Luiz de Camões para se-receiar das machinações de seos inimigos, e das denuncias de qualquer fanatico, ou malevolo da estofa de Pedro de Andrade Caminha; porque de uma, ou de outra d'estas coisas, o-devemos ter por suspeito, senão de ambas junctamente.—É por isto que o mesmo Camões se-acautelava frequentando assiduo os frades do convento de san' Domingos; o que sendo attribuido por alguns biographos a estreita amizade, ou a devoção que lhes-professava, não era, por certo, senão o meio com que procurava nos fautores da inquisição,

com o gosto apparente de lhes-ouvir lições de theologia, presidio e refugio contra o farejar suspicioso do feroz e sanguinario tribunal, que então trabalhava activamente e cujas terrificas apprehensões, além da penuria e desamparo, não deixariam de attribular os ultimos annos do poeta.

XXIV

Vendo-se elle indignamente remunerado, caíu do alto de todas as esperanças, abysmando-se 'n uma profunda melancolia, que não o-abandonou o resto de seos dias. —Sobrevieram-lhe as infermidades proprias de uma velhice prematura, aggravadas com a pobreza e a miseria, que chegou a tal extremo, que o escravo jáu, que trouxera da India, modelo de affeição e figura poetica e internecedora, que tanto nos-sensibiliza e commove, pedia de noite esmola para seo pobre senhor.—Já defesso, e quando apenas da sua humilde habitação, na calçada de Sanct'-Anna, mal podia arrastar-se em muletas até o convento de San' Domingos, foi repentinamente fulminado pela nova da tremenda catastrophe de Alcacer-Kebir, que veiu pôr no throno un padre decrepito, ultima degeneração do robusto tronco de Avís, com o qual estava des de logo prevista a perda da nossa independencia nacional.

E com effeito, as duas primeiras raças de nossos reis, que ambas tiveram origem em heróes famosos, a tal poncto degeneraram e se-perverteram, que a dos Capetos, começada em Dom Affonso Henriques, se-extinguiu por un rei fraco, descuidado e que, depois de ter *posto o reino em grande aperto*, o-deixou em estado que foi forçoso que os portugueses o-resgatassem nos campos de Aljubarrota.—A de Avis, começada no invicto Dom Johão I, acabou por un padre imbecil, fanatico, inxerto de rei, sem coração e sem patriotismo, de quem não se-podia esperar senão que intregasse Portugal a Castella, como era gosto seo, e como não deixou de practicar para que a influencia jesuitica e o dominio da inquisição se-perpetuassem com o despotismo politico, sanguinario e feroz d'aquelle a quem hoje chamâmos *o Demonio do Meio-dia.*

Não chegou Luiz de Camões a presenciar a escravidão da patria e as calamidades que lhe-advieram.—Espirou no dia 10 de junho de 1580 no leito da dor que alguns pretendem ter sido o de un hospital; mas que outros, com mais fundamento, asseguram que foi o da propria habitação, não menos triste e lastimoso, onde soltou o derradeiro gemido entre os gemidos da patria agonizante.

Depois de morto, foi este insigne varão levado á egreja do convento de Sanct'Anna, onde lhe-deram sepultura raza á intrada da porta, do lado esquerdo, sem epitaphio algun; e assim permaneceu até que Dom Gonçalo Coutinho, tempos depois, lhe mandou pôr na

sepultura uma campa de marmore em que fez gravar o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO
MORREU NO ANNO DE 1579. [1]
ESTA CAMPA LHE-MANDOU AQUI PÔR D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO INTERRARÁ PESSOA ALGUMA.

Mais tarde foi este epitaphio substituido por outro em latin, nimiamente prolixo e emphatico, que Martin Gonçalves da Camara incommendou ao padre Mattheos Cardoso, da companhia de Jesus, com o que, seguramente, pretendeu abluir a mácula que lhe-provinha de haver deixado perecer á mingua o homem que era já proclamado *Principe dos poetas de Hespanha*, e por quem o mesmo Philippe, intrando em Portugal se não esqueceu de perguntar, querendo com isso lisonjear o amor proprio e captar a benevolencia dos portugueses.

O caso é que o proprio bispo de Viseu, na vida do poeta, põe em duvida se Martin Gonçalves da Camara *quis acudir com a justiça com que faltara 'n outro tempo, ou, se, receioso da futura infamia, quis anteparar-se com un estratagema, e lançar artificiosamente poeira*

[1] Não estava em nossa mão alterar o epitaphio, segundo o-transcreve Fr. Fernando da Soledade na Historia Seraphica Chronologica da Ordem de San' Francisco na Provincia de Portugal, T. IV, L. 4.º Cap. 19, p. 526; mas pela ementa achada no Archivo Nacional pelo senr. Visconde de Juromenha, a qual reza que se-mandou pagar á mãe do poeta o saldo que a este se-ficou devendo do primeiro semestre do anno de 1580, é fóra de duvida ter o mesmo fallecido a 10 de junho do dicto anno.

nos olhos da posteridade. [1]—Esta segunda hypothese é a que tem, por certo, mais visos de probabilidade.

Eis o que nos-parece que a critica póde hoje apurar á cêrca de Luiz de Camões.

Este homem, a quem seos concidadãos deixaram morrer nos desamparos e nas attribulações da pobreza, legou, todavia, á sua patria não só riquissima herança de gloria, mas inda un tam patriotico enthusiasmo, que, fazendo-nos palpitar os corações, nos-infunde 'n elles os heroicos brios que serão em todo o tempo a garantia fiel da nossa independencia nacional. [2]

O conquistador, que pretender subjugar a nossa querida patria, ha de primeiro rasgar, até a ultima pagina, o poema immortal dos Lusiadas.

[1] Memor. Hist. e Crit. á cêrca de Luiz de Camões. Mem. da Acad. R. das Scien. de Lisboa, T. VII, p. 234.

[2] Johão Vicente Pimentel Maldonado, deputado ás Côrtes de 1821, levantando alli a voz e exprobando a ingratidão com que em todos os tempos a patria deixou de remunerar os homẽes que maiores serviços lhe-prestaram, citou Duarte Pacheco, Antonio Galvão, Nuno da Cunha, e, por ultimo, Luiz de Camões: Luiz de Camões, exclamou elle, a quem devemos a lingua que falâmos, e com ella a *independencia;* o que provaria, se estivesse 'n uma sessão academica.

II

OS LUSIADAS

OS LUSIADAS

I

Fizemos ver a importancia politica dos Lusiadas; a influencia que exerceram no animo abatido dos portugueses, e os patrioticos alentos que inda hoje nos-infundem para defendermos a nossa independencia nacional. —Cumpre-nos hagora expôr algumas reflexões sobre os meritos litterarios do poema.

Comquanto o intento visivel de Camões fosse preçonizar os feitos inclytos de todos os portugueses para ingrandecer as glorias da sua patria, tomou, todavia, por assumpto especial a maior impresa dos tempos modernos, qual foi o descobrimento da India.—Fez, por este modo, que os Lusiadas constassem de uma acção unica; porque intendeu com discernimento o poeta dever chamar a attenção e o interesse a un centro a que todos os episodios, por mais grandiosos e patheticos, houvessem de ficar sobordinados.—Não procedeu, porém, assim quanto ao heróe do poema.—Á maneira de Apollonio

Rhodio, que não cantou Jason, mas *os Argonautas*, Camões não celebra exclusivamente o Gama: canta os heróes d'aquella gloriosa expedição. Haveria, por ventura, 'n este proceder uma intenção premeditada para com o chefe da impresa que sabemos era parente do poeta, e ao qual, porque nunqua a nenhun de seos descendentes mereceu protecção, negasse o gráu de preeminencia a que parece devia ter direito? É o que não podêmos hoje em dia dilucidar e do que apenas nos-é permittido ter suspeitas. [1]

Fosse, porém, este, ou outro, o motivo, é certo que nos Lusiadas figura o Gama como o cabeça d'aquelle grande commetimento; mas não como o heróe exclusivo d'elle.

[1] Os descendentes de Vasco da Gama, que deviam ser gratos a Luiz de Camões, não só não o-protegeram; mas até lhe-foram desaffeiçoados. — A causa d'esta malquerença deprehende-se da est. 98 do Cant. V, em que o poeta, postoque de un modo indirecto, os descreve como homẽes assás ignorantes e a quem se não dava mesmo de o serem.

> Mas o peior de tudo é, que a ventura
> Tam asperos os-fez, e tam austeros,
> Tam rudos, e de ingenho tam remisso,
> Que a muitos lhe-dá pouco, ou nada d isso.

As suspeitas que se-nos-offerecem sam ainda corroboradas pela nota que á est. 99 do mesmo Canto se-acha exarada na edicão dos Lusiadas, feita em Paris no anno de 1846, onde se lê:

«Os versos d'esta oitava parecem confirmar un antigo boato que corre: e é que inteirado o descendente, ou descendentes de Vasco da Gama, que estava para sair á luz un poema que immortalizava esse heróe, responderam com orgulhosa estulticia: *Nós temos os títulos e não careçemos do poema.*»

Se este boato merece ser accreditado, é evidente que a homẽes de tam extranho orgulho não podia ser acceito Luiz de Camões; tornando-se, portanto, fundadas as suspeitas de que, altamente despeitado o poeta, quisesse tirar d'elles uma justa vingança, deixando de fazer do Gama o unico heróe do seo poema.

Na proposição annuncia o poeta ter por objecto cantar *os varões assignalados que passaram inda além da Taprobana.*

Na invocação a elrei Dom Sebastião diz, sem distinguir o chefe da impresa:

> E vereis ir cortando o salso argento
> *Os vossos Argonautas*.....
> CANT. I, EST. 18.

Aos negros de Moçambique que perguntavam aos nossos quem eram, respondem estes:

> *Os portugueses somos*:—do Occidente
> *Imos* buscando as terras do Oriente. [1]
> CANT. I, EST. 50.

Referindo o Gama ao rei de Melinde como foi convocado e composto o pessoal da expedição, remata:

[1] Devemos aqui notar un erro que anda introduzido em todas as edições dos Lusiadas, as quaes trazem:

> Os portugueses somos do Occidente,
> Imos buscando as terras do Oriente.

Não é possivel que Luiz de Camões dicesse *os portugueses do Occidente;* como se alguns houvesse que fossem do Oriente.—A falta de ponctuação, que produz uma tam notavel incongruencia, é claramente manifesta; devendo ler-se:

> Os portugueses somos:—do Occidente
> Imos buscando as terras do Oriente.

Só admira que ninguem, até hoje, advertisse n' un erro tam facil de notar e corrigir.

Assi foram os Minyas ajunctados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica náu, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

CANT. IV, EST. 83.

Chegando os nossos a avistar a costa de Malabar, termo que se-propunham, faz o poeta a seguinte apostrophe:

Ora sus, *gente forte!*
.....
Já sois chegados, já tendes deante
A terra de riquezas abundante.

CANT. VI, EST. 1.ª

Finalmente, estando de volta os afortunados navegantes, não é particularmente do Gama que o poeta faz menção, mas de todos os descobridores em geral:

Intraram pela foz do Tejo ameno
E á sua patria e rei temido e amado
O premio e gloria *dam;* porque mandou
E com titulos novos se-illustrou.

CANT. X, EST. 144.

II

Se considerarmos a indole e o character dos Lusiadas, acharemos que se-compõem de uma mixtura do classico genuino com o puro romantico: consequencia do que se-passava no seculo XVI, em que as imaginações eram attrahidas pelas seductoras ficções da mythologia pagãa, propagadas pela renascença; ao passoque subsistia o gosto das proezas cavalheirosas, das justas, dos torneios, das aventuras e inredos do amor; tudo isto de involta com uma crença viva na religião catholica romana, nos milagres dos sanctos, nos bruxedos, nos maleficios do diabo cujo poder corria parelhas e estava sempre em liça com o dos mesmos sanctos, do que se-compunham lendas e farças populares.

Não podia, portanto, o auctor dos Lusiadas deixar de alligar o que pertencia ao puro gosto classico com o que era do gosto das scenas cavalheirosas da edade media, cujas remeniscencias estavam mui vivas e constituiam

uma das feições mais prominentes do charatcer nacional.

Assim, vemos que no poema se-contêem os dois referidos generos, que se-acham dispostos e tractados com tal artificio, que nada offerecem que nos-repugne.

Ao genero classico pertencem: o concilio dos Deoses no Olympo;—o episodio das Nereides pondo o peito á prôa das náus para impedir que os portugueses entrem o porto de Mombaça e sejam alli destruidos;—a formosa descripção de Venus quando vai pedir favor a Jupiter para seos amados lusitanos;—o sonho de elrei Dom Manuel, em que lhe-apparecem os dois celebres rios Indo e Ganges;—o soberbo episodio do Gigante Adamastor;—a descripção dos paços Neptuninos e do concilio dos Deoses equoreos;—a da tempestade no oceano Indico;—o episodio das Nymphas abrandando a furia dos Ventos;—a deliciosa descripção da ilha dos Amores;—e, finalmente, o banquete dado por Tethys a Vasco da Gama, em que uma Nympha canta os louvores dos varões preclaros que ham de assignalar-se nas partes do Oriente; o que é outra imitação da antiguidade classica.

Sam pertencentes ao genero romantico:—os feitos cavalheirosos de Dom Affonso Henriques;—o episodio de Egas Moniz;—o da rainha Domna Maria, vindo pedir a seo pae auxilio para seo marido Dom Affonso, rei de Castella;—a descripção da batalha de Tarifa;—o episodio tragico de Domna Ignês de Castro;—a prosopeia de Dom Nuno Alvares Pereira;—a descripção da batalha de Aljubarrota;—o episodio de Velloso indo ter com os cafres na angra de Sancta Helena;—o de Dom-

na Leonor de Sá;—a historia dos doze de Inglaterra;—e a lenda do apostolo San' Thomé.

Alguns dos episodios d'este segundo genero têem ainda o estilo e a pomposa magnificencia do genero classico.—O da rainha Domna Maria, vindo pedir soccorro a Dom Affonso IV, é un exemplo do que asseverâmos. A fala de Dom Nuno Alvares Pereira póde comparar-se na emphase e na sublime altivez da phrase ás mais energicas e ostentosas dos heróes da Iliada.

Teceu Camões a fabula épica do seo poema impregando as divindades allegoricas do Paganismo, em vez de servir-se do maravilhoso da religião christãa; pelo que alguns o-têem censurado, pretendendo que do imprego das machinas mythologicas resulta un antagonismo e conflicto entre as duas religiões; e que, se houvesse feito uso do segundo meio, não só evitara tal inconveniente, senão que podera obter egual numero de bellezas poeticas. [1]

Não sabemos o que poderia obter Camões, se houvesse impregado este segundo meio; mas é certo que a

[1] Esta opinião que é, entre outros, a de Joseph Agostinho de Macedo e Hieronymo Soares Barbosa, revela, quanto a nós, uma completa insciencia de tudo o que é attinente ao estudo das bellas-artes.—Eis o que, sobre tal objecto, acabâmos de lêr n'uma obra recentemente publicada:

«Précédement la religion contribuait tout autant que l'art à inspirer les productions des peintres et des statuaires; mais aussitôt que l'art a été touché par le souffle de l'antiquité, il s'est délivré des liens de la religion.—Nous pouvons remarquer combien ce fait est plus caracterisé dans Raphaël même d'année en année. Critiquez ce resultat si vous voulez, toutefois jè serais porté à croire que l'élément profane était nécessaire pour enfanter cette belle fleur d'art et de poésie.» L. Ranke, Hist. de la Papauté, pendant le seizième et le dix-septième siècles. Tom. 1.er Introd. par A. de Saint-Cheron, pag. 71.

religião christãa não é susceptivel de outras bellezas que não sejam propriamente as moraes; accrescendo que os terrores e as macerações, que o obscurantismo havia então posto em vóga, imprimiam no christianismo un aspecto pavoroso, carecente da poesia suave que o nosso seculo mais adeantado soube dar-lhe.—Toda a poesia bafejada de mimos e de graças ridentes provinha da theogonia greco-romana.—Por isso o poeta é essencialmente ethnico; mas os seos heróes sam, e não podiam ser outra coisa senão christãos, sem que d'ahi resulte o conflicto que se-pretende.—Se, todavia, n'isto peccou, *felix culpa*, que nos-delicía com os incantos e as maravilhas de que, por outro modo, ficaramos seguramente privados.

Fazendo especial estudo dos grandes mestres da antiguidade classica, quaes foram Homero, Apollonio Rhodio e Virgilio, de todos mais, ou menos, se-aproveitou Camões na composição do seo poema; mas foi particularmente a este ultimo que pretendeu imitar e a que não raras vezes sobresaíu.

Na contextura dos Lusiadas procurou visivelmente seguir a fabula épica da Eneida.—Em ambos os poemas a acção começa no mar largo, já depois de decorrida uma grande parte da viagem e dos successos que ao deante se-referem.—A narração que Enéas faz á rainha Dido do cêrco de Troia e de todos os acontecimentos posteriores, até aportar a Carthago, serviu de nórma á narração que Vasco da Gama faz ao rei de Melinde, na qual, começando por descrever a Europa, conta a historia de Portugal, a tentativa do descobrimento da

India por elrei Dom Manuel, e todos os successos occorridos durante a viagem até o momento de aportar a Melinde, cidade fronteira a Calecut, onde termina a narração, do mesmo modo que Enéas termina a sua em Carthago, cidade fronteira a Italia e ás fozes do Tibre:

> ..... Italiam contra Tiberinaque longe
> Ostia.....

Da cidade Tiria parte depois Enéas para Italia, termo e complemento dos altos destinos que lhe-estavam marcados: Vasco da Gama parte de Melinde para Calecut, termo e complemento da audaz impresa que lhe-fôra commettida e a que põe glorioso remate. [1]

Tal é plano geral dos Lusiadas, modelado, segundo vêmos, pelo da Eneida.—Os accessorios não podiam deixar de ser differentes, e é d'elles que passâmos a occupar-nos.

[1] 'N outras partes do seo poema imitou Camões a Virgilio; mas d'esta accusação não póde exemptar-se o mesmo Virgilio, que, a cada passo, imitou a Homero.—O banquete que a rainha Dido dá a Enéas, onde este lhe-faz a narração do cêrco de Troia, é copia do banquete dado por Alcinoo a Ulysses, no qual o rei de Ithaca lhe-relata as suas aventuras des de que saíu da ilha Ogygia;—a descripção dos jogos da Sicilia sam em tudo semelhantes aos celebrados pela morte de Patroclo;—a descida de Enéas aos Infernos é conforme á que na Odysséa se-conta que effectuou Ulysses;—a scena pathetica do cavallo de batalha de Pallante, que derrama lagrymas nas exequias de seo domno, é tirada dos cavallos de Achilles que as-derramaram pela morte de Patroclo.—O episodio em que Venus vai pedir a Vulcano que lhe-fabrique armas para seo filho Enéas, teve origem na Iliada, em que Thetis as-foi pedir ao mesmo Vulcano para seo filho Achilles.

De Apollonio Rhodio não sam menos frequentes as imitações:—a perda de Palinuro, piloto da náu de Enéas que caiu ao mar e se-afogou nas ondas, é tirada da de Tiphys, piloto da náu Argos, que tambem pereceu nas ondas:—o modo porque a Sibylla adormeceu o cão Cerbero, impregando um philtro, é o mesmo que impregou Medêa para adormentar o monstro que estava de guarda ao Vellocino, etc. etc.

III

Depois da proposição e de duas bellissimas invocações, uma ás Nymphas do Tejo, e outra a elrei Dom Sebastião, que inda era menor, [1] começa o poeta a narração em que pinta a armada singrando no mar alto; e logo passa a descrever un solemne concilio dos Deoses convocado no Olympo por parte do Tonante, para álli se-tractarem *as coisas futuras do Oriente*.—Jupiter, depois de un breve preambulo, relata que os navegantes veiem quebrantados da longa via do mar:

> Nas aguas têem passado o duro hynverno,
> A gente vem perdida e trabalhada;

[1] Os Lusiadas foram começados em Lisboa, como attesta a invocação á Nymphas do Tejo:

> E vós Tagides minhas..... etc.

Mas a invocação a elrei Dom Sebastião foi feita já depois de haver partido o poeta para a India; o que teve logar em 1553, tempo em que inda não era nascido o dicto rei.

e julga, portanto, que devam ser agasalhados na costa africana, d'onde depois de refeitos, tornarão a seguir sua derrota.

Trava-se em seguida un caloroso debate, no qual cada un dos Deoses, antevendo o resultado que do bon exito da expedição poderá seguir-se, procura favorecel-o, ou impedil-o, segundo seos interesses e affeições.

Do tumulto que se-segue, offerece-nos o poeta un belle e adequado simile:

> Qual Austro féro, ou Boreas na espessura
> De sylvestre arvoredo abastecida,
> Rompendo os ramos vam da mata escura
> Com impeto e braveza desmedida,
> Brama toda a montanha, o son murmura,
> Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
> Tal andava o tumulto levantado
> Entre os Deos do Olympo consagrado.

Os costumes sam rigorosamente observados.—Baccho, receiando que possa obscurecer-se a fama egregia das suas conquistas na India, se os portugueses lá chegarem, oppõe-se a que a armada vá por deante.—Protege Venus a impresa; sendo congruente a razão porque se-declara a favor dos portugueses; que é por julgar ver n'elles os seos antigos romanos:

> Affeiçoada á gente Lusitana
> Por quantas qualidades via 'n ella
> Da antiga tam amada sua Romana.

Com effeito, aquella Roma, que Venus amou tanto;

onde os descendentes de seo filho Enéas se-distinguiram por assombrosos feitos, não existia já.—Un padre occupava o throno dos Cesares, e un collegio de cardeaes, em vez do Senado augusto e venerando, bemcomo uma nação de frades e castrados em logar do *povo rei*, deviam fazer com que Venus só impregasse o seo amor nos lusitanos, herdeiros das virtudes heroicas dos nobres querites.

Marte abraça o partido de Venus, ou pelo amor antigo que á Deosa tributara,

> Ou porque a gente forte o-merecia.

A figura do Deos da guerra é nobre, imponente e, sem contradição, superior á que d'esta Divindade nos-representa Homero:

> D'eñtre os Deoses em pé se-levantava
> Merencorio no gesto parecia:
> O forte escudo ao collo pendurado,
> Deitado para trás, medonho e irado.
>
> A viseira do elmo de diamante
> Alevantando un pouco, mui seguro
> Por dar seo parecer, se-pôs deante
> De Jupiter, armado, forte e duro;
> E dando uma pancada penetrante
> Co'o conto do bastão no solio puro,
> O céo tremeu, e Apollo de torvado
> Un pouco a luz perdeu, como infiado.

Propellindo as allegações de Baccho, a quem mina-

cissimo impropera, roga Marte a Jupiter que invie Mercurio a mostrar aos navegantes alguma terra onde se informem da India e possam recuperar as forças exhaustas.

Jupiter annúe e dispartem-se os Deoses.

IV

Navegava entretanto a armada entre a costa da Ethiopia e a ilha de San' Lourenço.

Passado já o promontorio Prasso, avistam os nautas alguns bateis que, de uma das ilhas que demoravam perto da costa, vinham velejando para elles.

Eram os advenientes mouros de Moçambique, dos quaes o poeta faz uma fiel descripção.—Os nossos indireitam as prôas para fundearem juncto das ilhas, onde lançam ferro, o que é elegantemente expressado:

> Tomam velas, amaina-se a verga alta,
> Da anchora o mar ferido em cima salta.

Estes versos fazem lembrar os de Virgilio:

> Hæc Proteus: et se jactu dedit æquor in altum;
> Quaque dedit, spumantem undam sub vertice torsit.
>
> GEORG. L. IV, v. 528—529.

Mas a idéa representada em Camões é mais picturesca.

Logo communicam os mouros com a armada, vindo a bordo da capitanea, onde sam bem recebidos.—Informam que a ilha a que pertencem ha nome Moçambique, a qual tem un Xeque, ou regedor, com quem acham conveniente que os nossos se-avistem; e que d'elle poderão obter piloto para a India.

No dia seguinte vem a bordo o regedor que, adquirindo conhecimento de serem os nossos christãos, lhes-concebe implacavel odio, que, todavia, dissimula, para que melhor possa pôr em execução sua má vontade.

É Bacchо sabedor da ruin tenção do Xeque, e, logo, a fin de excitar-lhe o odio, tóma a figura de un mouro, seo privado: certifica-lhe serem piratas os recem-chegados, cujos intentos consistem em roubar-lhe os haveres, bemcomo as mulheres e os filhos; e instiga-o a que lhes-arme uma cilada.

Dirigindo-se o capitão a terra com alguns bateis para fazer aguada, não só os mouros lh'a-tolhem, senão ainda se-appresentam em ton de guerra.—Dá 'n elles o Gama determinadamente; desbarata-os, e, para completar a victoria, esbombardeia a povoação.

A pintura do combate é animada, e 'n ella sobresáem os seguintes traços de bellissima poesia:

> Eis nos bateis o fogo se-levanta
> Na furiosa e dura artilheria:
> A plumbea pella macta, o brado espanta
> Ferido o ar retumba e assobia.
>
> CANT. I, EST. 89.

Fugindo, a setta o mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o páo, o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
CANT. I, EST. 91.

Estes ultimos versos sam imitados de Virgilio:

Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat.
ÆN. L. I, v. 150.

Desbaratado o mouro, e recolhido á terra firme, commette pazes aos navegantes com o proposito occulto de lhes-dar un piloto, de antemão peitado, para os-levar onde hajam de ser mortos, ou captivos.—Recebem estes o piloto, que, por meio de falsas promessas, pretende conduzil-os a Quilôa, ilha em poder e forças mui superior a Moçambique, na qual lhes-estava preparada nova traição.—Não permitte, porém, a Deosa que tem sob seo presidio os portugueses, que elles alli aportem.—Com ventos contrarios desvia para longe a armada.

Não explica o poeta como Venus poude dispôr dos ventos sobre os quaes não tem poder algun; o que o mesmo poeta nos-faz sentir no Cant. VI, onde, para lhes-applacar a furia, e serenar a tempestade que haviam alevantado, é mister á Deosa impregar as seducções das Nymphas, que lhe-formam o cortejo.

Não sendo possivel ao piloto mouro conduzir a armada a Quilôa, imprega outros imbustes com que a-leva ao porto de Mombaça.

V

Logo que as náus chegaram defronte da cidade, sam os navegantes saudados da parte do rei d'aquella ilha, o qual se-achava já prevenido por Baccho (que para isso tomara a figura de un mouro) e entre muitos offerecimentos capciosos, os-convida a que entrem no porto para alli se-repararem das fadigas do mar e proverem de mantimentos.—Agradece-lhe o capitão as palavras, fazendo-lhe saber que não entra logo por ser já noite; mas que assimque o dia raiar, e poder conduzir a frota sem perigo, se-prestará ao seu convite.— Com os mouros que vieram com o recado invia dois portugueses degredados que trazia para servir-se d'elles em casos de risco, e junctamente remette alguns presentes para el-rei, incarregando os mensageiros de tudo observarem.— Accolhe o rei benignamente os mensageiros para d'esta arte os illudir, e poder effectuar seo perverso designio,

o qual consistia em incendiar as náus, se chegassem a intrar no porto.

Desimbarcados os dois portugueses, percorrem a cidade e 'n ella vam ter a uma casa, onde se-lhes-offerece un altar em que estava representado o Espirito Sancto e a Virgem, que Baccho, em figura de mouro, fingia que adorava, com o proposito de os-ingannar; fazendo-lhes crer que na mesma cidade havia christãos.

Este episodio de máo gosto, e desnecessario ao inredo da fabula épica, remata com un trocadilho a que os italianos chamam *concetto*, o qual é realmente desgracioso:

> ..... E assi, por derradeiro,
> O falso Deos adora o verdadeiro.

Mas estes devios censuraveis do poeta vam ser em breve resgatados por bellezas de uma ordem tam superior que logo os-farão olvidar.

Regressando os dois portugueses a bordo, relatam que foram bem accolhidos da parte do rei e da gente da terra, e que entre esta havia alguma que professava a lei de Christo.—Logo o capitão manda suspender anchoras e, desfraldando as velas de prôa, se-incaminha direito á barra.

Venus, porém, que perattenta observa do alto o perigo em que os portugueses vam cair, desce rapida e, convocando as alvas filhas de Nereo, todas á porfia mettem hombros á capitanea, e, não obstante os exforços combinados da manobra, impellem a náu para trás.

'N este quadro, indisputavelmente bello, pretendeu,

sem duvida, Camões imitar Apollonio Rhodio, o qual, no seo poema, para salvar a náu Argos das rochas Plancteas, faz que lhe-accorram a Deosa Thetis e as mesmas Nymphas filhas de Neréo.— Comquanto, porém, imitado na idéa primordial, é o presente quadro altamente superior no gracioso da descripção ao do poeta grego.— Vejamol-o no nosso épico:

Já n' agua erguendo vam com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma:
Doto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma:
Salta Nise, Nerine se-arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas incurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de un Tritão com gesto accêso
Vai a linda Dione furiosa:
Não sente quem a-leva o doce peso,
De soberbo com carga tam formosa:
Já chegam perto d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeiam 'n esse instante
As náus ligeiras, que iam por deante.

Pôe-se a Deosa com outras em direito
Da prôa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento a véla inchando:
Pôem no madeiro duro o brando peito,
Para de trás a forte náu forçando:
Outras, em de redor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a-desviavam.

CANT. II, EST. 20, 21, 22.

N esta pintura é notavel a propriedade com que o poeta nos-mostra *o gesto accesso* de Dione, irritada por causa das insidias de Baccho; bemcomo a ufania com que o Tritão transporta nos hombros a Deosa dos Amores; o que é primorosamente descripto 'n aquelles optimos versos:

> Não sente quem a-leva o doce peso,
> De soberbo com carga tam formosa.

Na faina de marear a náu, que pretendem fazer intrar a barra, levantam os marinheiros alta celeuma com o que se-alvorotam os mouros que estavam a bordo, e que, julgando ver descobertas suas tramas, junctamente com o piloto que viera de Moçambique, se-lançam ao mar, manifestando assim a traição que premeditavam.

Então reconhece o Gama a perfidia dos mouros, e, alçando a voz, agradece á Providencia havel-o livrado dos perigos a que n'aquellas partes estivera exposto.

Commovida Venus das palavras do varão pio, ascende ao céo, e, subridente e ao mesmo tempo magoada, fala a Jupiter a favor dos portugueses.

VI

É deliciosissima a pintura que o poeta faz da Deosa; assimcomo não póde haver nada tam primoroso, nem tecido com tanto artificio oratorio, como o discurso que ella indereça a Jupiter:

Os crespos fios d'ouro se-esparziam
Pelo collo que a neve escurecia:
Andando as lacteas tetas lhe-tremiam
Com quem amôr brincava e não se-via:
Da alva petrina flammas lhe-saíam,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe-trepavam
Desejos que, como hera, se-inrolavam.

C'un delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo dos rôxos lirios pouco avaro:

Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe-põe deante aquellè objecto raro:
Já se-sentem no Céo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltractada,
Que se-queixa e se-ri n'un mesmo instante
E se-torna entre alegre magoada:
D'esta arte a Deosa, a quem nenhuma eguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as coisas, que eu do peito amasse,
Te-achasse brando, affavel e amoroso;
Postoque a algun contrario lhe-pesasse;
Mas, pois que contra mim te-vejo iroso,
Sem que t'o-merecesse, nem te-errasse;
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei, emfin, que fui mofina.

Este povo, que é meo, por quem derramo
As lagrymas que em vão caídas vejo,
Que assás de mal lhe-quero, pois que o-amo,
Sendo tu tanto contra meo desejo:
Por elle, a ti rogando, chôro e bramo,
E contra minha dita emfin pelejo.
Ora pois; porque o-amo, é maltractado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas morra, emfin, nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui.... E 'n isto de mimosa
O rosto banha em lagrymas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:

Calada un pouco, como se entre os dentes
Se-lhe-impedira a fala piedosa,
Torna a seguil-a: e, indo por deante,
Lhe-atalha o poderoso e gran' Tonante.
CANT. II, EST. 36, 37, 38, 39, 40 e 41.

Aqui tudo é admiravel! A comparação de Venus com a dama que, sendo em brincos amorosos maltractada do amante incauto, se-queixa e se-ri no mesmo instante, além de expressar un facto sobremaneira aprazente, observado nos humanos affectos, é inteiramente nova.

A persuasão que a Deosa finge de que Jove está, sem motivo, aggravado d'ella, e de que Baccho lhe-é mais acceito:

Aquella conformidade maliciosa:

Faça-se como Baccho *determina*,

que deve produzir no animo de Jove o effeito contrario, por lhe-despertar un sentimento de emulação:

O attribuir á sua mofina e falta de valimento o ver opprimido o povo que ella ama e a que chama *seo:*

A reticencia motivada por uma subita soffocação, tam propria de un despeito de mulher formosa que se-vê desattendida, e logo aquellas ardentes lagrymas com que *de mimosa* inunda o rosto... Tudo isto completa un etymo de belleza tam especial e superlativa, que não conhecemos tanto em Homero e Virgilio, como nos mais poetas da antiguidade, coisa que lhe-possa ser comparada.

A fala de Jupiter reune a mais sublime eloquencia á dignidade que é propria do Pae dos Deoses; sendo o es-

tilo d'esta fala persimile ao dos mais apparatosos discursos que na bocca do Tonante pôem os vates de Smyrna e Mantua.—E aqui se offereceu a Camões insejo opportuno de preconizar as proezas dos portugueses nas partes do Oriente.—Assimcomo Virgilio não desperdiçou occasião alguma de memorar os feitos portentosos dos romanos, tanto no que o velho Anchises relata a seo filho Enéas, quando este o-foi procurar aos Infernos; como na pintura do escudo que, a rogo de Venus, Vulcano fabricou para aquelle heróe: assim Camões, primeiro 'n esta fala de Jupiter: logo na extensa narração que o Gama faz ao rei de Melinde: depois na pintura das bandeiras das náus, e, por ultimo, no que Tethys declara ao mesmo Gama na ilha dos Amores, não desprezou a opportunidade de celebrar os feitos inclytos dos portugueses e de ingrandecer a gloria da sua patria.

Antes, porêm, de Jove inceptar o discurso, como sesentisse abalado e commovido do prancto de Venus, afaga carinhoso a Deosa, com o que ella augmenta os suspiros e as lagrymas; sendo maravilhosa a comparação que d'este lance faz o poeta:

> Como menino da ama castigado,
> Que, quem o-afaga, o chôro lhe-accrescenta.

Então falando o Nume Supremo, lhe-declara que ham de os portugueses descobrir a India, onde edificarão fortalezas e cidades: que alcançarão assignaladas victorias no mar Rôxo: que duas vezes ham de subjugar o reino de Ormuz: que, na mesma India, sustentarão apertados

cêrcos: tomarão Gôa e Diu, e que, emfin, por armas se-farão senhores de todo o Oriente.

E logo manda ao filho de Maia que vá indicar aos navegantes un porto seguro; e que, em sonhos, avise o Gama que não se-demore mais 'n aquella paragem.

Parte accelerado Mercurio, do qual o poeta faz uma breve, mas fiel descripção.—Leva comsigo a Fama para que em Melinde apregôe as maravilhas dos portugueses e os-faça alli desejados.—Transporta-se em seguida a Mombaça: apparece em sonhos a Vasco da Gama; diz-lhe quanto é perigoso aquelle porto: que fuja d'elle e que, mais a deante na mesma costa, achará un rei benigno que lhe-dará honesto gazalhado.

Dicto isto afasta o somno dos olhos do illustre capitão, que acorda maravilhado, e conhecendo o quanto lhe-releva não se-deter mais tempo juncto d'aquella barra inimiga, ordena ao mestre que largue velas ao vento.—'N essa mesma occasião, favorecidos da noite, tentavam os mouros picar as amarras das náus para que déssem á costa.—Sendo, porém, presentidos, á voga arrancada se-poseram em salvo.

Desfere entretanto as velas a armada e, depois de dois dias de navegação, em que os portugueses incontram dois navios de mouros dos quaes un, querendo evadir-se, dá á costa, e o outro se-lhes-intrega, chegam,emfin, a Melinde.

Devemos confessar que, em tudo quanto fica exposto, se-adstringiu o poeta demasiado á historia.—Todavia, ha já bastantes bellezas que admirar 'n estes dois cantos, que compõem a primeira parte do plano geral do poema, traçado, segundo vimos, pelo da Eneida.

VII

A chegada da frota a Melinde é pomposamente descripta:

Era no tempo alegre, quando intrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando un e outro corno lhe-aquentava
E Flora derramava o de Amalthea: [1]
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está subjeito,
O sello pôs a quanto tinha feito.

[1] Não é possivel representar mais poeticamente a conjuncção do sol com o signo de Tauro, a qual acontece no mês de abril, que é o tempo que o sublime Camões pretendeu designar. Todavia, Hieronymo Soares Barbosa, não intendendo nada de astronomia, julgou que era *o nascer do sol* que o poeta aqui descreve, e diz a tal proposito un tam ingente acervo de desconchavos, como, por desfastio, póde ver o leitor curioso a pag. 45 da sua *Analyse dos Lusiadas*.

Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde já se-via,
De toldos adornada, e leda de arte
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, vôa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Sôam os atambores e pandeiros:
E assi intravam ledos e guerreiros.

Havendo o Gama aportado a Melinde, invia-lhe o rei un refresco e ou:ro-sim rogar que desça em terra e se-utilize de tudo que de seo reino houver mister.—Da sua parte expede o Gama un embaxador a agradecer-lhe aquellas demonstrações benevolas e a pedir-lhe desculpa de não sair das náus, por lh'o-vedar o regimento que traz.

A fala que ao rei de Melinde dirige o embaxador é sobremodo eloquente e, em parte, imitada da que na Eneida faz o troiano Ilioneo á rainha de Carthago.

Constitue a dicta fala uma oração completa, que se-compõe de *exordio*. *narração*, *confirmação* e *peroração*.

No *exordio* procura captar a benevolencia do rei, invocando-o com louvor:

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado, que temido.

Este exordio é imitado do começo do discurso de Ilioneo:

> O regina, novam cui condere Jupiter urbem
> Justitiaque dedit gentes frenare superbas.
> ÆN. L. I. v. 522—523.

Mas muito melhorado com a idéa que alli se não incontra e se-contêm no verso:

> Não menos d'elle amado que temido,

a qual sobreleva grandemente o louvor.

Na estancia immediata começa a *narração:*

> Não somos roubadores que, passando
> Pelas fracas cidades descuidadas,
> A ferro e a fogo as gentes vam mactando,
> Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas.

O que é outra imitação do referido logar:

> Non nos aut ferro Lybicos populare Penates
> Venimus, aut raptas ad littora vertere prædas.

Proseguindo, faz-lhe saber que havendo os navegantes partido da Europa, é seo proposito descobrir a India.—Condemna a malvadez e a perfidia dos habitantes dos portos precedentes, que não só lhes-negaram hospitalidade, mas inda lhes-armaram ciladas para os-destruir.—E d'aqui tira assumpto para novamente elogiar o rei:

Mas tu, em quem mui certo confiámos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos
Que teve o perdido Ithaco em Alcino,
A teo porto seguro navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino;
Que, pois, a ti nos-manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

Passa depois a declarar-lhe o motivo porque não desimbarca e vai vêl-o o capitão da armada; motivo que procura justificar na *confirmação:*

E porque é de vassalos o exercicio,
Que os membros têem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tẽes de Rei o officio,
Que ninguem a seo Rei desobedeça.

E remata com esta elegante *peroração:*

Mas as mercês e o grande beneficio,
Que hora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo que elle e os seos poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

Este ultimo verso é imitado não já do discurso de Ilioneo; mas do que Enéas dirigiu á rainha Dido:

In freta dum fluvii current....
ÆN. L. I, v. 607.

O discurso do embaxador ao rei de Melinde é un dos mais ricos trechos dos Lusiadas, e, postoque imitado do

de Ilioneo em Virgilio, é-lhe indisputavelmente superior; porque, além de constituir uma oração completa, como já notámos, 'n elle se-guardam as devidas conveniencias, não contendo coisa alguma de censuravel; tal como a supposição offensiva e a ameaça feita pelo mencionado Ilioneo á rainha de Carthago:

> Si genus humanum et mortalia temnitis arma,
> At sperate Deos memores fandi atque nefandi.
> ÆN. L. I, v. 542—543.

Não só 'n este, mas 'n outros logares dos Lusiadas, imitou Camões a Virgilio; mas Camões imitando, conserva-se sempre original; porque o ser original não consiste em dizer o que nunqua ninguem dice; mas em expressar o que embora já foi dicto, de un modo novo e que ninguem possa imitar. [1]

Adduzamos d'isto un exemplo:

Depois do descobrimento da India, das Molucas, da China, do Japão e do Brasil, a admiração e o pasmo de tantas descobertas, que quasi comprehendiam a peripheria das tres maiores partes do globo, facilmente fariam dizer a qualquer que: se Deos houvera creado outros mundos, lá iriam os portugueses arvorar seos gloriosos estandartes.—É o que dice Barros que, de certo, não

[1] Le style original n'est pas celui qui n'emprunte rien de personne, mais celui qui personne ne peut imiter. On peut rester fort commun en n'écrivant que d'après soi. Chateaubriand, Genie du Christian. T. II.

foi o primeiro a quem esta idéa occurreu: «Certo grave e piedosa coisa de ouvir, ver uma nação a quem Deos deu tanto animo, que, se tivera creado outros mundos, já lá tivera mettido outros padrões de victorias.» [1] Mas Camões, dizendo isto mesmo, dice-o de un modo novo, conciso, e tam frisante, que passou mesmo a ser proverbial:

> Na quarta parte nova os campos ara,
> E, se mais mundo houvera, lá chegara.
> CANT. VII, EST. 14.

Á fala do embaxador responde o rei acceitando as desculpas do capitão e fazendo-lhe saber que no dia seguinte irá vizital-o.

Apenas alvorece a manhãa do dia seguinte, imbarca em uma almadia, toldada da sedas de diversas côres, accompanhado dos principaes do seo reino.—Em seos bateis lustrosamente guarnecidos, sáe o Gama a recebel-o no mar.—Do apparato e modo porque vinha vestido o rei de Melinde faz o poeta uma curiosa descripção; bemcomo do accompanhamento e vestuario do Gama.

Logoque se-incontram, entra o rei no batel do capitão; o qual lhe-dirige uma fala appropriada e eloquente, que termina com os seguintes versos que os eruditos não podem deixar de saborear, por acharem 'n elles gostosas reminiscencias da antiguidade:

[1] Dec. I, L. 4.º Cap. 11, fol. 81 v.

VIII

Incepta o Gama a narração, declarando que a-divide em duas partes:

> Primeiro tractarei *da larga terra:*
> Depois direi *da sanguinosa guerra.*

É, pois, da Europa onde está situado o reino de Portugal, cuja historia vai referir, que primeiro passa a dar noticia, para que assim se-adquira mais perfeita idéa do local que o dicto reino occupa 'n esta parte do globo.

A descripção da Europa faz-se admirar, quer seja considerada pelo lado da poesia, quer pelo da historia e geographia.

Sob este ultimo aspecto foi ella devidamente appreciada por Humboldt, un dos mais distinctos sabios da Allemanha; o qual não duvidou de classificar Luiz de Camões como pintor primoroso das scenas da natureza.

N un opusculo que ha poucos annos publicou o senr. conselheiro Joseph Silvestre Ribeiro, homem que honra a nossa terra, e a quem tributâmos particular estima, não só por sua illustração, mas inda pela summa probidade e modestia de que é dotado, procurou o seo digno auctor dar a conhecer o juizo que o sabio allemão na sua grande obra=*O Kosmos*=formou das descripções da natureza do cantor dos Lusiadas: juizo a que junctou as proprias considerações.—É, pois, do mencionado opusculo [1] que passâmos a transcrever o que alli se-incontra sobre a descripção scientifica da Eurcpa, por nos-parecer escripto com apurada critica.

«Mas não é só na descripção de phenomenos isolados que o poeta é grande pintor no conceito de Humboldt; Camões sobresáe egualmente em abraçar os grandes gruppos com un só lançar d'olhos.—*O terceiro Canto*, diz o sabio allemão, *reproduz com alguns traços a configuração da Europa, des de as mais frias regiões do norte até o reino da Lusitania e o estreito onde Hercules terminou o seo derradeiro trabalho, sem se-esquecer de ir alludindo aos costumes e á civilisação dos povos que habitam esta parte do mundo, tam ricamente disposta e constituida.*

«A descripção da Europa é na verdade uma obra prima no seo genero, un quadro de mão de mestre, que, ainda destacado do poema, seria muito apreciavel como thesouro de apurada sciencia, de admiravel pre-

[1] Intitula-se: Os Lusiadas e o Cosmos.

cisão philosophica e de primorosos traços no gosto da antiguidade classica:

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta septemtrional do Sol luzente,
E aquella, que, por fria, se-arrecea
Tanto, como a do meio, por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

«Assim rompe o poeta a descripção, a qual começa na Est. 6.ª e termina em a 20.ª—O que a Humboldt muito agrada é o admiravel arrojo com que o poeta characteriza de uma só pincelada os diversos paizes.—Quando Camões quer pintar as regiões hyperboreas, a sua Musa lhe-inspira estes versos:

Aqui tam pouca força têem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

«Em duas estancias abrange todos os povos do norte da Europa, juntando-os a largos traços, e assignalando os seos characteres com alguma indicação significativa:

Hagora 'n estas partes se-nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega,
Escandinavia ilha, que se-arrea
Das victorias que Italia não lhe-nega:

Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado hynverno, se-navega
Un braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

Entre este mar e o Tanais vive extranha
Gente, Rhuthnos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia os Marcomanos sam Polonios.
Subjeitos ao imperio de Allemanha
Sam Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações que o Rheno frio
Lava e o Danubio, Amásis e Albis rio.
CANT. III, EST. 10—12.

«Quando Camões quer memorar os deliciosos campos da Grecia, a sua rica e sabia phantasia lhe-suggere un dizer sentencioso que acorda na alma do leitor as reminiscencias da antiga historia d'esse paiz incantador:

E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, ingenho e ouzadia,
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia,
Com que tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas que por lettras.

«Quando Camões fala de Veneza, os breves traços com que a-desenha appresentam, não só uma imagem da romantica cidade do Adriatico, mas tambem uma idéa da sua historia:

..... E no seio
Onde Antenor já muros levantou,

A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tam baxa começou.

«Vejamos a descripção da Italia:

Da terra un braço vem ao mar, que cheio
De exforço nações varias subjeitou;
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos ingenhos, que na espada.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o exforço veiu, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade:
Tanto Deos se contenta de humildade!

«Esta descripção é primorosa, não só geographicamente, mas tambem debaxo do poncto de vista politico. É admiravel o modo ingenhoso porque o poeta appresenta o contraste da Italia dos antigos romanos, a Italia dos Cesares, com a Italia dos tempos modernos, a Italia catholica. Aquella cheia de vida e exforço, subjeitando o mundo ao seo dominio, e povoada por uma raça forte, não menos famosa pelo ingenho que pela guerra; esta perdendo os antiga brios, as disposições bellicosas e o poder dos passados tempos, *des de que tem o Porteiro divino.*»

IX

Depois de dar noticia de Gallia e de Hispanha, passa o poeta a descrever o reino Lusitano, que não devemos confundir com a antiga Lusitania, postoque comprehenda uma grande parte d'ella:

Eis aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se-acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Este quis o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

A estes bellos versos juncta logo os seguintes, cheios de saudosa melancolia:

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me-dá, que, sem perigo,
Torne com esta impresa já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo.

Ao ler estes versos, que se-referem a Vasco da Gama é a expedição que imprehendera, vem naturalmente á idea referil-os ao poeta e á composição dos Lusiadas; sendo de crer que, se, concluido o poema, lhe-fosse dado tornar a ver a patria que tanto amava, por si dicesse:

Acabe-se esta luz alli commigo.

Começando a historia de Portugal, remonta-se aos tempos fabulosos de Luso; recorda Viriato; passa a tractar do conde Dom Henrique, e logo do primeiro Affonso, fundador da monarchia, de quem refere as grandes cavallarias contra os saracenos; conta o desimpenho da palavra dada por Egas Moniz ao rei de Castella, e relata a batalha de Ourique e a estupenda apparição de Christo a Dom Affonso Henriques, em cuja bocca põe estes versos:

Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim que creio o que podeis;

os quaes sam un verdadeiro quináu dado ao mesmo Christo, de que, todavia, os milagreiros se-regozijam muito.

Refere Camões não só esta, mas, como ao deante veremos, outras tradições das que em toda a parte incontram fé e se-perpetuam nas crenças populares; do mesmo modoque practicaram Apollonio Rhodio e Virgilio.— Este ultimo, invocando as Musas para narrar a transformação das náus de Enéas em Nymphas equóreas, não deixa de alludir a esta circumstancia:

..... O Musæ.....

.....

Dicite: prisca fides facto, sed fama perennis.

ÆN. L. IX, v. 77—79.

Fôra, porém, melhor que Virgilio omittisse este episodio, que é, na verdade, de máo gosto.

Prosegue Camões, pintando com côres fieis e proprias o retrato de cada un dos nossos reis, até Dom Manuel, que foi o que commetteu o descobrimento da India a Vasco da Gama; e sendo este o narrador da historia, é claro que não podia ir com ella além do seo tempo.

Observaremos (e é o que nos parece não ter sido até hoje notado,) que un dos grandes meritos de Camões consiste na fidelidade com que desenha com traços breves e characteristicos o retrato de cada un dos heróes da nossa historia; [1] e 'n isto leva a palma a Virgilio, que pintou frouxamente os characteres dos heróes do seo poema.

[1] Camões, além de delinear com traços characteristicos os retratos dos nossos reis, desenha egualmente os de muitos varões insignes que honraram a patria, dos quaes fórma uma extensa galeria; taes sam: os de Veriato, C. III E. 22 e VIII-6.ª;—Sertorio VIII-6.ª e seg.;—Egas Moniz III-38 e seg.; VIII-13.—Dom Fuas Roupinho VIII-16 e seg.;—Mem Moniz VIII-20;—Geraldo *Sem Pavor* VIII-21;—Dom Paio Correia VIII-26;—Gonçalo Ribeiro VIII-27;—Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira IV-14 e seg. VIII-28 e seg.;—Mem Rodrigues de Vasconcellos IV-24;—Antão Vasques de Almada IV-25;—Magriço VI-53 e seg.;—Alvaro Vaz de Almada VI-69;—Rui Pereira VIII-34;—Gil Fernandes, ibid.—Pero Rodrigues VIII-33;—Conde Dom Pedro de Menezes VIII-38;—Conde Dom Duarte de Menezes, ibid.;—Infante Dom Pedro VIII-37;—Infante Dom Henrique, ibid.;—Infante Dom Fernando IV-52;—Manuel de Sousa de Sepulveda VIII-26 e seg.;—Fernão de Magalhães II-55; X-140;—Duarte Pacheco X-12 e seg.;—Pedro da Nhaia X-94;—Dom Francisco de Almeida V-45, X-26, 33 e seg.—Dom Lonrenço de Almeida X-26 e seg.—Tristão da Cunha X-39;—Affonso d'Albuquerque X-40 e seg.;—Lopo Soares de Albergaria X-50 e seg.;—Dom Duarte de Menezes X-53;—Dom

X

Historiando o reinado de Dom Affonso IV, no qual succedeu a invasão de Hispanha pelo rei de Marrocos, colligado com o de Granada e com outros reis mouros almoades, narra que, temendo elrei de Castella ser por elles desbaratado e vir a perder o throno, invia a rainha Domna Maria, sua mulher, a pedir soccorro ao monarcha português, seo sogro.—A intrada da rainha nos paços regios e a fala que indereça a elrei seo

Henrique de Menezes X-54 e seg.;—Dom Pedro Mascaranhas X-56 e seg.;—Lopo Vaz de Sampaio X-59;—Heitor da Silveira X-60;—Dom Nuno da Cunha X-61;—Dom Garcia de Noronha X-62;—Antonio da Silveira, ibid.;—Dom Estevão da Gama, ibid.;—Martin Affonso de Sousa X-63;—Dom Johão de Castro X-67 e seg.;—Dom Fernando e Dom Alvaro de Castro X-70;—Dom João Mascaranhas X-69.

Alguns dos characteres d'estes heróes sam apenas designados com un só *qualificativo;* v. gr.

> Un Pacheco *fortissimo* e os *temidos*
> Almeidas. . . . . .
> Albuquerque *terrivel*, Castro *forte.*

pae, é outro trecho de sublime poesia que não podemos deixar de transcrever:

Intrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seos olhos em lagrymas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Deante do pae ledo, que a-agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e extranha,
O gran' Rei de Marrocos conduziu,
Para vir possuir a nobre Hispanha:
Poder tammanho juncto não se-viu,
Depois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle, que me-deste por marido,
Por defender sua terra amedrentada
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Ver-me-has d'elle e do reino ser privada,
Viuva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Molucha se-congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella:

Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pae o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, Pae, que, senão corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.
CANT. III, EST. 102, 103, 104, 105.

Este discurso é un primor de poesia e de oratoria.— Não tem exordio, começando a rainha *ex abrupto*, como é adequado á vehemencia dos affectos.—Exaggera a multidão e a ferocidade do exercito invasor, ao qual antepõe o pequeno poder do rei de Castella, menos proprio para resistir-lhe, do que para ser por elle sacrificado; com o que em poucos versos nos-appresenta uma perfeita enargueia:

Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da maura espada.

Expõe em seguida as consequencias previstas de não alcançar o soccorro que implora para elrei seo marido:

Ver-me-has d'elle e do reino ser privada.

Na peroração invoca o monarcha de maneira propria a conciliar-lhe a benevolencia, representando-o timivel aos mouros:

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Molucha se-congela.

e, por ultimo, a excitar-lhe a commiseração:

Acude e corre, Pae, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem soccorres.

A fala da rainha Domna Maria, tem, como já n' outra parte notámos, a pomposa magnificencia do genero classico, e accrescentaremos que não só este discurso, mas todos os que Luiz de Camões põe na bocca dos seos heróes, em nada cedem aos mais bellos do vate de Smyrna; opinião, que podemos corroborar com a de un escriptor extrangeiro que de certo não foi mordido pela Inveja. [1]

Offerece-nos logo o poeta uma bellissima pintura do exercito português posto em campo e marchando contra os saracenos:

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vam coalhados:
Lustra co' o sol o arnês, a lança, a espada,
Vam rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta imbandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Outra pintura, não menos bella, nos-offerece o poeta da batalha de Tarifa, em que o monarcha português, havendo desbaratado o rei mouro de Granada, vai dar soccorro ao de Castella, ficando ambos vencedores no campo.

[1] Les discours que le Camouens mêt dans la bouche de ses héros ne le cédent point aux plus beaux d'Homère.—Ses descriptions sont sublimes et ses images pleines de noblesse et de vérité. Le Chevalier de Mahegan, Tableau de l'Hist. Modèrne.

XI

Foi depois de haver regressado Dom Affonso IV d'esta guerra em que, por ventura, habituara o animo ás mais horrorosas scenas de canificina, que ordenou a morte da formosa e innocente Domna Ignês de Castro.

O episodio em que o poeta nos pinta os amores e o tragico fin da malfadada amante de Dom Pedro, assume as proporções do drama terrivel e pathetico.

E é no pathetico, 'n aquillo em que realmente sobresáe e refulge o merito incontestavel de Virgilio que Luiz de Camões póde disputar-lhe honrosa competencia.

Se analysarmos a Eneida, não deixaremos de descobrir-lhe notaveis defeitos.—Do principal objecto, que é a origem e a fundação de Roma, só tracta o poema nos seis ultimos livros; sendo, por isso, taxado de conter uma dupla acção: os characteres que o poeta descreve sam mal traçados; e os costumes nem sempre exemptos

de censura.—Mas a Eneida é admiravel pelo estilo e, sobre tudo, pelo pathetico.

Fazendo comparação de Tasso com Virgilio, é pelas ternas commoções da alma, expressas com uma verdade que nos-arranca suspiros e lagrymas, que Chateaubriand conferiu a este ultimo a merecida preferencia. [1]

Foi, com effeito, Virgilio dotado de uma sensibilidade extrema; o que nos-manifesta no bellissimo episodio das Georgicas em que descreve a descida de Orphéo aos Infernos para d'alli trazer a formosa Eurydice; e, sobre tudo, na descripção dos amores infelizes de Dido com Enéas, os quaes nos-diz o proprio bispo de Hippona que, lendo-os, em menino, o-faziam chorar. [2]—E', sobremodo internecedora a scena que o poeta nos-representa do incontro que nos Infernos teve Enéas com a rainha Phenissa, a quem involuntariamente causara a morte. Vendo-a o heróe Troiano derrama lagrymas ardentes, e diz-lhe com a mais doce expressão de amor:

Infelix Dido, verus mihi nuntius ergo
Venerat exstinctam, ferroque extrema secutam!
Funeris heu! tibi causa fui! Per sidera juro,
Per Superos, et si qua fides tellure sub ima est,
Invitus, regina, tuo de littore cessi.

[1] On ne balancerait plus sur la place que le poète italien doit occuper, s'il avait une seule de ces graces reveuses, qui rendent si doux les soupirs du Cygne de Mantoue; car il lui est très superieur dans les caractères, les batailles. et la composition.—Mais le Tasse est presque toujours faux quand il fait parler le cœur; et comme les traits de l'âme sont les véritables beautés, il demeure necessairement au dessous de Virgile. Genie du Christian. Tom. II.

[2] Confess. Lib. I, Cap. 13.

Sed me jussa Deum, quæ nunc has ire per umbras,
Per loca senta situ cogunt, notemque profundam,
Imperiis egere suis; nec credere quivi
Hunc tantum tibi me discessu ferre dolorem.
Siste gradum, teque adspectu ne subtrahe nostro.
Quem fugis? extremum fato, quod te alloquor, hoc est.
ÆN. L. VI, v. 456—466.

Dido fica immovel; não se-deixa commover, nem lhe-responde; mas olha-o de soslaio, *torva tuentem*; e 'n isto, além do pathetico, nos-mostra Virgilio un perfeito conhecimento do coração humano.—Como, sendo ella mulher, não teria a curiosidade de ver ainda uma vez aquelle por quem de amor se-mactara?!

É, pois, no que Virgilio mais sobresaiu e primou, que o-imita e lhe-póde ser comparado Luiz de Camões. [1]

Para que a catastrophe lastimosa de Domna Ignês offereça mór contraste com os dias tranquillos e de ventura que ella passava nos campos do Mondego, começa o poeta com ingenhoso artificio por descrever a felicidade d'aquelles dias de remanso que se-lhe-deslisavam no inlevo do amor do principe que tanto a extremecia:

[1] Joseph Agostinho de Macedo, o zoilo audaz que concebeu o louco projecto de compôr un poema que eclipsasse os Lusiadas, como fosse destituido dos dotes naturaes que constituem un grande poeta, alheio a todos os sentimentos generosos, repassado de egoismo, de inveja, de rancor, e, sobre tudo, homem *sem coração*, não poderia nunqua rivalizar com Camões, que, além do seo grande genio, era dotado de uma sensibilidade profunda e de uma suave melancolia que tanto nos-incanta em seos versos harmoniosos.—Os de Joseph Agostinho, ao invez, sam duros, monotonos, tenebrosos, recendem ao gosto monastico, e, não raro, degeneram no ton declamatorio que contrahira na frequencia do pulpito.—A anecdota que passámos a referir, confirma, por certo, o juizo que do celebre detractor de Camões acabamos de expôr:

Achando-se Bocage accommettido da perigosa infermidade de que veiu

Estavas, linda Ignês, posta em socego,
De teos annos colhendo doce fruito,
'N aquelle inganno da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teos formosos olhos nunqua inxuito,
Aos montes insinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

De teo principe alli te-respondiam
As lembranças que 'n a alma lhe-moravam,
Que sempre ante teos olhos te-traziam
Quando dos teos formosos se-apartavam:
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam:
E quanto, emfin, cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alègria.

Do quadro aprazivel d'esta ventura passa o poeta por uma rapida, mas natural transição, a referir o caso infando da morte da miserrima Ignês:

De outras bellas senhoras e princezas
Os desejados thálamos injeita;
Que tudo, emfin, tu, puro Amor, desprezas,
Quando un gesto suave te-subjeita.

a fallecer, todos os poetas contemporaneos lhe-indereçaram poesias encomiasticas que expressavam os votos que faziam por que houvesse de melhorar e restabelecer-se.—Foi por esta occasião que Joseph Agostinho lhe-inviou a poesia que começa:

Trôou no seio da abalada Terra
Trovão medonho, que bramiu tres vezes.

Lida a poesia, dice Bocage para os amigos que lhe-rodeavam o leito:—*Não vos-parece que estes versos são feitos á morte do Redemptor? Pois estais enganados: sam á infermidade de un poeta que se chama Bocage.*

Vendo estas namoradas extranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignês ao mundo determina;
Por lhe-tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina
Mactar do firme amor o fogo acceso.

Representa-nos Camões haver sido Domna Ignês conduzida perante Affonso IV, e que, 'n esse acto, un dos barbaros conselheiros do rei lhe-ligava as mãos; no que manifestamente se-afastou do que é constante da historia:

Para o ceo crystalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos,
Os olhos; porque as mãos lhe-estava atando
Un dos duros ministros rigorosos.

Fel-o, porém, decerto, assim, para que a scena se-tornasse mais pungente e pathetica, imitando 'n este logar o que Virgilio refere de Cassandra:

Ecce trahebatur passis Priamcia virgo
Crinibus a templo Cassandra adytisque Minervæ,
Ad cœlum tendens ardentia lumina frustra,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.
ÆN. L. II, v. 403—406.

Não se-dá, porém, no caso de Domna Ignês a impossibilidade da circumstancia que notâmos no de Cassandra em Virgilio.—Camões diz que foi a amante do prin-

cipe Dom Pedro levada á presença do rei, mas não declara se foi de dia, ou de noite. E quando mesmo se presuma ter sido de noite, devemos suppôr que o monarcha estivesse 'n uma sala bastantemente illuminada para que os circumstantes podessem ver a desditosa Ignês levantar os olhos ao ceo.—Em Virgilio o caso passa-se de outro modo. Cassandra era levada pelos gregos com as mãos atadas por entre a confusão e o tumulto de uma cidade invadida pelos inimigos na *obscuridade* da noite:

> Multaque *per cæcam* congressi prelia *noctem*
> Conserimus.....
>
> ÆN. lb. v. 397.

Como era, em tal caso, possivel que alguem conseguisse ver Cassandra alevantar, ou abaxar os olhos, se mesmo é difficil de conceber que ella podesse então ser conhecida; tanto mais que levava os cabellos derrubados, *passis crinibus*, que deviam occultar-lhe o rosto? [1]

Chegada Domna Ignês á presença de Affonso IV, dirige-lhe uma fala internecedora em que allega não ter culpa de haver captivado o coração do principe, e lhe-expõe a triste orphandade em que por sua morte, ficarão os filhinhos que lhe-appresenta.—Esta fala é sobremodo pathetica, e sómente se-lhe-notam alguns trechos

[1] Notâmos estes defeitos em Virgilio para tapar a bocca aos invejosos e malevolos que dizem que só em Camões se-incontram; quando, aliás, não sam poucos os que poderamos patentear do celebre Mantuano se d'isso nos-resultasse alguma gloria, como elles julgam adquirir em menoscabar o primeiro épico dos tempos modernos, e em deprimir a honra nacional.

de erudição, impropria de uma dama que se-vê n' um transe de suprema agonia.

As duas ultimas estancias d'este episodio transfundem 'n alma uma saudade e melancolia ineffaveis:

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzela,
Seccas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva côr co' a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram:
O nome lhe-poseram, que inda dura,
Dos amores de Ignês, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores;
Que lagrymas sam agua e o nome amores.

CANT. III, EST. 134—135.

A bella ficção das lagrymas das filhas do Mondego, pela morte de Domna Ignês transformadas em fonte, como se-contêm na ultima estancia, foi imitada de Apollonio Rhodio.—A imitação, é, porém, mui superior ao original, como imos ver na traducção de J. M. da Costa e Silva:

Nem Clite, a esposa, seo esposo extincto
Deixar quer; juncta ao mal outro mais triste

E a cerviz deu a un laço: a morte sua
Dos bosques choram as sensiveis Nymphas,
E as derramadas lagrymas tornaram
Em fonte pura que appellidam Clito,
Do nome illustre da infeliz esposa.

Os ARGON. L. 1, p. 35.

XII

Proseguindo o poeta a narrativa, e chegando ás alterações que, por morte de Dom Fernando, se-deram na regencia impopular da rainha Domna Leonor, conta como foi acclamado Dom Johão I.—E aqui nos representa o vulto Homerico do Condestavel, e o gesto pugnacissimo com que, collidido em seos sentimentos patrioticos, arrosta impavido e ameaça em violenta allocução, e em phrase rude e improperante os que vacillavam entre o partido do Mestre de Avís e o do rei de Castella:

Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes dice
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

Como da gente illustre portuguesa
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como d'esta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,

Ha de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a fé, o amor, o exforço e arte
De Português, e por nenhun respeito
O proprio reino queira ver subjeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaxo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes
Venceram esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira
Que septe illustres condes lhe-trouxeram
Presos, a fóra a preza, que tiveram?

Com quem foram contino soppeados
Estes, de-quem o estaes hagora vós,
Por Dinís e seo filho sublimados,
Senão co' os vossos fortes paes e avós?
Pois, se com seos descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assi vos-pós,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que, co' o Rei se-muda o povo.

Rei tendes tal, que, se o valor tiverdes
Egual ao Rei, que hagora alevantastes,
Desbaratareis tudo o, que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E, se com isto, emfin, vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio
Que eu só resistirei ao jugo alheio:

Eu só com meos vassalos e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunqua de outrem subjugada:

Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meo Rei forem contrarios.
CANT. IV, EST. 14, 15, 16, 17, 18 e 19.

O retrato do Condestavel, ao passo que o-representa ao natural em seo inabalavel exforço e brios patrioticos, tem todos os traços characteristicos dos heróes Homericos.—'N elle achâmos a mesma rudeza nas palavras, e o mesmo arrebatamento injurioso do proprio Ajax Oiléo.

Partindo Dom Johão I de Abrantes contra as hostes invasoras de Castella, offerece-nos o poeta un primoroso quadro da trepidação das damas ao verem perpassar o exercito portuguès que avança para a peleja que vai travar-se nos campos de Aljubarrota.

Sabemos que em todo o quadro, ou pintura propria para produzir un grande effeito, a mais importante coisa que se-requer, é que não tenha circumstancia alguma inutil, e que todas se-achem em seo devido logar; porque, tudo quanto não contribue para o effeito final, só serve de infraquecel-o.

Este preceito acha-se rigorosamente observado na seguinte estancia:

Estavam pelos muros temerosas,
E de un alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãas, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,

Que com grita grandissima os-recebem
E todas grande duvida concebem.
CANT. IV, EST. 26.

Aqui nada sobeja e nada falta; e note-se a novidade da expressão *alegre medo*, que pinta com tanta propriedade o estado do animo das damas, que junctamente se-alvoroça na esperança da victoria e liberdade dos que lhes-sam conjunctos, e no temor de os-ver perecer pelo ferro dos aggressores.

O signal para romper a peleja sôa horrendamente, e repercute-se ao longe infundindo geral terror:

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso:
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
A trás tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães, que son terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.
CANT. IV, EST. 28.

N esta estancia ha duas imitações de Virgilio; sendo a primeira a da trombeta que despede o son de guerra:

.... Bello da signum rauca cruentum
Buccina.....
ÆN. L. XI, v. 474 e seg.

A segunda é a do effeito produzido pelo clangor do instrumento bellico:

.....Protinus omne
Contremuit nemus, et silvæ intonuere profundæ:
Audiit et Triviæ longe lacus; audiit amnis
Sulfurea Nar albus aqua, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressere ad pectora natos.

IBID. L. VII, v. 514 e seg.

De Apollonio Rhodio copiou Virgilio este logar; assimcomo outros o-copiaram de Virgilio, ou do mesmo Apollonio.

Descreve o poeta a batalha de Aljubarrota, pondo-nos ante os olhos as differentes peripecias da peleja, que rompe de ambas as partes com tiros de arremeço, seguidos logo de furiosas cargas de cavallaria:

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros vôam:
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles sôam:
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
Quedas co' as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os-apouca.

CANT. IV, EST. 31.

Pintando Camões o aperto em que foi posto o Condestavel, representa-o semelhante ao leão que, cercado dos cavalleiros de Seuta que o-investem com as lanças, se-mostra imperterrito; formoso simile que não só realça o exforço do magnanimo defensor de Dom Johão I, mas junctamente nos-recorda as distracções dos portuguezes na época que logo se-inaugurou das nossas conquistas em Africa; distracções que consistiam em

caçar liões nas fundas devesas e nos fraguedos impervios ás abas do Atlante. [1]

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros
Tantos dos inimigos a elles vam:
Está alli Nuno, qual pelos oiteiros
De Seuta está o fortissimo lcão,
Que cercado se-vê dos cavalleiros,
Que os campos vam correr de Tetuão:
Perseguem-no co' as lanças; e elle iroso
Torvado un pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os-vê; mas a natura
Ferina e a ira não lhe-compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se-arremeça, que recrecem.
Tal está o cavalleiro que a verdura
Tinge co' o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seos; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Este simile, imitado de outro de Virgilio, L. IX, v. 792, não só exhibe egual víveza e propriedade; mas é de mais aquilatado preço por ter uma côr local.

Corre Dom Johão I a soccorrer o Condestavel na affronta em que era posto; e exhortando os cavalleiros que o-seguiam, dirige-lhes estas palavras que nos-insinam o modo porque havemos de defender e conservar a nossa independencia nacional:

[1] Vid. Souza, Ann. de Dom Johão III, P. I, L. 5.º C. 5.º

Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhun se-egnala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

CANT. IV, EST. 37.

A batalha de Aljubarrota, como todas as que nos Lusiadas se-acham descriptas, é representada com a expressão da verdade de quem mais de uma vez se-viu e exercitou nas pugnas de Marte.—E ainda 'n isto se-avantaja Camões ao poeta latino, que em pinturas de batalhas apenas consegue promover mediano interesse.

XIII

Depois de narrar a victoria de Aljubarrota e outros eventos posteriores, chega o poeta a tractar do descobrimento da India, cujo projecto teve inicio no reinado de Dom Johão II.—Então refere como andando seo successor, elrei Dom Manuel, preoccupado com a idéa de dar execução áquelle grande commettimento, estando uma noite deitado em seo leito, lhe-appareceram em sonho os dois famosos rios Indo e Ganges, a fin de o-persuadirem a mandal-os descobrir.

A descripção dos mencionados rios sob as fórmas de dois velhos venerandos, é conforme ás ficções da mythologia pagãa; sendo a figura do Ganges, por ter mais dilatado curso que o Indo, propriamente representada; por indicar o cansaço de quem ha percorrido mór extensão de caminho:

D'ambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Un d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha.
CANT. IV, EST. 72.

O motivo pelo qual os dois illustres rios, que em seo curso abrangem todo o territorio Indico, se-appresentam a elrei Dom Manuel, é altamente glorioso para o monarcha e, por conseguinte, para a nação que elle representava; objecto que o poeta se-propôs, e que nunqua deixa de ter em vista:

Nós outros, cuja fama tanto vôa,
Cuja cerviz bem nunqua foi domada,
Te-avisámos, que é tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.
CANT. IV, EST. 73.

Assimque Dom Manuel se-desprende dos braços de Morpheu, impressionado pelo mirifico sonho, ordena que se-apparelhe a armada que deve ir ao descobrimento da India, e confere o mando supremo d'ella a Vasco da Gama.

As palavras com que o monarcha lhe-participa a eleição que d'elle ha feito para executar aquelle audaz commettimento, sam ponderosas e dignas da magestade de un grande rei:

E com rogo e palavras amorosas,
Que é un mando nos reis que a mais obriga,
Me-dice: As coisas arduas e lustrosas
Se-alcançam com trabalho e com fadiga:

Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se-perde e que periga;
Que, quando ao medo infame não se-rende,
Então, se menos dura, mais se-extende.

Eu vos-tenho entre todos escolhido
Para uma impresa, qual a vós se-deve:
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos-será leve.
CANT. IV, EST. 78—79.

Prestes as náus a desferir velas, ostentam-se no Tejo imbandeiradas com soberba galhardia:

Nas fortes náus os ventos socegados
Ondêam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.
IBID. EST. 85.

No acto de suspender ferro a armada, as lagrymas e os clamores das mães e das esposas, que vêem partir os filhos e os maridos para tam longa e arriscada navegação, offerece un dos quadros mais patheticos dos Lusiadas:

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
D'esta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará penoso e amaro:
Porque me-deixas misera e mesquinha?
Porque de mi te-vás, ó filho caro,
A fazer o funereo interramento,
Onde sejas dos peixes mantimento?

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis amor que viver possa,
Porque ís aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por un caminho duvidoso,
Vos esquece a affeição tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que, com as velas, leve o vento?

'N estas e 'n outras palavras, que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos exforço põe a edade.
Os montes de mais perto respondiam
Quasi movidos de alta piedade:
A branca area as lagrymas banhavam,
Que em multidão com ellas se egualavam.

CANT. IV, EST. 90, 91, 92.

Aqui teve o poeta occasião de introduzir un velho venerando a vociferar contra a temeraria impresa a que a armada se-destinava.

Na prosopeia do velho resumem-se as principaes razões e os argumentos que alguns politicos do tempo expendiam contra aquelle grande commettimento: razões e argumentos que consistiam em que o reino se-despovoaria em guerras e conquistas longiquas, ao passo que se-deixava criar ás portas o inimigo, que fôra mais util combater e debellar.

Representando a armada já de foz em fóra, põe-nos o poeta ante os olhos o bellissimo panorama que de bordo se-descobre e que insensivelmente se-vai perdendo da vista até que de todo desapparece no horisonte:

Já a vista pouco e pouco se-desterra
D'aquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o claro Tejo e a fresca serra
De Cintra, e n' ella os olhos se-alongavam:
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam:
E já depois que toda se-escondeu,
Não vimos mais, emfin, que mar e ceo.

CANT. V, EST. 9.ª

Então começa a descripção da longa rota maritima em torno da costa de Africa.

XIV

A narrativa da viagem do Tejo a Melinde, que o poeta põe na bocca do Gama, é exornada de interessantes noções geographicas e astronomicas, de quadros maritimos, de scenas dos costumes dos povos da Africa onde os nautas desimbarcaram e de admiraveis episodios, entre os quaes avulta o do Gigante Adamastor.

A descripção da tromba marinha foi sobremaneira elogiada por Humboldt, avaliador competente da exacção e fidelidade com que aquelle maravilhoso phenomeno se-acha representado nos Lusiadas, e que é como passâmos a transcrever:

> Não menos foi a todos excessivo
> Milagre, e coisa, certo, de alto espanto
> Ver as nuvẽes do mar com largo cano
> Sorver as altas aguas do oceano.

Eu o-vi certamente (e não presumo
Que a vista me inganuava) levantar-se
No ar un vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
D'aqui levado un cano ao polo summo
Se-via, tam delgado que inxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvẽes parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que un largo mastro se-ingrossava:
Aqui se-estreita, aqui se-alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si xupava:
Estava-se co' as ondas ondeando;
Em cima d'elle ũa nuve.n se-espessava.
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual rôxa sanguisuga se-veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente
Bebendo a-recolheu na fonte fria)
Fartar co' o sangue alheio a sede ardente:
Xupando, mais e mais se-ingrossa e cria,
Alli se-enche e se-alarga grandemente:
Tal a grande columna, inchendo, augmenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

Mas depois que de todo se-fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo ceo chovendo emfin vôou;
Porque co' a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.

Vejam hagora os sabios na escriptura
Que segredos sam estes da natura.
CANT. V, EST. 18, 19, 20, 21, 22.

O episodio do Gigante Adamastor é a ereação altissima do mais feliz e portentoso ingenho; e tanto mais admiravel que d'ella não incontrou Camões modelo algun, quer nos auctores contemporaneos, quer em todos os que se-conhecem da antiguidade.

Joseph Agostinho de Macedo, o malevolo detractor de Luiz de Camões, diz que o mencionado episodio é o maior dos disparates, e exforça-se por provar que a idéa do Gigante não é invenção do poeta.—Não soube o zoilo usar da critica velhaca que lhe-era propria e que, 'n este caso, lhe-fôra mister para disfarçar-se; porquanto pretendendo deprimir Camões, se realmente intendesse que a invenção era un absurdo, não devera attribuir a outro a originalidade d'ella; mas exclusivamente ao auctor dos Lusiadas.

O Gigante Adamastor figura ser o arbitro das tempestades e dos furiosos ventos, que sam proprios dos mares confinantes do Cabo a que os nautas deram o nome de *Tormentorio;* mas que submettidos, por esta bella ficção, ao dominio do Gigante, fazem d'elle o guarda espantoso da paragem por onde os navegantes ham de de forçosamente passar para chegarem á India.

Já se-vê que a invenção do Adamastor foi inspirada por uma particularidade local; o que desde logo afasta toda a suspeita de imitação.—É, porém, a menos admissivel a que julgou achar-lhe o mesmo Joseph Agos-

tinho, que insinua ser a idéa do Gigante copia da Imagem plangente da patria, que, na passagem do Rubicon, appareceu a Julio Cesar, segundo inventou Lucano, e se-lê no Livro I da Pharsalia.

Escusado é dizer que a pretendida imitação não tem paridade alguma.

Voltaire que, em tacto fino, discernimento e bon gosto, valia quarenta vezes o ex-frade Joseph Agostinho, e que, 'n este caso, é insuspeito, tractando da ficção do Adamastor, não só a-acha maravilhosa e original, mas diz que terá acceitação em todos os tempos e entre todas as nações. [1]

A apparição do Adamastor aos nautas, quando a armada dobrava o Cabo Tormentorio, é precedida de uma nuvem negra que assombra os ares.—O oceano agita-se tempestuosamente e brame de un modo sinistro que infunde terror:

> Bramindo o negro mar de longe brada,
> Como se désse em vão n' algun rochedo.

Então apparece a figura do Gigante descompassada, monstruosa, ameaçadora; e logo fala aos navegantes:

> C'un ton de voz nos-fala horrendo e grosso,
> Que pareceu sair do mar profundo:
> Arrepiam-se as carnes e o cabello
> A mi, e a todos, só de ouvil-o e vêl-o.

[1] Essai sur la Poes. Épique, Chap. VI. Œuvr. Compl. T. II, pag. 367, Ed. de Paris, 1859.

E dice: Ó gente ouzada mais, que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunqua repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meos longos mares ouzas,
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho
Nunqua arados de extranho, ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhun grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teo sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas náus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas.

CANT. V, EST. 40, 41.

É, pois, o guarda do Cabo, o Gigante terrivel a quem obedecem as tempestades, que apparece e fala aos nautas, prognosticando-lhes os naufragios e as tremendas catastrophes que alli ham de experimentar os futuros navegadores.

Como elle fosse enumerando uns após outros os desastres que preparava aos que sulcassem aquellas ondas, e não satisfeito de relatar o caso lastimoso de Domna Leonor de Sá, se-disposesse a proseguir, o-atalha o Ga-

ma e lhe-inquire quem é?... Comquanto magoado da pergunta, não duvída o Gigante responder-lhe, e diz:

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamaes vós-outros Tormentorio,
Que nunqua a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio e quantos passaram foi notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
'N este meo nunqua visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se-extende,
A quem vossa ouzadia tanto offende.
CANT. V, EST. 50.

'N esta estancia vemos habilmente desenhada a configuração da parte do territorio Africano que se-prolonga e estreita para o sul, até terminar no famoso Cabo onde se levanta o promontorio em que foi transformado o Gigante; o qual, como bem se-deprehende, não é propriamente o que apparece aos nautas; mas o phantasma, ou o espectro d'elle.

A idéa poetica do Gigante deu logar a outra bella ficção, que é a dos amores que elle pretendeu ter com a Deosa Thetis, de quem foi amargamente escarnecido. —Depois de contar estes amores, prosegue dizendo, como em castigo da guerra que movera contra os Deoses, foi por elles convertido no promontorio que jaz sobranceiro áquelle Cabo.—Então desfaz-se a nuvem; sôa o mar com un bramido que retumba ao longe e desapparece o phantasma.

Tudo isto é bello e, além de bello, tem uma supposta

razão de ser; o que se não dá no episodio do Gigante Poliphemo de Virgilio.

Descripta a passagem do Cabo Tormentorio, conta o Gama os successos que decorreram até que a armada aportou a Melinde; sendo a ultima parte d'estes successos tocada apenas por alto, por haver já sido extensamente referida nos Cantos I e II.

XV

Aqui finda a narração que ao rei de Melinde fez o Gama; a qual alguns criticos, tendo em vista que os discursos devem ser adequados á capacidade das pessoas a quem se-dirigem, censuram de conter referencias á historia e comparações que aquelle rei mouro não estava no caso de comprehender e avaliar.—Não achâmos ponderosa a objecção; porque não vêmos impossibilidade alguma em suppôr que o dicto monarcha podesse ser instruido; fundando-se esta supposição em que ao reino de Melinde aportavam commerciantes que navegavam não só dos portos da India, mas tambem dos que ficam para dentro do estreito, como sam os de Giddah e Suez, e podendo alguns d'estes commerciantes ter estado no Kairo, em Alexandria, ou mesmo na Europa, não repugna admittir que por meio de frequentes practicas com elles, houvesse o rei de Melinde adquirido muitos conhecimentos da Europa e de seos usos e costumes.—O mes-

mo Camões parece ter querido prevenir esta objecção, pondo na bocca do monarcha Melindano as seguintes palavras dirigidas ao capitão da armada:

> Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
> A gente Lusitana, sem que a visse;
> Que já ouviu dizer, que 'n outra terra
> Com gente de sua lei tivesse guerra.
>
> CANT. II, EST. 102.

O que unicamente achâmos censuravel é as muitas apostrophes que o poeta accumulou; o que se não compadece com o estilo narrativo de que este discurso é, sem imbargo, un perfeito modelo.

Terminada a primeira parte da impresa, só faltava para o total complemento d'ella que os audazes navegantes atravessassem o grande golfão que separa o littoral Africano da costa de Malabar.—Despedido o Gama do rei de Melinde, e obtido un piloto experiente, desfere novamente as velas a armada, pondo a prôa ao Oriente.

Então, a fin de frustrar o exito da descoberta, recorre Baccho a un expediente do qual espera lograr a execução.—Vai procurar ao fundo aquoso o Nume potente do Mar para que, por meio de uma subita procella, sepulte nos abysmos a armada Lusitana.—Descreve o poeta a riqueza deslumbrante dos paços Neptuninos, que Baccho, alheado e inattento se não demora em contemplar, obsecrando que, para negocio urgente, se-reunam em concelho todas as Deidades maritimas.

Accede Neptuno ás supplicas de Baccho e logo manda convocar as referidas Deidades, que sam chamadas por Tritão, o qual imbocca un busio de que tira un son canoro que retumba ao longe.

D'este Deos marinho nos-offerece o poeta uma pintura que é realmente bella e que em nada desmerece, senão em represental-o com a cabeça extravagantemente coberta com uma casca de lagosta:

Julgando já Neptuno, que sería
Extranho caso aquelle, logo manda
Tritão que chame os Deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'uma e d'outra banda:
Tritão que de ser filho se-gloría
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seo correio.

Os cabellos da barba e os que decem
Da cabeça nos-hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua e bem parecem,
Que nunqua brando pentem conheceram:
Nas ponctas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se-geram:
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

O corpo nú, e os membros genitaes,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animaes
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões e caugrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento:

Ostras e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
CANT. VI, EST. 16, 17, 18, 19.

Junctos os Deoses em concelho, expõe Baccho a pretenção que tem de que sejam submergidos nas ondas os varões fortissimos que navegavam já no mar do Oriente, e que prevê lhe-offuscarão a gloria que adquiriu na India.—É a proposta approvada sem contrariedade, ou, como hoje diriamos, por acclamação.—Apenas Proteo mostrou indicios de querer fazer alguma importante revelação que devesse ser attendida; mas foi atalhado por Tethys com uma coarctada que nos-desgosta pelo ton de vulgaridade com que é dicta.

Em resultado da decisão tomada, intíma Neptuno a Eolo que solte os ventos indomitos para que façam sossobrar no pelago os navegantes.

Quando se-espera e se-teme uma grande catastrophe, é seguramente un meio d'arte o demorar em expectação o leitor, a fin o-ter o maior tempo possivel na incerteza, e de augmentar-lhe a anxiedade com o temor do que está para sobrevir.

Este meio, que Virgilio não soube impregar em caso identico, é aqui admiravelmente posto em practica por Camões.

Antes que descreva a tempestade, que aguardamos,

e que já sabemos que rebentará medonha, faz-nos o poeta presenciar uma interessante scena de costumes maritimos, a que se-segue a historia que un dos nautas conta para se-destrahirem do somno.

Transpunha a armada o oceano Indico, naveganda com vento prospero.—Era noite: e a bordo os do quarto da prima íam ser rendidos pelos do segundo:

Em quanto este concelho se-fazia
No fundo aquoso, a leda e lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se-deitavam
Para o segundo os outros despertavam.

Vencidos veiem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se-incostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam:
Os olhos contra o seo querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

Com que melhor podemos, un dizia,
Este tempo passar, que é tam pesado,
Senão com algun conto de alegria
Com que nos-deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

Não é, dice Velloso, coisa justa
Tractar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo intendo;
Que o trabalho por vir m'o está dizendo.

Consentem 'n isto todos e incommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
CANT. VI. EST. 38, 39, 40, 41, 42.

Passa então Velloso a contar a historia dos doze de Inglaterra, formoso trecho em que o poeta celebra uma donosa cavallaria dos fidalgos da côrte de Dom Johão I, pondo-nos ante os olhos em todo o seo luzimento e apparato uma das mais interessantes scenas da edade media:

No tempo que do reino a redea leve
Johão, filho de Pedro, moderava:
Depois que socegado e livre o-teve
Do vizinho poder, que o-molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortesãos a caso un dia
Se-levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortesãos, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ouzadia,

Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

E que, se houver alguem, com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada
Lhe-darão feia infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunqua, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se-atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes
A sustentar as damas, como devem:
Com lagrymas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os Deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro;
Se-vam todas ao Duque de Alencastro.

Era este Inglês potente, e militara
Co' os portugueses já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos 'n esta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando 'n ella
A filha viu, que tanto o peito dóma
Do forte Rei, que por mulher a tóma.

Este que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe-diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá nas terras Iberinas,

Nos Lusitanos vi tanta ouzadia,
Tanto primor, e partes tam divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe-mandarei embaxadores
Que por chartas discretas e polidas
De vosso aggravo os-façam sabedores:
Tambem por vossa parte incarecidas
Com palavras d'afagos e d'amores
Lhe-sejam vossas lagrymas; que eu creio
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

D'est'arte as-acconselha o Duque experto
E logo lhe-noméa doze fortes:
E, porque cada dama un tenha certo,
Lhe-manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze sam: e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada uma escreve ao seo por varios modos,
E todas ao seo Rei, e o Duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o-soffre a Regia magestade:
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bem aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

Lá na leal cidade, d'onde tira
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.

Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, lettras e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

Já de seo Rei tomado têem licença,
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, dextro, ou exforçado;
Mas un só, que Magriço se-dizia,
D'est'arte fala á forte companhia:

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras extranhas;
Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas:
Hagora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as coisas sam tammanhas)
Quero, se me-deixais, ir só por terra;
Por que eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das coisas é ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos-faz a falta minha;
Todos por mi fareis o que é devido:
Mas, se a verdade o esp'rito me-adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

Assi diz: e, abraçados os amigos,
E tomada licença, emfin se-parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares, que ganhara o patrio Marte;

Navarra, co' os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hispanha e Gallia parte:
Vistas, emfin, de França as coisas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se-deteve muitos dias:
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa extranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque sam com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.

Chega-se o prazo e dia assignalado
De intrar em campo já co' os doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arneses:
Já as damas têem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos portugueses:
Vestem-se ellas de cores e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se-veste; por não ter quem nomeado
Seja seo cavalleiro 'n esta impresa;
Bem que os onze apregôam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Inglesa,
Que as damas vencedoras se-conheçam,
Postoque dois e tres dos seos falleçam.

Já 'n un sublime e publico theatro
Se-assenta o Rei Inglês com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.

Não sam vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, exforço e d'animo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo contra os onze Portugueses.

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz semblante:
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em crystal, ou rígido diamante:
Mas inxerga-se 'n un e 'n outro bando
Partido desegual e dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra un cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei e ás damas fala, e logo se-ía
Para os onze; que este era o gran' Magriço:
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama, como ouviu, que este era aquelle,
Que vinha a defender seo nome e fama,
Se-alegra e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais, que virtude ama.
Já dam signal, e o son da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaxam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaxo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os-olha, se-alvoroça e teme:

Qual do cavallo vôa, que não dece:
Qual, co' o cavallo em terra dando, geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas:
Qual co' os pennachos do elmo açoita as ancas.

Algun d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fin breve intervallo:
Correndo algun cavallo vai sem domno,
E n' outra parte o domno sem cavallo:
Cáe a soberba Inglesa do seo throno;
Que dois, ou tres já fóra vam do vallo:
Os que de espada veiem fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'esses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fin do caso, que intendemos,
Que com finezas altas e afamadas
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

\ CANT. VI, EST. 43. e seg. \

XVI

Diz Hieronymo Soares Barbosa na sua *Analyse dos Lusiadas*, que a historia dos doze de Inglaterra é *inverosimil, extrangeira á fabula, e de uma digressão impropria.* [1]—Tudo isto, porém, não passa de meramente futil; cumprindo observar que o mesmo Barbosa se-contradiz logo a deante, escrevendo: *que é verosimil sim, que Velloso com seos companheiros para expellir o somno, dicessem alguns contos e historias; mas que não é nem necessario, nem verosimil (mas somente possivel) que a historia que contassem fosse justamente a dos doze cavalleiros.*

Reduz-se, portanto, o argumento a não ser mais admissivel do que outra qualquer, a historia de que se-tracta.—Mas como o argumento tanto colhe para esta, como para outra que se-queira imaginar, segue-se que,

[1] Observações ao Cant. VI pag. 91.

por exclusão, nenhuma fôra admissivel; o que implica com ter dicto que *é verosimil que Velloso com seos companheiros dicessem alguns contos, e historias.*

Hora, da escolha d'esta já o mesmo Camões deu a razão pela bocca de Velloso, fazendo-lhe dizer:

> Que o trabalho do mar, que tanto custa,
> Não soffre amores, etc.

Quanto a ser a historia dos doze de Inglaterra alheia á fabula epica, como tambem escreveu Joseph Agostinho, de quem parece que o citado Barbosa copiou 'n esta parte tudo o que diz, observaremos que a asserção sefunda em considerar a dicta historia un episodio do poema; quando, aliás, não deve ser tida em mais do que uma diversão propria da vida nautica.—Mas quando se-insista em chamar-lhe episodio; o qual, por constar de assumpto que se não liga com a acção principal, é, por isso, extranho á fabula épica, diremos que em caso identico está a narração do combate de Hercules e Caco na Eneida: a do combate do mesmo Hercules e Antêo, na Pharsalia, e, para não citarmos outros, o episodio de Olindo e Sofronia na Jerusalem Libertada, que o mencionado Joseph Agostinho achou digno de desculpa, não devendo merecer-lhe menos indulgencia a historia dos doze de Inglaterra, da qual chega a confessar que, *quanto á versificação, ás imagẽes, ao andamento, á força icastica, ou representativa, nada ha mais perfeito, aponctudo e acabado em todo o poema.* [1]

[1] Censura dos Lusiad. T. II, pag. 49.

O que o auctor da Analyse taxa de *digressão impropria*, tem a manifesta propriedade de produzir o effeito que notámos, e que elle não foi capaz sequer de comprehender.

Contada a historia por Velloso, e começando este já de divagar: eis que rebenta a tempestade, que o poeta primorosamente descreve, fazendo-nos ver aquella terrivel scena do mar em todo o seo horror:

Mas 'n este passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
Alérta, dice, estae, que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que apparece.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
Amaina, dice o mestre a grandes brados,
Amaina, dice, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas, junctos dando 'n ella,
Em pedaços a fazem c'un ruido
Que o mundo pareceu ser destruido.

O ceo fere com gritos 'n isto a gente,
Com subito temor e desaccordo;
Que, no romper da vela, a náu pendente
Toma gran' somma d'agua pelo bordo:
Alija, dice o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo,

Vam outros dar á bomba não cessando:
Á bomba; que nos-imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náu, 'n un bordo os-derribaram:
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe-punham d'uma e d'outra parte,
Sẽ approveitar dos homẽes força e arte.

.....

.....

Hagora sobre as ondas os-subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Hagora a ver parece que desciam
As intimas intranhas do profundo
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e feia se-allumia
Co' os raios em que o polo todo ardia.

CANT. VI, EST. 70, 71, 72, 73, 76.

Esta descripção é sem contrariedade alguma superior á que Virgilio faz da tempestade no Liv. I da Eneida. —Em Camões nota-se mais propriedade, mais movimento: as cores não sam menos vivas; nem menos magestosa a terribilidade da scena.

No perigo imminente da procella invoca Vasco da Gama a protecção divina; o que practíca como homem piedoso, e como christão; nem outra coisa lhe-cumpria

uma vez que fossem observados os costumes. —O poeta, porém, que tracta o assumpto mythologicamente, não discrepa em fazer que seja Venus quem de novo soccorre o heroico navegante.—Isto accende em cholera o auctor da citada *Analyse*, que exclama: *Não se-póde supportar a incoherencia que se-vê em invocar Vasco da Gama un anjo e ser soccorrido por uma falsa e gentilica Deidade!* Note-se, porém, que Luiz de Camões evitou habilmente a pretendida incoherencia; porque não diz que Venus acudisse em virtude da supplica do Gama.—A Deosa protectora dos Lusitanos, vendo dos ares o perigo da armada, corre açodada a prestar-lhe auxilio, e segundo a supposta crença do poeta é a mesma Deosa quem remove e abranda a tempestade.—Admittida em Camões a crença da Theogonia pagãa, é tam natural attribuir elle á intervenção de Venus o socorro da armada, como é natural a qualquer christão, ao ver un navio de infieis escapar a un terrivel naufragio, attribuir o estupendo successo a Christo, ou a algun sancto; não obstante haverem os nautas invocado Mahomet.—Nem pareça coisa extranha poder o poeta reputar-se possuido das idéas do Paganismo; *porquanto*, observa Sismondi, *a educação dos collegios e a leitura dos livros classicos haviam dado a todas estas allegorias uma força tal, que quasi egualava a da propria crença.* [1]

[1] De la Litterat. du Midi de l'Europe. T. IV, chap. 27, p. 340.

Ajunctaremos que os nossos costumes, abusões e preconceitos nos-fazem ainda hoje participar em muitas coisas das crenças dos antigos romanos. Póde mesmo asseverar-se que tanto em Italia, como em Portugal, nunqua se-deixou inteiramente de ser pagão.—A un Nuncio do Papa ouvimos nós mais de uma vez (coisa infinitamente chistosa!) jurar como un gentio:

Acode, pois, a Deose protectora dos Lusitanos, não por ser invocada, mas porque vê o perigo da armada, e, para soccorrel-a, vale-se de un dos attributos da sua divindade, impregando, para applacar a furia dos Ventos, as seducções das Nymphas que lhe-formam o cortejo: graciosa ficção na gosto da antiguidade classica:

Mas já a amorosa estrella scintillava
De ante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia e vizitava
A terra e o largo mar com leda fronte:
A Deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada juncto foi de medo e de ira.

Estas obras de Baccho sam, por certo,
Dice: mas não será que avante leve
Tam damnada tenção; que descoberto
Me-será sempre o mal a que se-atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás Nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Grinaldas manda pôr de varias cores,
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem não dirá que nascem rôxas flores
Sobre ouro natural que amor infia?

per corpo di Baco: E ainda em nossos dias incutiam tanto receio as crenças do Paganismo, que quando se-editava algun livro que falasse, ou contivesse allusões a Jupiter, Juno, Marte, etc., não deixava logo o A. de junctar-lhe uma edificante profissão de fé em que protestava não accreditar 'n aquellas Divindades.

Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais formosas vinham, que as estrellas.

Assi foi: porque tanto que chegaram
Á vista d'ellas, logo lhe-fallecem
As forças, com que d'antes pelejavam,
E já, como rendidos, lhe-obedecem:
Os pés e mãos, parece, que lhe-ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi dice a bellissima Orithya:

Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me-tiveste nunqua amor constante;
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convêm furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi, d'aqui em deante
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor comtigo em medo se-converte.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha, que em vel-a se-recrea,
E bem crê, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o-crea;
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de vêr, que a dama o-manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

D'esta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se-intregavam,
Amansadas as iras e os furores:

Ella lhe-prometteu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seos amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe-serem leaes, esta viagem.
CANT. VI, EST. 85 e seg.

Subjugados os ventos, e acalmada a tempestade, prosegue o capitão illustre a viagem, e, a pouco espaço, sem experimentar novos revezes, descobre a India.

Aqui termina o Canto VI dos Lusiadas.

XVII

Como que reflectindo sobre o exito da descoberta prosperamente conseguido, começa Camões o Cant. VII com uma invectiva contra as varias nações da Europa, que no seo tempo se-digladiavam e destruiam em guerras de religião.—Esta invectiva, que o Morgado de Matheus [1] adverte ser un artificio do patriotismo do poeta para sobrelevar a gloria da sua nação e dar realce á grandiosa impresa que ella havia effectuado, tem, comtudo, o grave defeito de interromper a narração do poema.—O contraste que offerece é, porém, naturalmente suscitado e sobresae no dizer da seguinte estancia:

Mas emtanto que cegos e sedentos
Andaes de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
'N esta pequena casa Lusitana:

[1] Os Lusiadas. Ediç. de Paris; 1847. Vida de Camões, p. 66.

De Africa tem maritimos assentos,
É na Asia mais, que todas, soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.
CANT. VII, EST. 14.

A tentativa da passagem da Europa á India, pelo Cabo da Boa-Esperança, estava pois realizada; mas tam maravilhoso resultado fôra de nenhun valor, se Vasco da Gama não regressasse a Portugal a fazel-o saber ao monarcha, que lhe-confiara aquelle temerario imprehendimento.—Não podia, portanto, considerar-se completa a acção do poema, se no mesmo se não tractasse do regresso da armada.

Cumpria, porém, que Vasco da Gama não partisse da India antes de haver adquirido conhecimento da situação e grandeza d'aquelle paiz; bemcomo da religião, das leis e costumes dos seos naturaes; e antes, sobre tudo, de estabelecer relações de amizade entre o monarcha Português e o mór potentado do vasto territorio Indiano, que então era o Samorin.—D'isto julgou com razão dever informar-nos o poeta; mas não omittiu, como devera, algumas circumstancias que, comquanto exigidas pelo rigor historico, e consentaneas de uma narrativa de outro genero, rebaxam, comtudo, a grandeza do assumpto e do heróe, e sam, por isso, incompativeis com a magestade sublime da epopeia.—Concernente a Homero, observou Horacio:

..... Et quæ
Disperat tractata nitiscere posse relinquit.
De Art. Poet. v. 148—149.

Depois de fazer a descripção geographica da India, refere Camões que, havendo Vasco da Gama aportado a Calecut, expede un mensageiro ao Samorin, a fazel-o sabedor da sua vinda.—O mensageiro incontra em terra un mouro natural de Berberia, por nome Monçaide, que falava a lingua hispanica, o qual lhe-diz que o rei estava fóra da cidade; mas em logar que não era d'alli distante.—Entretanto agasalha-o o mouro e vem com elle a bordo da capitanea, onde relata ao capitão a historia do Malabar e lhe-dá noticia dos Naires, dos Brahmenes, dos ritos d'estes e dos usos e costumes do paiz.

Obtendo Vasco da Gama licença para desimbarcar e para ir dar sua embaxada ao Samorin, sáe das náus com luzido accompanhamento, e, depois de atraveçar o mar interposto, entra remando por un rio a dentro; o que é expressado com poetica elegancia:

> O remo compassado fere frio
> Hagora o mar, depois o fresco rio.
>
> CANT. VII, EST. 43.

Dirigindo-se o Gama ao palacio do Samorin, contempla as figuras que o poeta finge gravadas nos portaes da cêrca do mesmo palacio, e logo é introduzido na sala, onde o monarcha Indiano o-recebe recostado 'n un sumptuoso leito, á guisa oriental.

Dada a embaxada, o Catual, especie de regedor da cidade, a fin de indagar que qualidade de gente seja a portuguesa, vai a bordo da capitanea, onde Paulo da Gama, irmão do almirante, o-recebe com as devidas ho-

menagẽes e lhe-explica o que representam as figuras que o poeta incoherentemente suppõe pintadas nas bandeiras das náus; pelo que merece com razão a censura que lhe-fazem; por ser coisa impropria pôrem-se em bandeiras pinturas de homẽes e batalhas.

Entretanto a un sacerdote da seita Mahometana, estante em Calecut, apparece Baccho em sonhos, sob a figura do proprio Propheta, prevenindo-o e estimulando-o contra os perigos e os damnos incalculaveis que aos da sua religião se-preparavam com a vinda dos portugueses.—Despertado o mouro, convoca logo os seos sequazes e, depois de varios pareceres, accordam em corromper com dadivas e peitas os regedores e os principaes do Malabar; fazendo-lhes crer que os recemchegados sam piratas, que, discurrendo os mares do Occidente, vivem só de rapinas, sem ter rei, nem lei a que obedeçam; os quaes ham de causar a perdição da gente da terra, se lhes-permittirem ingresso e com elles houverem tracto.

Fôra de todo o poncto desnecessario que o poeta recurresse ás insidias de Baccho para dar origem ás hostilidades dos mouros contra os portugueses; porque não só o odio de raça que elles lhes-professavam, senão ainda a sanha de se-verem esbulhar do trafico exclusivo de que, desde largos annos, estavam de posse em todo o Malabar, eram per si só bastantes para os-incitar a que se-valessem das mais odiosas tramas e perfidias, a fin de os-pôr em guerra com os naturaes, e de promover que fossem lançados da India.

D'aqui por deante, em tudo o que aos portugueses

aconteceu em Calecut, até que Vasco da Gama partiu d'aquella cidade para o reino, não fez o poeta senão copiar o que sobre este assumpto escreveram Johão de Barros e Castanheda; não omittindo, como já observámos, alguns lances menos proprios da dignidade do heróe; taes como o ter elle sido preso em terra pelo Catual, e o haver-se resgatado pelas mercadorias que lhe foi mister mandar ir de bordo.--'Nisto peccou indesculpavelmente o cantor dos Lusiadas.

XVIII

Regressando já os afortunados navegantes á sua querida patria, sam recebidos e festejados 'n uma ilha deliciosa, que Venus lhes-ha de ante mão preparado, e onde com os afagos de amorosas Nymphas lhes-confere o galardão dos trabalhos que padeceram e da perseverança com que arrostaram as ondas e os ventos, devassando mares não conhecidos.

Sobre a situação d'esta ilha maravilhosa têem largamente dissertado differentes commentadores; pretendendo uns que é a de Anchidiva; outros a de Ceilão; estes que é a de Sancta Helena; aquelles que não passa de uma ilha phantastica, creada pela imaginação do poeta. —Por ultimo, un distincto litterato, o senr. Joseph Gomes Monteiro, escreveu un erudito opusculo, expressamente destinado a provar que a ilha de que se-tracta é a de Zenzibar, na costa oriental de Africa. [1]

[1] Charta ao ill.mo senr. Thomaz Norton sobre a situação da ilha de Venus. Porto.—1849.

A estancia em que Luiz de Camões menciona esta ilha e que tem dado margem a tam incontradas opiniões é a seguinte:

> Isto bem resolvido, determina
> De ter-lhe apparelhada lá no meio
> Das aguas alguma insula divina,
> Ornada de esmaltado e verde arreio;
> Que muitas tem no reino, que confina
> Da primeira com o terreno seio,
> A fóra as que possue soberanas
> Para dentro das portas Herculanas.
>
> CANT. IX, EST. 21.

Na edição de 1609, por Pedro Craesbeck, appareceu pela primeira vez o sexto verso d'esta estancia alterado pela seguinte fórma:

Da mãe primeira co' o terreno seio.

Julga-se, porém, que o verdadeiro auctor da emenda fosse o castelhano Benito Caldera, na sua traducção publicada em 1580.

Depois da edição de 1609 reproduziram-se outras muitas em que foi adoptada a lição referida.

Diz o senr. Joseph Gomes Monteiro 'n uma nota a pag. 20 do citado opusculo, *que o monosyllabo mãe é a unica palavra que podia aqui satisfazer simultaneamente as necessidades do metro, da syntaxe e do sentido;* e no texto, a pag. 22, escreve: *Ou estes versos se-tomem como uma periphrase do paraiso terreal, ou de toda a Asia, como berço do genero humano, segundo a historia*

e a revelação, era a ilha de Venus uma das muitas que a Deosa possue nos mares orientaes.—Para ser coherente com a opinião que emitte, devia o auctor fazer-nos ver que a ilha de Venus, ou dos Amores, era alguma das da Asia; mas, ao invez d'esta opinião, pretende que não é outra senão a de Zenzibar, adjacente á costa oriental da Africa, e que nada tem que ver com as da Asia!

Manuel Correia, annotando a referida estancia, declara que o verso em questão deve lêr-se como se-acha originalmente escripto e que *assim o ouviu a Luiz de Camões.*—Quando, porêm, tal declaração não fosse feita por un homem cujo testimunho é irrefragavel por ter sido amigo do poeta, para nós a lição genuina d'aquelle celebre verso fôra sempre a que se-incontra nas duas edições de 1572:

Da primeira com o terreno seio.

Expuncto este verso da palavra mãe, que, como vimos, lhe-foi introduzida, tem uma explicação clara, que, aliás, não saberiamos dar-lhe.

O reino que confina com o terreno seio da primeira é o oceano Atlantico, que confina e communica com o Mediterraneo *(terreno seio* por ser mar fechado entre terras) no qual está situada a ilha de Cypre, *primeira* das pertencentes a Venus; por ser alli que tinha seo principal culto nas cidades de Idalia, Paphos e Amathunta.

A ilha dos Amores, ou seja alguma das Canarias (as Fortunadas dos antigos) ou uma ilha que Venus expres-

samente fizesse sair do seio das aguas para 'n ella receber e premiar os heroicos navegantes, não póde deixar de considerar-se situada no oceano Atlantico, e não no mar das Indias.—Vem confirmar a interpretação que damos a este logar a estancia I do Cant. X, onde se-lê:

> Mas já o claro amador de Larisséa
> Adultera inclinava os animaes
> Lá para o grande lago, que rodea
> Temistitão nos fins occidentaes.

Se a ilha dos Amores estivesse situada no oceano Indico, não diria o poeta que o sol se-inclinava, ou dirigia sobre o grande lago que rodeia Temistitão, isto é, sobre o golfo do Mexico; porque então a parte do globo que lhe-ficara ao occidente fôra a Africa.—Isto, além do que já dicemos, confirma que a mencionada ilha é supposta demorar fronteira á costa oriental da America, o que vale o mesmo que estar situada no oceano Atlantico.

Por outra parte, dizendo o poeta que o sol se-inclinava sobre o Mexico, fal-o corresponder ao signo de Cancer, sob cujo tropico está situado aquelle paiz; e intrando o sol em Cancer a 20 ou 21 de junho, devia a este tempo Vasco da Gama, que dobrou o Cabo da Boa-Esperança a 20 de março, achar-se na altura das Canarias, que estão no mesmo parallelo que o Mexico, visto o singrar moroso de tam prolixa e trabalhosa navegação.

Ainda mais: achando-se os nautas nos fins de junho

na ilha dos Amores, não pode esta ilha, qualquer que se-imagine, suppôr-se no oceano Indico, por haver Vasco da Gama passado o Cabo da Boa-Esperança no citado dia 20 de março: logo é forçoso que seja uma das Canarias, ilhas já dos antigos conhecidas, ou, com mais probabilidade, alguma ilha que Venus expressamente fizesse sair do seio do Atlantico e na altura das Canarias, que é o poncto sobre que bate a questão.

XIX

Para conseguir que as Nereidas se não mostrem esquivas aos exforçados navegantes, a quem pretende felicitar, dirige-se Venus aos montes Idalios, onde estava então seo filho Cupido, que preparava uma famosa expedição de frecheiros com que se-dispunha a corrigir os erros e os desvarios que no mundo se-haviam introduzido.—E aqui insere o poeta uma vehemente e maldisfarçada invectiva contra elrei Dom Sebastião, que, descurando os negocios do estado e fugindo do tracto e sociedade dos fidalgos mancebos, com quem devia conviver e recrear-se em seos passatempos, se-impregava só em montear; e bemassim contra os jesuitas, conselheiros subdolos e nefastos do mesmo rei, a quem este incarregara de todo o governo do reino.

Via Acteon na caça tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir un feio animal fero,
Foge da gente e bella fórma humana:

E por castigo quer doce e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana,
E guarde-se não seja inda comido
D'esses cães, que hagora ama, e consumido.

E vê do mundo todo os principaes,
Que nenhun no bem publico imagina:
Vê 'n elles que não têem amor a mais
Que a si somente, e a quem Philaucia insina:
Vé que esses, que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sãa doctrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade:
Da feia tyrannia e de aspereza
Fazem direito e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se-estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

CANT. IX, EST. 26, 27, 28.

A descripção das obras em que se-impregavam os cupidinhos é digna de referir-se:

Muitos d'estes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a lettra, angelica a toada.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as ponctas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas intranhas inda palpitantes:
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrymas sam de miseros amantes:
A viva flamma, o nunqua morto lume
Desejo é só, que queima, e não consume.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos, que feridos vam da setta aguda:
Formosas Nymphas sam as, que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

CANT. IX, EST. 30, 31, 32.

Havendo Venus exposto a seo filho os motivos que 'n ella imperavam para desejar premiar os intrepidos navegantes, presta-se elle aos rogos da Deosa; mas intende dever ser coadjuvado pela Fama que, apregoando os louvores de tam insignes varões, incline a seo favor o animo das Nereidas.—Recorrem, pois, á Fama, que preconiza e ingrandece o valor dos nautas que veiem cortando as ondas, e logo Cupido faz seo officio:

Despede 'n isto o fero moço as settas
Uma a pós outra, geme o mar com tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vam, e algumas fazem gyros:

Cáem as Nymphas, lançam das secretas
Intranhas ardentissimos suspiros:
Cáe qualquer, sem ver o vulto que ama;
Que tanto, como a vista, póde a fama.
CANT. IX, EST. 47.

Gracioso quadro nos-offerecem estes versos; mas terminam com un dictame que nada tem de verdadeiro; antes expressa o contrario do que realmente se-observa na natureza, e que Horacio nos-quis fixar na memoria, dizendo:

Segnius irritant animos demissa per aurem,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus...
De Art. Poet. v. 179—180.

Feridas já de amor as candidas Nereidas, sam conduzidas por Venus á ilha namorada a que os nautas ham de aportar; e, entretanto que para lá caminham, vam tecendo gentís choréas.

XX

A descripção da ilha dos Amores é uma das mais deliciosas coisas não sô dos tempos modernos, senão de tudo o que conhecemos da formosa antiguidade.—Postoque a linguagem se-tenha grandemente aprimorado de então para cá, tem a d'aquella descripção un tam suave colorido, sente-se 'n ella un mimo e suavidade tal que junctamente nos-sobreprehende e arrebata.—É o quadro da mais apurada esthetica, em que nos-inlevam os sentidos a jucunda feracidade do solo; o viço luxuriante das arvores; a fragrancia das flores; a transparencia das aguas; a harmonia das aves; o ruido dos arroios e a voluptuosa seducção das Nymphas, que, assaltadas de improviso no banho, vam fugindo núas pelas florestas, para depois se-intregarem nos braços dos seos ardentes perseguidores.

A parte descriptiva é, sobre tudo, de uma tam notoria e especial belleza, que o proprio zoilo de Camões

não só se não atreveu a critical-a, senão que ainda altamente a-elogiou. [1]—Seria falta imperdoavel, se aqui não transcrevessemos un tam primoroso trecho de poesia:

Tres formosos outeiros se-mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se-adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre as pedras alvas se-deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

'N un valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajunctar-se,
Onde uma mesa fazem que se-extende
Tam bella quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o-está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A laranjeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Incosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co' os pesos amarelos:
Os formosos limões alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

[1] Vid. Cens. dos Lusiad. por. J. Agost. de Macedo, T. II, pag. 210.

As arvores agrestes que os outeiros
Téem com frondente côma innobrecidos,
Alemos sam de Alcides, e os loureiros
Do louro Deos amados e queridos.
Myrtos de Cytherêa, co' os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está aponctando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso.

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se-dam muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura:
As amoras, que o nome téem de amores:
O pomo que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teo preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide c' uns cachos rôxos e outros verdes:
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quiserdes,
Intregae-vos ao damno que, co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se-cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

Para julgar difficil coisa fóra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dam a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores:
O lirio rôxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzela.

A candida cecêm, das matutinas
Lagrymas rociada, e a mangerona:
Vêem-se as lettras nas flores Hyacinthinas,
Tam queridas do filho de Latona:
Bem se-inxerga nos pomos e boninas
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando vôam,
Alegres animaes o chão povoam:

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seos cornos não se-espanta
Acteon 'n agua crystalina e bella:
Aqui a fugace lebre se-levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

CANT. IX, EST. 54 e seg.

XXI

Logo que os nautas desimbarcam na ilha deliciosa, avistam as Nymphas; das quaes umas se-banhavam em limpidos lagos, emquantoque outras pelas frescas ribeiras e florestas se-deixavam andar como incautas: e o mesmo foi vel-as que desfecharem em veloz corrida a pós ellas.—Accelera Leonardo a carreira por alcançar a formosa Ephyre que, mais que as outras, se-impenhava 'n uma ficta esquivança; e as namoradas magoas que lhe-vai dizendo (excepto alguns chites e conceitos) têem o ton da verdade; porque sam queixumes que faz contra a sua má fortuna; meio natural de que todos os amantes se-servem para commover e captar o coração das suas bellas.

Ouçamos-lhe as sentidas queixas:

Todas de correr cansam, Nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te-dice que eu era o que te-sigo?
Se t'o tem dicto já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda commigo,
Ó não na creas; porque eu, quando a-cria,
Mil vezes cada hora me-mentia.

Não canses; que me-cansas: e se queres
Fugir-me; porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que, indaque esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quiseres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fin d'este successo
«Tra la spica e la man qual muro è messo.»

Ó não me-fujas! Assi nunqua o breve
Tempo fuja da tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que imperador, que exercito se-atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que, emquanto desejei, me-vai seguindo,
O que tu só farás não me-fugindo?

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me un coração, que livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente.
Não te-carrega essa alma tam mesquinha,
Que 'n esses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe-mudaste a ventura, e menos pesa?

CANT. IX, EST. 77 e seg.

'N estas amorosas queixas incontram-se alguns pensamentos, que deixam de ser bellos por lhes-faltar un fundamento de verdade; por exemplo:

> Minha ventura é tal, que, indaque esperes,
> Ella fará, que não possa alcançar-te.
>
> .....
>
> Não te carrega essa alma tam mesquinha
> Que 'n esses fios de ouro reluzente
> Atada levas? Ou, dəpois de presa,
> Lhe-mudaste a ventura, e menos pesa?

Sam indubitavelmente idéas falsas, que hoje não têem merecimento algun; mas estavam no gostò do tempo em que o poeta escreveu.—Não dizia Petrarca:

> Questi son que' begli occhi che mi stanno
> Sempre nel cor con le faville accese? [1]

E póde dar-se maior disparate? Se pintarmos un coração e dentro d'elle dois olhos despedindo chammas, ou faiscas accesas, ninguem, por certo, deixará de confessar que a pintura é de pessimo effeito.

Qualquer idéa, ou concepção, que, posta em pintura, produzir un todo informe, incoherente, sem proporções, ou sem belleza artistica, será sempre inacceitavel, e digna da mais severa reprovação.

Quando uma idéa é falsa frustra necessariamente a

[1] Sonetto LV.

arte, e recusa-se á fórma que lhe-é propria; a qual, como se-appresenta defeituosa e contrafeita, põe então em relevo o absurdo da idéa.

Irmãas sam a poesia e a pintura, que cumpre nunqua ver divorsiadas.

Estas impropriedades, que, a cada passo, se-incontram não só em Petrarca, senão em todos os poetas seos imitadores, devem merecer desculpa a Camões, que fôra impossivel que não sacrificasse ao gosto do seculo em que nasceu; note-se, porém, que as-impregou com a mór sobriedade, no que nos-deu uma próva do seo bon senso.—Demais, não as-incontrâmos nós inda hoje em obras de reconhecido merito? Antonio Dinis da Cruz dice nas odes Pindaricas: [1]

> Eu que, apezar da Inveja e seos furores
> Aos astros levo o nome Lusitano,
> Á minha lyra o panno
> Pelo mar soltarei dos teos louvores.

Admitte-se que se-diga *un mar de louvores*; mas pintar uma lyra á vela, navegando como se fosse un navio, é, na verdade, un destempero que não póde deixar de ser reprovado pela critica e pelo bon gosto.

O senr. Johão de Lemos na sua delicadissima composição=*A Lua de Londres*,=repassada do mais achrysolado amor da patria, e na qual se-incontram bellezas de poesia que somos o primeiro a reconhecer e a louvar, apostrophando a lua, diz:

[1] Ode I, Estr. 1.ª

Eia, pois, ó Astro amigo,
Voltemos aos puros ceos:
Leva-me, ó Lua, comtigo,
Preso 'n un raio dos teos.

Estando o A. em Londres, nunqua a lua, segundo o seo curso diuturno, quer real, quer apparente, o-poderia trazer a Portugal;—mas isto é o menos. A pintura que nos-representa un homem suspenso por un raio da lua, além do absurdo, offerece uma idéa injucunda e repugnante; porque nos-faz lembrar uma aranha, suspensa por fio do tecto de uma casa.

Desculpemos, portanto, 'n esta parte o cantor dos Lusiadas.

XXII

Perseguidas as Nymphas em rapida corrida ao longo das ribeiras, e por entre as florestas,

> Pouco e pouco surrindo e gritos dando,
> Se-deixam ir dos galgos alcançando.

Cætera quis nescit?... Depostas, emfin, todas as mostras de esquivança e já mui conformes com os seos amados perseguidores,

> Os ornam de capellas deleitosas,
> De louro e de ouro e flores abundantes.

Tethys, Deosa do mar, como devesse por sua alta hierarchia pertencer a Vasco da Gama, não ha mister perseguida, nem isso fôra consentaneo com a dignidade do heróe. Ella mesma, tomando-o pela mão, o-conduz a un palacio radiante de crystal e ouro, onde se-esforça

por lhe-ser agradavel, e lhe-concede os intimos favores que confirmam e assellam un formal conjugio.

Observa Sismondi que a allegoria dos esponsaes de Tethys com o almirante português, no momento em que o sceptro dos mares passava das mãos da republica de Veneza para as do rei de Portugal, parece ter sido suggerida pela ceremonia annual em que o Doge esposava o mar em nome d'aquella republica. [1] —Julgâmos, porém, que 'n esta allegoria teve antes Camões a idéa politica de annullar a dicta ceremonia, invalidando-lhe o fundamento, do que somente a poetica de imital-a.

Houve já quem, ostentando-se assás zeloso da honra das Nereidas, ouzou acoimar Camões de immoral.—É a mais torpe e odiosa calumnia que jamais inventou a inveja nequissima.—Camões é, sem duvida voluptuoso; mas, por nenhun modo, immoral.—Ninguem, pelo contrario, foi mais severo censor dos vicios que reprehende tanto nos reis, como nos grandes e no clero: o que no seo tempo era o maior arrojamento a que podia abalançar-se.—A Dom Manuel, e ao proprio Dom Sebastião a quem dedica o seo poema, não poupa a rigidez do seo character; e diffundidos pelo mesmo poema acham-se a cada passo aphorismos e maximas de tam evidente moral, que só a ímprobidade e a malicia poderão desconhecer.—Foram até o assumpto de un estudo espe-

[1] Il parait probable que la cérémonie annuelle de l'ascension à Venise, où le doge épousait la mer au nom de la répubrique, a fait inventer au Camoens cette allégorie.—Un nouveau mariage de Tethys avec l'amiral portugais est célébré dans cette ile, au moment où la domination des mers passe de la république de Venise au roi de Portugal. De la Litterat. du Midi de l'Europe, Tom. IV, Chap. 37, pag. 407.

cial que ha poucos annos publicou o nosso estimavel consocio, o senr. Joseph Silvestre Ribeiro. [1]

No mesmo palacio maravilhoso em que Tethys recebe Vasco da Gama, faz depois a Deosa preparar lautas mesas cobertas de opiparos manjares, a que sam convidadas as Nereidas com os seos novos amantes; e, durante o banquete, accompanhada de instrumentos musicos, canta uma Nympha os feitos portentosos dos portugueses que ham de vir e assignalar-se nas partes do Oriente.—Esta invenção está no gosto da antiguidade classica: sendo junctamente un artificio de que o poeta se-vale para exaltar aquelles varões preclarissimos e pôr o ultimo remate ás glorias da sua patria.

Aos festins dos antigos era costume assistirem musicos que, ao son da lyra, cantavam os louvores dos heróes insignes, os prodigios dos Deoses, e as maravilhas da natureza.—O mesmo Camões commemora este costume consagrado na antiguidade, referindo-se a Democo e Iopas, dois musicos celebres, dos quaes o primeiro cantou no banquete dado por Alcinoo a Ulysses na ilha dos Pheaces, [2] e o segundo no que Dido deu a Enéas em Carthago: [3]

> Materia é de cothurno, e não de sócco,
> A que a Nympha apprendeu no immenso lago,
> Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
> Entre os Pheaces un, outro em Carthago.
>
> CANT. X, EST. 8.

[1] Estudo Moral e Politico sobre os Lusiadas. Lisboa.—1853.
[2] Odyss. Cant. VIII.
[3] Æn. L. I.

No poema *Telemaco*, escripto no puro gosto da antiguidade, em que tanto se-imbebera a grande alma de Fénélon, vemos egualmente imitado aquelle costume, assim no banquete dado por Calipso ao filho de Ulysses, e a Mentor, onde cantam as Nymphas que compõem a côrte d'aquella Deosa; [1] como no que aos mesmos foi dado por Adoão a bordo do navio Tyrio, onde primeiro canta Achitoas, e depois o proprio Mentor. [2]

[1] Liv. I.
[2] Liv. VIII.

XXIII

Começa a Nympha intoando os louvores de Duarte Pacheco, a quem denomina *O Achilles Lusitano*, pelas gentilezas d'armas que obrou na India; particularmente em Cochin, combatendo contra toda a potencia do imperador de Calecut; e conclue com a seguinte estancia:

> Aquelle, que nos campos Marathonios
> O gran' poder de Dário estrue e rende,
> Ou quem com quatro mil Lacedemonios
> O passo das Thermopylas defende,
> Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
> Que com todo o poder Tusco contende
> Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
> Foi como este na guerra forte e sabio.
>
> CANT. X, EST. 21.

A comparação de Duarte Pacheco com Leonidas e Horacio Cocles, dos quaes o primeiro defendeu a passagem das Thermopylas, e o segundo a ponte do Tibre,

é appropriada; porque assenta na analogia dos feitos, que estes practicaram, com o que executou ó mesmo Pacheco defendendo o passo de Cambalan, por onde os inimigos do rei de Cochin pretendiam invadir aquelle reino.

Havendo a ingratidão de elrei Dom Manuel permittido que este heróe, que tam assignalados serviços lhe prestou, chegasse á mór indigencia, vindo por fin a morrer de miseria 'n un hospital, desabafa o poeta contra o dicto rei, pondo na bocca da Nympha este supremo brado de indignação:

Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça e que a verdade:

Isto fazem os reis, quando imbebidos
'N uma apparencia branda, que os-contenta,
Dam os premios, de Aiace merecidos,
À lingua vãa de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me; que os bẽes mal repartidos
Por quem só doces sombras appresenta,
Se não os-dam a sabios cavalleiros,
Dam-os logo a avarentos lisongeiros.

Mas tu, de quem ficou tam mal pagado
Un tal vassalo, ó rei, só 'n isto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te un reino rico:
Emquanto fôr o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te-fico,

Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu 'n isto culpado por avaro.
CANT. X, EST. 23, 24, 25.

Proseguindo os louvores dos heróes que na India ham de practicar acções famosas, e, chegando a celebrar Affonso de Albuquerque, não deixa de infligir-lhe asperrima censura pelo rigor summo com que se-houve com Rui Dias, mancebo de clara procedencia, a quem, todavia, mandou inforcar por este se-ter introduzido na camara da sua náu, a fin de obter os favores de uma moura captiva de quem se-agradara: pena, em verdade, não proporcionada ao delicto; e da qual o poeta, estigmatizando pela bocca da Nympha a iniquissima sentença, nos-faz ver até que poncto pugnava pela justiça e equidade:

Mas em tempo, que fomes e asperezas
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sasão e o logar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.
CANT. X, EST. 46.

Tendo a Nympha cantado os louvores dos portugueses que ham de colher victoriosas palmas no Oriente, logo a soberana Tethys conduz Vasco da Gama a un monte elevado, em cujo cimo lhe-mostra un globo dia-

phano dentro do qual se-viam os movimentos dos corpos celestes.

Na descripção da esphera que a Deosa lhe-faz, seguiu Camões o systema astronomico de Ptolomeo, em vez de adoptar o de Koperniko, que foi publicado em 1543, e do qual não deixaria de ter conhecimento.— É outro motivo de censura que alguns criticos lhe-irrogam;—mas poderia o poeta seguir un systema que a egreja reprovava como heretico, e que, mais tarde, a inquisição de Roma fez abjurar a Galileo, como contrario á lettra da Escriptura? [1]

[1] Em 1615 condemnou a mesma inquisição a obra de Koperniko sobre a astronomia *De revolutionibus orbium cœlestibus*, impressa em 1543, e declarou *como formalmente heretica, falsa, e absurda em philosophia, a opinião que põe o sol no centro do mundo, e como erronea na fé a que attribue movimento á terra.*

XXIV

A descripção astronomica não passa, porém, de uma introducção á geographica, que era o objecto que o poeta propriamente se-propunha, a fin de declarar os reinos e as provincias que íam formar o imperio portuguêz no Oriente, ou ser franqueados ao seo commercio, em resultado do descobrimento da India, cuja incalculavel importancia nos-dá por este modo a conhecer.—Faz, portanto, que a Deosa tracte com especialidade de todas as descobertas que logo effectuou a nossa navegação, a partir do reino de Monomotapa, na costa oriental de Africa, d'onde vai seguindo até o cabo de Guardafui (o Arómata dos antigos) chega ao estreito de Bab-el-Mandeb, entra no mar Rôxo, dá vista de Giddah, Toro, e Suez, passa á costa da Arabia, golfo Persico, reino de Ormuz, inseada de Cambaia, costa de Malabar e Coromandel, reinos de Arracão, Pegú e Sião, e assim successivamente até á China e Japão: d'alli volta, assigna-

lando muitas ilhas que se-lhe-deparam no longo rodeio que faz; como sam: Tidore, Ternate, Banda, Borneo, Timor, Sunda, Sumatra, Ceilão, Maldivas, Socotorá e, por ultimo, Madagascar, fronteira ao reino de Monomotapa, que foi d'onde começou a descripção, na qual não deixa de mencionar as victorias que os nossos haviam de obter em muitas d'estas partes; referindo outro-sim alguns successos, e, entre elles, a lenda do apostolo san' Thomé, que, posta na bocca de Tethys, é uma notavel incongruencia.—Opinâmos, todavia, que o poeta foi coegido a tractar de un milagre que, no seo tempo, causava o maior pasmo e admiração, segundo o-tinham forjado os jesuitas, que, a final, o não souberam tirar da sua cabeça, moldando-o, sem ceremonia, por outro que relata Ovidio, acontecido a Claudia Quinta á intrada do Tibre, e em presença de innumero povo, por occasião da chegada da Deosa Cybele, que da Phrygia vinha trasladada para Roma.

Começaremos por fazer conhecer o maravilhoso caso de Claudia Quinta, que é o original, servindo-nos da optima versão dos *Fastos* do senr. Antonio Feliciano de Castilho.—Em seguida poremos a copia rasteira, ou o milagre de san' Thomé:

Imboccam pela foz, por onde o Tibre
Contente sáe para a amplidão fluctigera.

Plebe, senado, cavalleiros, tudo
Conflue alvoroçado á tusca praia,
A saudar des de a barra a immortal hospeda.
Domnas, donzelas, noivas, e as que, ó Vesta,

Virgêes velam no altar teo sancto lume,
Lá vam correndo em confusão festiva.

Mas em vão longo cabo, atado á prôa,
Valentes braços puxam, súam, cansam;
Pela corrente o lenho peregrino
Recusa remontar.

Seccura extranha
Tisnava já de muito os chãos hervosos;
No alveo inlodado se interrava a quilha,
Sem ouzar a surdir; todos no impenho
Põem mais que humano esforço; alta celeuma
Dobra vigor nos obstinados pulsos;
Que prol, se firme a náu dá mostras d'ilha,
Que tem saxea raiz no mar profundo!

Já pasmo, já pavor domina o povo!

Claudia Quinta, do antigo Clauso prole,
E bella quanto illustre, era uma d'essas
Que a pudica innocencia em vão defende
Contra a calumnia atroz; pura na vida,
De torpeza era ré na voz da fama.
Seo luxo no trajar, o esmero extremo
Dos penteados seos, e a lingua solta
Entre os graves anciãos a-condemnavam.
Forte co' a approvação da consciencia
Dos rumores plebeus zombava e ria;
E emtanto (a crer no mal propendem todos)
De hora em hora o descredito medrava.

Claudia, que entre as matronas virtuosas
Lá se-achava tambem, rompe da turba,
Chega ao Tibre, enche d'agua as palmas concavas,
Sobre a cabeça a-chove por tres vezes,

Por tres vezes as mãos aos ceos levanta;
(Delirante a crêem todos) ajoelha;
Co' os olhos fitos na divina imagem,
E demolidas pela espalda as tranças,
«—Mãe das Deidades—clama—Omnipotente
«Creadora Cybele, ouve os meos rogos,
«E o meo contracto por piedade acceita:
«Sou innocente, negam-n'o; decide.
«Se me-fores contraria, acceito a morte;
«Signal é que a-mereço; eu, pobre humana,
«De uma sentença tua appellaria?!
«Mas, se innocente sou, que un teo prodigio
«O-comprove e me-salve. Ô tu, que és pura,
«Deosa, de puras mãos levar-te deixa.—»

Diz, puxa manso a chorda (o que refiro
É portento, que inda hoje espanta em scena).
Bóia a náu! Fende o rio! A Deosa avança!
E, seguindo a formosa conductora,
Ante o povo a-protege, a-glorifica.
Sobe unísono aos ceos clamor fervente.
Os Fastos, Tom. II, p. 137 e seg.

Hagora a mal-disfarçada copia do milagre de Cybele:

«Accertou de vir á costa do mar [1] un grandissimo páo, e desejando elrei de o-tirar em terra, pera d'elle fazer uma pouca de obra em uns seos paços, ajunctou muita gente, até vir grande numero de elephantes, e nunqua o-poude mover do logar onde estava. E vendo o Sancto o que era passado, pediu ao rei que lh'o désse e permittisse que, no logar onde o elle levasse, fizesse

[1] Em Meliapor.

com elle un templo para o Deos que elle pregava: o que lhe elrei concedeu em modo de zombaria, por haver isto por impossivel; mas o Sancto, desatado un cordão com que se-cingia, o-atou em un esgalho do páo, e, fazendo o signal da cruz, o-levou a rojões até áquelle logar onde fez a casa.»

Barros, Dec. III, L. 7.º Cap. 11, fol. 198. v.

Este milagre é seguido de outro, obra tambem dos jesuitas; o qual reza que vendo-se certo bonzo affrontado do sancto, com quem media competencias e arcava sobre coisas de religião, trucidara un filho que tinha, só para imputar o homicidio ao seo competidor e haver d'elle vingança: e que o sancto, condemnado a pena ultima, se-justificara, fazendo que o defuncto falasse e declarasse quem o-tinha mactado: milagre pouco edificante; porque nos-representa un apostolo de Christo coegindo un filho a denunciar seo proprio pae por mactador. [1]

Taes sam os dois milagres de que se-compõe a lenda de san' Thomé, que o poeta, forçado, sem duvida, por imperiosa exigencia, inseriu no seo poema; sendo a peior deliberação que podia tomar a de a-pôr na bocca da Deosa Tethys.

[1] Os mesmos jesuitas inventaram tambem que san' Thomé esteve no Brasil; sendo a prova d'isto uma pégada juncto ás praias do mar que, *segundo a tradição dos indios*, deixou alli o referido sancto!

Os indios não tinham sequer conhecimento de Christo; mas conheceram logo san' Thomé por uma pégada!

Já é serem expertos!!!

Vid. Chron. da Comp. de Jesu no Estado do Brasil pelo jesuita Simão de Vasconcellos, L. II, p. 111.

A outra exigencia, não menos lastimosa, houve de subjeitar-se Luiz de Camões; a qual, segundo todas as probabilidades, lhe-foi imposta pelo dominicano Bartholomeo Ferreira, censor dos Lusiadas: consistindo em fazer dizer a Tethys, que, tanto ella, como os outros Deoses, sam fabulosos e ideaes; o que, além de ser repugnantissimo absurdo, destrue completamente o effeito produzido pela mais graciosa das ficções.—Era, porém, a *expressa profissão de fé*, que do auctor se-pretendia, e, sem a qual, lhe seria denegada a licença de imprimir os Lusiadas, se inda com a recusa não provocasse as iras do sancto officio.—Não attribuamos, pois, ao poeta o que só deve ser imputado á calamidade dos tempos.

Terminada a descripção geographica, despede-se Tethys de Vasco da Gama, dizendo-lhe que póde imbarcar para a patria; pois tem mar tranquillo e vento favoravel.—Deixam os nautas a ilha deliciosa: navegam sem obstaculo, e, intrando pela foz do Tejo, exaltam e glorificam o monarcha eximio, que a tammanha impresa os-inviou.

Em seguida dirige-se o poeta a elrei Dom Sebastião, a quem dedicara o seo poema sendo menino, e que já então governava o reino; e 'n uma eloquente exhortação dá-lhe conselhos proficuos, dictados pela experiencia, e inculca-lhe maximas de bem governar.

XXV

Ao que deixâmos esboçado ajunctaremos hagora algumas observações que a rapidez da analyse nos-fez pretermittir.

Mostrámos ter sido Camões pintor fidelissimo das scenas da natureza.—Cumpre-nos tambem mostrar que o não foi menos das *scenas maritimas e de costumes.*— Alguns logares que passâmos a transcrever, servirão de comprovar o que affirmâmos.

Vindo o Xeque de Moçambique a bordo da náu capitanea, pinta-nos o poeta com extrema propriedade a admiração da marinhagem portuguesa, e o inleio do mouro obstupido ante o que vê:

Está a gente maritima do Luso
Subida pela inxarcia de admirada,
Notando o extrangeiro modo e uso,
E a linguagem tam barbara e inleada.

Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo e a forte armada,
E, perguntando tudo, lhe-dizia
Se, por ventura, vinham de Turquia.
CANT. I, EST. 62.

Imbarcando o rei de Melinde para se-avistar com Vasco da Gama, offerece-nos outro quadro, assás veridico e cheio de animação, do apparato e festejo com que o dicto monarcha se-appresenta e é recebido:

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando:
Dos mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvêes de fumo o sol tomando:
Amiudam-se os brados accendidos,
Tampam co' as mãos os mouros os ouvidos.
CANT. II, EST. 100.

É tambem admiravel de precisão e verdade a pintura do que a bordo se-passa, quando os nautas avistam terra:

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinquo vezes apressada
Hagora meio rosto, hagora inteiro
Mostrara, emquanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea un marinheiro
Prompto co' a vista: *Terra, Terra*, brada:
Salta n' un bordo alvoraçada a gente
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

À maneira de nuvẽes se-começam
A descobrir os montes que imxergâmos:
As anchoras pesadas se-adereçam,
As velas já chegados amainâmos.

CANT. V, EST. 24, 25.

Dos quadros de costumes citaremos como propriissimo, o do selvagem que os nossos tomaram na Angra de Sancta-Helena:

Eis de meos companheiros rodeado,
Vejo un extranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanho apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se-vira nunqua em tal extremo,
Nem elle intende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais, que o bruto Polyphemo:
Começo a lhe-mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada d'isto o bruto se-movia.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Un barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos
Que com isto se-alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Para a povoação que perto tinha.

CANT. V, EST. 27, 28, 29.

Não é menos natural e propria a descripção dos costumes dos selvagêes da Aguada de San' Bras:

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos ethiópes eram,
Mais humana no tracto parecia,
Que os outros que tam mal nos-receberam:
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem creado.

As mulheres queimadas veiem em cima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes, que elles têem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rhythma,
Em sua lingua cantam, concertadas
Co' o doce son das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

CANT. V, EST. 62, 63.

Entre as incontestaveis bellezas, que nos Lusiadas se-incontram, não podêmos deixar de mencionar os *similes* em que o poeta é riquissimo e nos-mostra a imaginação pictoresca e summamente graciosa que possuia.

Os *similes*, ou *comparações*, offerecem a idéa de un equivalente pelo qual se-torna mais claro e comprehensivel o quadro que se-appresenta, fazendo-nos ver a identidade, ou a semelhança que tem com un prototypo conhecido.—Para que o simile seja perfeito é indespensavel que 'n elle se-dê a circumstancia de que o termo da

comparação não seja ignorado, ou, por qualquer modo, obscuro; o que, aliás, redundaria em vermos comparado un objecto, de que não tivessemos noções claras, a outro de que não formassemos idéa alguma.

Na comparação ha sempre *approximação.*—D'aqui provêm que todas as vezes que no discurso fazemos uma approximação naturalmente suscitâmos a idéa de *comparação*, aindaque não tenhâmos intenção de comparar. Por isto devemos evitar taes approximações; sobre tudo quando com ellas podermos despertar alguma idéa injuriosa, como adrede practicou Gil Vicente para produzir effeito comico; v.gr.

> *O asno, senhor Juiz,*
> Que estes veiem a demandar,
> A mi o-haveis de julgar,
> E o direito assi o diz.
>
> Auto do Juiz da Beira, p. 187.

Ou como deliberadamente fez Pato Moniz, no *Exame Critico do Oriente*, para vilipendear o padre Joseph Agostinho; dizendo:—*Tam asno o Reverendo Epico* suppõe Velloso como o Diabo, p. 227.

Homero comparou Ajax, combatendo obstinadamente contra os troianos, a un burro pertinaz, a quem as pauladas repetidas de un bando de rapazes não conseguem afastar de un campo de trigo. (Iliad. Cant. XI, pag. 127.)

Sendo esta comparação de uma maravilhosa propriedade, attinente á obstinação que o poeta nos-quer pin-

tar, choca-nos, todavia, pela approximação de Ajax e do burro, com o qual parece que o heróe é posto em parallelo.

Nos similes, que Luiz de Camões imprega, além de se não darem os defeitos aponctados, concorrem todas as circumstancias que se requerem e conveiem, não só para exclarecer e exemplicar os objectos que pinta, mas inda para os-imbellezar, procurando-nos uma agradavel diversão.

Alguns, como, por exemplo, o da dama a quem magoou o amante incauto;—o do menino da ama castigado,—e o da bonina maltractada das mãos da joven que a-trouxe na capella, têem un mimo e belleza inexcedivel.

Un merito incontestavel possue ainda Camões que nos-cumpre aqui registrar; o qual consiste no imprego que faz dos *euphemismos*, por cujo meio consegue absconder e disfarçar as idéas tristes e displicentes.

Assim, para attenuar a imagem repugnante da *morte*, vale-se sempre de alguma circumlocução; v.gr.

A pallida doença lhe-tocava
Com fria mão o corpo infraquecido,
E pagaram seos annos d'este geito
Á triste Libitina seo direito.
CANT. III, EST. 83.

..... A escura noite eterna
Affonso apposentou no ceo sereno.
CANT. IV, EST. 60.

nha celebrar.—Devemos, porém, advertir que 'n uma longa serie de estancias se-torna un tanto monotono este metro pela repetição dos dois versos constantemente rhythmados no fin de cada estancia.— Mas tal defeito, que não póde disfarçar-se 'n un poema como a Hierusalem Libertada do Tasso, é não só desculpavel nos Lusiadas, senão que ainda tem o merecimento de ser favoravel ao estilo imitativo; por constar este poema da exposição de uma impresa maritima e da narração de uma longa viagem de mar, em que o estilo deve casar-se com o assumpto: o que é não só o que a arte nos-recommenda, senão o que observâmos na natureza.— O canto do nauta é monotono e cadenciado como o susurro das vagas; como o rugir surdo do vento e o arfar do navio com que parece estar em harmonia.

Temos notado que nas ilhas do Atlantico, e em todas as povoações maritimas onde nos-hemos achado, as canções populares têem un accento arrastado, e participam do ton monotono e surdo do mar: sam repassadas de uma melancolia filha d'aquellas localidades.

La Martine diz na *Graziella* que os modilhos maritimos de Napoles se-fazem notar que un accento arrastado, ou vibrante, que imita o quer que seja do gemer do costado do baxel, batido pelas ondas; e Stendhal, nos seos *Passeios em Roma*, refere ter ouvido uma cantiga de remadores napolitanos cuja toada era essencialmente lastimosa e triste.—Eis as proprias palavras do auctor:

«Fomos interrompidos por uma deliciosa cantiga napolitana, que muito me fez lembrar a nossa residencia

em Ischia.—Cantavam-na os barqueiros á noite, remando terra a terra.—Tem a toada plangente e melancolica; o sentido da lettra é:

«Quero construir uma casa no meio do mar (sim, no meio do mar) ha de ser feita de pennas (sim, de pennas) de pavão; terá as escadas de ouro e prata e as janelas de pedras preciosas. Quando a minha formosa Nena se-levanta (se-levanta) de seo leito, parece que vai nascer o dia.» [1]

Pena é que Stendhal nos não conservasse a lettra no original.—Podêmos, todavia, ver na repetição das palavras a monotonia imitativa de que tractâmos.

Camões não só appropria o estilo a cada un dos assumptos, mas inda imprega os meios de elocução adequados a excitar os varios affectos; sendo un d'estes meios a conveniente escolha que faz dos vocabulos cujas vogaes predominantes exprimem as intoações em que os mesmos affectos se-manifestam, e o collocar os referidos vocabulos de modoque aquellas vogaes predominantes venham a coincidir sempre nos logares onde a metrificação requer que os versos sejam accentuados. —'N isto consiste o principal segredo da elocução, como já 'n outra parte mostrámos. [2]

O imprego que faz dos agudos e dos exdruxulos, não é menos artificioso; como tambem já tivemos occasião de expôr. [3]

[1] Tom. II, pag. 333 e seg.
[2] Genio da Ling. Portug. Part. IV.
[3] Ibid.

Quando quer retardar o movimento da oração, recúa os accentos predominantes, impregando este meio cunctatorio para produzir o indicado effeito; v.gr.

Já aqui tinhamos dado un gran' rodeio
À costa negra d'Africa, e tornava
A prôa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o pólo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veiu
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e, descoberto,
'N aquelle ilhéo fez seo limite certo.

D'aqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar un tempo andámos em porfias;
Que, como tudo 'n elle sam mudanças,
Corrente 'n elle achámos tam possante,
Que passar não deixava por deante.

CANT. V, EST. 65, 66.

Quando, pelo contrario, quer accelerar o movimento da oração, escolhe as palavras que, pela accentuação, se-prestam a este fin; como é notorio no seguinte exemplo:

Alguns que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se-fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se-lançavam.

CANT. IX, EST. 67.

Na fala do Condestavel imprega o poeta o mesmo ingenhoso artificio, a fin de accelerar o recitativo das palavras e precipitar a oração; como é proprio do arrebatamento com que aquelle heróe indignado e cholerico increpa e ameaça os seos adversarios.

Tal é a brevissima analyse que havemos feito dos Lusiadas, do poema que resume todas as glorias da nossa patria; no qual, em verdade, se-incontram defeitos que a critica e o bon gosto não podem deixar de condemnar;—mas em que tambem ha quadros assombrosos que só concebe a *mens divinior*, e bellezas de tam subidos quilates que contrastam com tudo o que de mais sublime e gracioso inspiraram as Musas de Homero e Virgilio sob os ceos limpidos da Grecia e Italia.

Os Lusiadas estão marcados com un inimitavel cunho de grandeza e sublimidade.—Contêem formosas descripções, imagẽes e pensamentos elevados, similes frisantes, episodios terriveis, grandiosos e patheticos.

Se houvermos de comparar Camões a Homero e a Virgilio, diremos que excede o primeiro tanto no pathetico, como na belleza das comparações de que o vate Meonio fez un imprego assás frequente.—É inferior ao segundo na doçura e harmonia do metro; mas eguala-o na sensibilidade profunda, e leva-lhe a palma na semelhança e propriedade com que pinta os characteres e na descripção das batalhas.—Junctamente a Virgilio e Homero excede Camões nos aphorismos, nas sentenças moraes, e nas maximas philosophicas, politicas e militares.

FIN

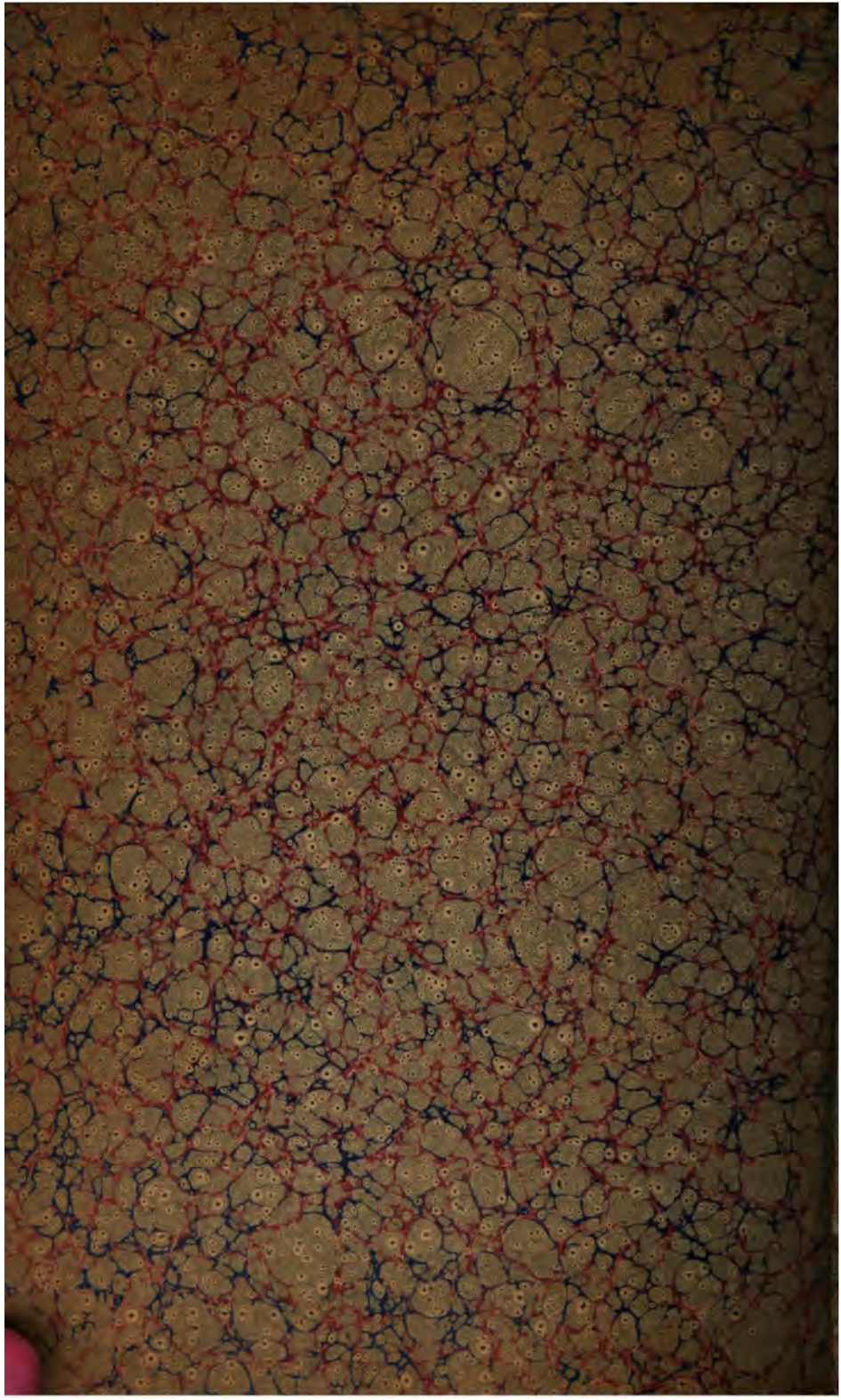
INDICE

Introducção..... Pag. 5
I Camões..... » 81
II Os Lusiadas..... » 175

ERRATA

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
7	6	Quintiliano	Quinctiliano
9	4	horisontes	horizontes
12	18	mesma	mesmo
13	30	parasitas	parasitos
19	10	engana	inganna
20	30	encerrado	inserrado
26	12	exagerados	exaggerados
29	8	ensinamento	insinamento
»	9	do	dos
40	30	enfermidades	infermidades
43	18	entrando	intrando
44	10	á Elrei	a Elrei
49	10	encerram	inserram
»	14	enredo	inredo
57	6	se-entregavam	se-intregavam
62	4	empregou	impregou
»	24	empregos	impregos
63	10	empenho	impenho
64	14	visinhos	vizinhos
»	23	encerrar-se	inserrar-se
65	3	encheu	incheu
66	1	entravam	intravam
»	7	um	un
67	10	ensino	insino
69	2	empregos	impregos
»	17	se-emprehendia	se-imprehendia
74	22	dezesete	dezesepte
»	23	fim	fin
75	11	algum	algun
82	22	engano	inganno
86	8	Ceuta	Seuta
91	4	enganar	ingannar
»	23	a hypocrisia	á hypocrisia
96	21	Ceuta	Seuta
99	1	entoavam	intoavam
»	7	endoenças	induenças
105	17	enredado	inredado
108	6	encontra	incontra
110	2	entranhavel	intranhavel
111	3	engenho	ingenho
114	8	empresa	impresa
118	10	Ceuta	Seuta
122	10	embarcar	imbarcar
»	14	capitania	capitanea
126	20	enfadonho	infadonho
224	20	Priamcia	Priameia
242	11	exforça-se	esforça-se
251	5	naveganda	navegando
268	29	nitiscere	nitescere

N.B. A maior parte dos erros apontados provêm, como facilmente se notará, de não haver sido observada a orthographia etymologica, que o A. segue, e que o revisor, por descostume, confundiu com a vulgar, ou menos correcta.



3 2044 044 472 512

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

DUE OCT 18 '48

DUE NOV 27 '46

DEC 23 '50

WIDENER

DEC 27 1996

BOOK DUE

CANCELLED